This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 182 723

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

ALBERTO PIMENTEL

Seára em flor

VOLUME II

O verde da mocidade
pouco e leve tempo dura;
e aquella alegre verdura,
vista depois de outra idade,
já parece sombra escura.

D. Francisco Manuel—*Obras metricas.*

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1905

PRESERVATION
COPY ADDED
MC 3/90

Seára em flor

ALBERTO PIMENTEL

Seára em flor

VOLUME II

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1905

LOAN STACK

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

PQ 9261
P47S4
v. 2

III

MYSTERIOS DA MINHA RUA

637

É um perdoavel orgulho, inveterado desde o berço, o que nos leva a dizer «a minha rua» com referencia áquella em que moramos. Tanto conhecemos as pedras, as casas e as pessoas, que tudo nos parece nosso, e como que nos sentimos offendido, se alguem nos diz que a nossa rua não é alegre, clara, bonita.

Cada rua é um pequeno paiz, com seus habitantes, tradições, costumes, com sua politica e sua litteratura, real ou negativa, um paiz independente e distincto, vivendo a dupla vida das nações,— vivendo para si mesmo e para os estranhos por meio das relações diplomaticas que sustenta. Um sujeito que vem á nossa rua tratar d'um negocio é como se fosse um emissario que chega, uma embarcação que deita ferro, mas que ha de voltar á sua patria, á sua rua queremos dizer, concluidas as transacções politicas ou commerciaes que veio entabolar. Quando o recebemos, sabemos que estamos tratando com um estrangeiro

que falla a mesma lingua, e elle, ao encostar-se á nossa janella, sente que está em terra alheia, e tem mais saudades dos ares e das vistas da sua rua, que da sua «robe-de-chambre» e das suas moiras de marroquim ou de casimira.

Parece-lhe que se tivesse de viver alli, morreria de «spleen», de nostalgia, de desespero.

Quando mudamos de rua, é como se mudassemos de terra. Vamos tristes, desconfiados, como quem troca o que tem pelo que não conhece, e a verdade é que nunca mais pensamos na nossa rua sem deixar de sentir que ha lá alguma coisa em que ficou uma parte da nossa historia, da nossa vida passada — a nossa antiga casa.

Não, minha pobre rua, não hei de deixar de escrever algumas das paginas que andam ligadas aos teus oitenta predios. Estimo-te, quero-te muito, que me foste berço, que me tens sido lição e experiencia,

e que me estás dando assumpto para duzentas paginas.

És grande, és notavel, mereces chronica. Tens sido Capitolio e Rocha Tarpeia, despenhadeiro de muitas reputações, e chrysol de muitos mercieiros que estão hoje titulares; tens sido Calvario para muitos martyres, pelourinho para muitos ridiculos; sabes de muitas dôres obscuras, de muitas alegrias mysteriosas: és grande, ó minha querida rua — por isso a ti consagro este livro.

HISTORIA D'UMA LOIRA

Soit brune ou blonde,
Faut-il choisir.

Basta vel-a uma vez para ficar a conhecel-a. Bernardina é alta, espadaúda, loira, e o que mais a caracterisa de certo é uma graciosa madeixa com geito teimoso de querer incendiar-se nas flechas scintillantes que os olhos despedem. Para mim, este original annel de cabellos doirados, constantemente pendido sobre a fronte, como se o ferro de um cabelleireiro o inclinasse todas as manhãs, vale por todos os fulvos arrebiques d'aquella gentil cabeça.

Bernardina mora na casa fronteira á minha, com uma parenta velha, que voluntariamente a mandou educar ao collegio de Madame Podestá. Consta que tem um irmão na America, o qual lhe manda uma farta mesada todos os paquetes, e extraordinariamente alguns presentes de linguas seccas e de farinha de pau. Bernardina é romantica. Ás vezes, ao romper da manhã, vê-se ainda luz na sua vidraça: está a

lêr, a pensar, a devanear, se é que não arma á credulidade da visinhança accendendo a lamparina sem fechar as portas da janella.

Na primavera apparece radiosa, alegre, quasi petulante, com uma grande rosa-chá na cabeça; no outono deixa-se entrar da melancolia de Millevoye, empallidece, e tem tosse. Receitam-lhe tonicos para o estomago e, fortalecida a viscera digestiva, sorri em pleno esplendor da sua belleza ao tempo que desabrocham as flores nas pradarias.

Bernardina é o kalendario da minha rua, a folhinha que opportunamente annuncía os equinoxios.

Esta creatura, adoravelmente formosa, inspira-me medo, é preciso confessal-o.

Apavoram-me as amazonas de trinta annos que, experimentadas em inuteis escaramuças, andam sempre de aljava e broquel para investir contra o primeiro cavalleiro andante, fascinal-o e vencel-o.

As sylphides de quinze annos, leves, flexiveis, ethereas, deixam-se levar na garupa d'um cavallo, cuidando que vão para o ceu; não fazem mal a ninguem.

Em a mulher tendo trinta annos, leu por força ou ouviu fallar de Anacreonte e sabe que tem a maxima força na timida graça d'um sorriso em que empenha todos os recursos da diplomacia feminina.

Então é invencivel: possue a tactica militar de Moltke e a sagacidade politica de Bismark. Não ha metralhadora que lhe resista.

Pobre Thadeu! tu podes dar testimunho das amargas verdades que deixo consignadas. Pobre Thadeu!

Como elle era distincto com o seu *pardessus* côr de flôr d'alecrim, e a sua luva esverdeada, justa, a denunciar as articulações dos dedos! Nasceu para não trazer *badine*. Quando passava com ella, não parecia bem. Por que? Ia-a floreando ridiculamente? Não. Metti-a debaixo do braço, á maneira de negociante? Tambem não. Não sei dizer por quê. O Thadeu, de bengala, descia ao nivel do homem vulgar.

Era o namorado de Bernardina, um dos mil transeuntes da minha rua. Sabia quantas pedras tinham os passeios, e quaes eram as gotteiras mais para temer em dias de chuva.

De uma vez morreu um papagaio na visinhança.

Encontrei o Thadeu passada meia hora e elle disse-me:

— Aposto que não sabe uma grande novidade cá da rua?

— Não sei.

— Morreu agora o papagaio do Velloso.

— Sim! tornei eu. O peor é do pobre Velloso, pela razão de ser deputado n'esta legislatura.

— E então?

— Então... consta que era o papagaio que lhe soprava os discursos...

Estou a lembrar-me da apresentação que me fizeram do Thadeu.

— Tenho a honra de lhe apresentar Thadeu Geraldes, moço de modestia apenas comparavel aos seus muitos talentos.

— Estimo immensamente conhecel-o.

— Se lhe eu disser, — tornou o apresentante, — que o meu amigo Thadeu se dedica á cultura das lettras e anda trabalhando n'um formosissimo poema...

— Acredito.

— E se eu acrescentar que se denomina *Poema das loiras* a phantasiosa concepção do meu amigo?

— Felicito-o, abraço-o.

Thadeu Geraldes sahiu a protestar contra os gabos immerecidos do amigo, e a expôr o plano do seu poema.

Romontava-se arrojadamente ao genesis, e ia desencantar Eva ás sombras deliciosas do paraiso terreal. O paiz d'Evilath, onde nascia o ouro, era cingido pela tépida corrente do Tison. Eva mergulhou na onda crystallina e, quando emergiu, sentou-se a enxugar as tranças aljofradas á sombra d'um salgueiro. Sentiu-se bem; adormeceu. Como o cabello estava humido, pegou-se-lhe o pó doirado do solo. Ficou loira. O primeiro canto terminava aqui, depois de quatro ou cinco quadras lascivas em que apostrophava ás loiras.

Felicitei-o, instiguei-o a concluir o poema, que devia ser perfumado, auriluzente, esplendido.

— O poema das loiras deve escrever-se *à l'eau de rose*...

— Em papel *Masquet*, ajuntou elle.

— Rescender ao aroma da *Marechala*.

— Guardar-se no cofre das violetas de baile...

— Entre sabonetes inglezes...

Apertamo-nos a mão, sorrindo cordialmente.

Entrei á intimidade de Thadeu.

— Amo perdidamente a sua visinha, disse-me de uma vez.

— Suspeitava-o. Mas qual é a que o snr. ama: a loira ou a *outra?*

— Qual *outra?*

— A que não é loira.

— Está gracejando?

— Não estou.

— A Bernardina é só.

— Tambem eu suppunha.

— Mas então?

— Averiguou-se que ha, na mesma casa, *outra,* da mesma corporatura, da mesma elegancia da Bernardina, mas que não tem os cabellos loiros...

— Não póde ser.

— O amigo Thadeu é injusto para comsigo...

— Peço mil perdões. Mas é que sempre lá vi só a Bernardina, que eu amo perdidamente, doidamente.

— Alguem ha de amar a *outra*, decerto; eu é que lhe affirmo que não sou.

Thadeu ficou concentrado, aborrecido, impertinente.

Passados dias encontrei-o; aproximou-se e apostrophou:

— Enganou-se. A Bernardina é só.

— Olhe que não é...

— Digo-lhe que sim. Recebi uma carta em que me diz que não prescinde da minha companhia, que vive silenciosa e triste ao pé da sua velha parenta, que se suicida se eu me esquecer d'ella... e não falla na *outra* que o senhor imaginou.

— O amigo Thadeu, desposando a Bernardina, salva-lhe a vida, e tem tempo de destrinçar o mysterio que por emquanto se me affigura impenetravel. E o poema?

— O poema... no mesmo estado. Tenho andado aborrecido...

— É licito perguntar?...

— Com a *outra.*

— Mas isso não é motivo.

— Pois não é! Quero saber se a Bernardina é mentirosa...

— E se fôr?

— Se fôr, deixo-a suicidar.

— Não deixe. Mulher que em solteira não revele um só defeito é que o senhor não deve querer.

— Por quê?

— Porque elle apparecerá depois.

Decorreram dias.

— Outra preoccupação... disse Thadeu.

— Mais séria?

— Extremamente ponderosa.

— Qual?

— Tenho um rival — um rival de casaco exactamente do feitio do seu.

— É original! Eu suppunha que não havia um casaco igual ao meu.

— Ora essa!

— Porque ainda não tinha reparado no feitio... do meu casaco.

Recolhia-me uma noite. Vinha distraído pelo pas-

seio do lado da casa de Bernardina. Ella estava á janella, e descobri Thadeu, pela côr do *pardessus,* no meu portal.

De repente vem direito a mim com áres provocadores, reconhece-me, e recúa.

— Perdôe-me...

— Ó snr. Thadeu!

— Suppuz que era... o meu rival.

Respirei; elle tambem.

Bernardina ouviu o breve dialogo e escreveu-lhe ao outro dia, dizendo-lhe que serenasse o animo, porque ella era indifferente aos petulantes galanteios do ajudante do escrivão de fazenda do respectivo bairro, o qual ajudante tinha um casaco igual ao meu.

Jubilei com a honra de ter um casaco em tudo similhante ao d'um respeitavel funccionario, quando soube do caso.

Outrosim dizia Bernardina que o unico eleito do seu coração era Thadeu, o seu adorado Thadeu.

O certo é que todos os nomes, por mais chilros que sôem, se affiguram poeticos quando gorgeados na doce melopea de uma carta de mulher namorada.

Thadeu serenou, e voltou á primitiva preoccupação — a *outra.*

Não bastaram razões, conselhos, instancias. Revolvia-se em leito procustiano, andava agitado, tinha palpitações nervosas. Queria saber se a Bernardina era embusteira.

Não vem longe o desfecho da historia.

Thadeu foi um dia pentear-se ao salão do cabellei-

reiro Cruz, nos Loyos. Sobre uma *console* estava uma cabelleira velada por uma téla que denunciava perfume de mulher. O coração amoroso teve um presentimento. Chamou á puridade o dono da casa, e pediu que lhe deixasse vêr a cabelleira de que era depositario.

— É um segredo que não devo revelar. Por isso é que o senhor alli a vê coberta. Nada mais natural! Uma cabelleira para pentear...

— Mostre-m'a...

— Seria um imperdoavel abuso de confiança.

— Diga-me ao menos as iniciaes da pessoa a quem pertence.

— Póde ser. Um B...

— Um B! Bernardina!

E correu a descobrir a cabelleira. Era ella! a cabeça doirada de Bernardina, a madeixa teimosa, os mesmos anneis, os mesmos cabellos resplendentes!

Thadeu sahiu desorientado. Tinha porém um fito: correu a casa de Bernardina.

Badalejou á campainha; appareceu a criada. Era nova na casa; não o conhecia.

— Quero fallar á snr.ª — disse Thadeu dando á voz inflexões contrafeitas. Diga que lhe trago cartas, papeis, dinheiro do mano que está no Brazil.

Bernardina appareceu ao topo da escada. Tinha os cabellos pretos, era ella, a verdadeira Bernardina — a *outra*.

Soltou um grito. Thadeu rugiu de colera e afflicção.

O auctor do incompleto *Poema das loiras* embarcou para o Rio Grande do Sul, desgostoso, pallido, abatido.

Bernardina appareceu ao outro dia com as suas tranças flavas, tal como sempre eu a tinha conhecido.

É ella, a mesma, e continua a envelhecer com os cabellos... loiros.

A ROSEIRA DE CLARICE

(A SIMÕES DIAS)

O nome de Clarice poz-lh'o a modista em cuja loja a mãe era contramestra.

Quando Clarice desceu o ultimo refêgo ao seu modesto vestido, entréveceu a mãe. Foi realmente uma desgraça, e maior seria, se a modista não dósse á rapariguinha obra para costurar em casa, recommendando-lhe que não desamparasse a paralytica um só instante.

Sentiu-se Deus n'esta justa protecção.

Clarice desvelava as noites a costurar, sempre alegre e meiga, e ás vezes, entre o despegar d'uma tarefa e o começar outra, lia á mãe umas novellas antigas em que uma visinha a ensinára a lêr.

Na janella da casa havia um vaso com uma roseira que eram os amores de Clarice; sempre vinha cuidar d'ella pela manhã e ao fim da tarde. Não apparecia á janella para vêr nada que despertasse as attenções

da visinhança: era só para catar e regar a sua linda roseira.

Dava gosto ver a boa rapariguinha com o seu vestido côr de azeitona de Sevilha, o seu collarinho d'uma brancura irreprehensivel, e o seu avental igualmente claro e brunido.

Abria a vidraça, e debruçava-se sobre a roseira; acabava a tarefa, e fechava a janella.

De que côr tinha os olhos? Pareciam pretos, mas ao certo ninguem sabia. Se ella não olhava para ninguem!

A visinhança, por não ter que dizer da rapariga, começou a fallar da roseira.

Contava-se na rua que o namorado da Clarice embarcára, e que lhe disséra ao partir:

— Clarice, quando eu voltar, quero que esta roseira tenha flores.

O povo vasava um poucochinho de veneno n'esta phrase; é que o povo é mais malicioso do que muita gente pensa.

Outros diziam que a pobre rapariga tinha promettido a Nossa Senhora que lhe havia de pôr n'uma jarra todas as rosas que a roseira désse, emquanto a mãe fosse viva, e que cuidava da roseira para que as rosas sahissem bonitas.

A roseira era... um mysterio.

A verdade ninguem a sabia. A maioria dos visinhos admirava-se de que uma pessoa chegasse a querer tanto a uma roseira... como se a roseira fosse outra pessoa.

A estima, a amizade, o amor, diz a opinião geral que são vozes do coração que se prolongam porque um ecco as repercute; o amor, a amizade e a estima alimentam-se pois da seiva d'uma alma a que dão em troca o viço do seio em que brotaram.

O amor é isto, a permutação, o receber o que se dá, o deixar de viver a propria vida para viver a da pessoa a quem amamos.

E a roseira não fallava, não sorria, não amava, diziam. Loucura! A roseira dava flores, — correspondia, pagava em rosas o que recebia em desvélos.

Quando a mãe de Clarice morreu, suppunha-se que a roseira ficaria esquecida ao canto da janella. Não aconteceu assim.

Passados oito dias, Clarice veio a furto catar-lhe as folhas e regal-a.

Então, mais do que nunca, precisava d'aquelle allivio. Que lhe restava no mundo? A roseira... e pouco mais.

As flores espreitavam pelos vidros e pareciam dizer para dentro:

— Clarice, não tenhas medo; nós estamos aqui...

A velhinha morrêra, mas a modista continuava a dar que fazer a Clarice.

Passáram seis mezes de solidão, mas de solidão dulcificada por um pensamento constante, e a representação material d'esse pensamento parecia ser a roseira.

Ainda o mysterio!

O homem da modista, convidado por um irmão

que tinha no Brazil a interessar no negocio, convenceu a mulher a deixar Portugal e levou-a comsigo.

A modista despediu-se das senhoras para quem trabalhava, e instantemente lhes pediu que confiassem as suas *toilettes* a Clarice, allegando os merecimentos e a necessidade da orphã.

Das damas portuenses, que receberam o pedido, muitas procuraram modista franceza e poucas se afreguezaram com Clarice.

Ia a rapariguinha costurando noite e dia para amparar a sua vida e ser pontual no cumprimento das tarefas que lhe incumbiam.

Começou a sentir falta de forças e muitas vezes lhe descahiu o braço, de fatigado, sobre a costura. Já não podia ser tão pontual, mas ia trabalhando sempre e cuidando da sua roseira, que era a unica consolação que lhe restava no mundo.

Chegou a não poder levantar-se do leito; as freguezas, as poucas que tinha, mudaram de modista, e Clarice, afflicta por se vêr impossibilitada de ganhar o pão de cada dia, adoeceu gravemente.

De uma vez, anciada, encostou a cabeça ao seio da visinha compassiva que a ensinára a lêr, e começou a recitar esta oração:

«Senhora: Em rosas se trocaram as moedas da Rainha Santa e d'uma rosa renasceis Vós mesma, Mãe d'incomparavel amor, sahindo d'entre as petalas que se recortam para vos fazer altar. Por isso eu amo as rosas, Senhora, e por que são ellas as flores com que Vós quereis que vos festejem quando chega maio. Uma

voz, talvez a voz do vosso amor, me segredou em sonhos que plantasse uma roseira e que estimasse as rosas, porque ellas me haviam ainda de servir como se fossem de ouro.

«A roseira tem sido os meus amores, e as rosas as paginas do meu livro d'orações. Sei que me não desamparaes, Senhora, porque ainda não está cumprida a promessa, e por isso invoco o vosso bemdito nome, dulcissima Rosa dos jardins do céo!»

A visinha, ouviu-a respeitosa e commovida. Sentiu-se impressionada e chorou.

Clarice reparou nas lagrimas e disse maviosamente:

—Ah! escutou! É verdade, minha boa amiga, é verdade, olhe que desde que ouvi aquella voz, tenho a esperança de que me hão de servir as rosas como se fossem de ouro.

Clarice ia peorando a olhos vistos, mas não deixava de cuidar da sua roseira, que estava florida e bonita, saudando a primavera.

Precisou de vender tudo, foi vendendo primeiro a roupa, depois os poucos moveis, e no dia em que morreu estava para vender o seu vestido côr d'azeitona de Sevilha.

O que havia em casa só chegava para comprar o caixão. Vestiram-lhe o unico vestido que appareceu. Ia composta e pregada, como se fosse uma noiva; todavia alguem estranhou que uma rapariga solteira não levasse uma unica flôr.

Lembraram-se então da roseira que estava florida. Cortaram todas as rosas, todas, e puzeram-lh'as no re-

gaço. Estava bem bonita: conhecia-se a pobreza, mas a gente gostava de a vêr assim.

Foi feliz. Bem dizia ella que as flores lhe haviam de servir *como se fossem de ouro.* Lá as levou comsigo, como a rainha de Portugal levava o dinheiro dos pobres, no regaço. Morreu namorada do seu constante pensamento.

Agora, Simões Dias, me lembra a mim uma coisa. O que é a poesia senão este pensamento constante que nos domina e com o qual morreremos felizes? Os outros não nos comprehendem, pasmam do mysterio, mas nós vivemos para a nossa ideia como Clarice para a sua roseira.

O SEGREDO DOS DOMINÓS

I

(CARTA DE R. A J. E.)

21 de Fevereiro de 1870

São cinco horas da manhã. Nem me deitei nem dormi. Se estivesses no Porto, ter-te-ia procurado, ha duas horas, para despeitorar comtigo uns casos mysteriosos que trabalham dolorosamente o meu espirito. Estou em pleno romance, não no romance placido e suave de Feuillet, mas no romance tenebroso de Terrail. O destino fez de mim uma especie de *Valete de Copas*. Como porém não tenho a agilidade de Rocambole nem a cabeça de sir Williams, é de suppôr que não cante victoria.

Uma onda da vida arremessou-te para o remanso lareiro da provincia. Prouvera a Deus que eu compartisse d'essa patriarchal tranquillidade n'este momento.

Fui hontem ao baile de mascaras do Palacio. Andava aborrecido dos outros e de mim; de todos e de

tudo. Ás onze horas um dominó preto com laço azul convidou-me a retirar-me para um sitio menos exposto, onde pudessemos conversar livremente. O dominó preto era uma mulher — uma mulher — que se adivinhava pelas formas, pela voz, pela delicadeza da mão e do pé e, sobre tudo, por o *sachet* das suas roupas, estonteante como a essencia de todas as flores reunidas.

— Chamas-te R..., apostrophou o dominó pronunciando o meu nome e appellido.

— É verdade que sim.

— Nasceste em..., tens tantos annos, moras em tal rua, jantas a tantas horas e...

— E?

— E... amas F... a quem costumas ir ver a tantas horas, fallar a tantas, e escrever a tantas...

Havia tal exactidão nas palavras do dominó, que comecei a interessar-me progressivamente.

— Já vês que te conheço de perto...

— Vejo que sim.

— E, desejava sabel-o, inspiro-te confiança?

— A confiança que inspira um mascarado que nos conhece.

— Só?

— Por emquanto, só.

— Pois bem. Dir-te-hei mais. Foi n'um baile que tu encontraste F. Sahiste da sala amando-a. Ao outro dia escreveste-lhe. Instaste pela resposta, pediste, exoraste e, volvidos trez dias, recebias um *enveloppe* perfumado. Depois d'isso, começou o idyllio dos teus amores. E agora?

— Agora, mereces-me extrema confiança.

Era extraordinario! Quem poderia ser? Fernandina não tem irmãs e, que eu saiba, não tem confidentes. Mas o dominó estava iniciado nos segredos da minha vida, e não era Fernandina.

— Bem. Quiz mostrar que te conhecia, que estava de posse da tua vida intima, para te pedir um favor...

— Dize.

— O de acceitares uma entrevista, amanhã, em qualquer parte, a qualquer hora que queiras. O assumpto interessa-nos igualmente; basta que te diga isto.

— Irei.

— Espera. Pensa, reflexiona. Antes de sahires, procura-me, e responder-me-has então. É de suppor que *alguem* venha inquirir do que eu te estive dizendo.

— Pois espionam-nos? interroguei verdadeiramente admirado.

— Espionam, sim. Á pessoa que te interrogar responderás com tedio e com altivez. Não revelarás nada do que se passou. E, disse o dominó furtando-se á luz tanto quanto lhe foi possivel, se perceberes que é mulher, e se insistir grosseiramente, ameaça-a com este punhal...

— Um punhal!

— Cala-te, que nos podem ouvir. Receará do punhal, e calar-se-ha.

Começava uma valsa. O dominó soltou-se com vivacidade do meu braço e murmurou: *até logo*. De-

pois vi-o perder-se na turbamulta e, passados instantes, descobri-o valsando, cingido pelo braço arqueado de um *pierrot*.

Estava eu voltado para o sitio onde se dançava, quando senti pousar no meu hombro a mão d'alguem. Voltei-me de golpe e vi, melhor diria adivinhei, a mais delicada mão de mulher, desenhada n'uma adoravel luva côr de perola. Outro dominó, meu amigo, um dominó azul, todo azul como o céo; — outra mulher, de certo não menos formosa, e além de tudo isto, com o mais lindo *bouquet* de violetas que jámais vi.

— Ouve-me, disse o dominó azul dando-me o braço. Sou mulher, como decerto já adivinhaste. Sou fraca, porque não tenho o braço varonil das antigas heroinas portuguezas, mas sinto bater no peito um coração de romana. Não te offenderia, porque és forte, mas não consentiria que me offendesses, porque sou digna. Sou a verdadeira mulher, meu caro. A mulher é exactamente isto — um mixto de força e de fraqueza, pomba e açôr, creança e athleta. E poderias tu offender-me, a mim, que sou fraca, porque sou mulher, mas que me sinto corajosa, porque tenho do meu lado a razão, a justiça, a dignidade? Não; tu és um cavalheiro R., um perfeito cavalheiro. Pódes deixar-te dominar um momento pela surpreza d'um anonymo que solicíta de ti uma coisa a que não deves annuir, mas, dando-te um momento para reflexionares, has de revoltar-te contra a tua propria credulidade, contra a tua mesma ingenuidade, e sentirás então renascer em ti os impetos indomaveis da tua dignidade cavalheirosa.

Sei quem tu és; sei muito bem. (E o dominó azul disse o muito que sabia da minha vida, quasi tanto como o dominó preto).

Eu estava suspenso, admirado, quasi sem tino.

O dominó azul continuou:

— Vês pois que estás fallando com uma mulher que te não deshonraria, se a trouxesses pelo braço desmascarada. É esta mulher que te pede, em nome da tua honra, que lhe reveles quanto ha pouco te esteve segredando o dominó preto.

— Não, não me peças em nome da minha honra, respondi eu. Não se pede a ninguem, em nome da sua honra, que revele um segredo, que seja desleal e poltrão. Mascara, chamaste-me cavalheiro; não me offendas pois.

— Não te offendo. Quem te pediu segredo? Um dominó, poderás dizer, um dominó como eu. Tens razão. Compara porém o que eu te tenho dito com o que o dominó preto te disse, adivinha o que a tua sagacidade deve adivinhar, completa a pessoa pela linguagem da mascara e pelo que adivinhaste, e dize-me se uma voz interior não te está convidando, n'este momento, a acreditares nas minhas palavras.

— Está, disse eu. Iria jurar que és uma creatura digna. Empregas meios delicados, és polida e amaneirada, ao passo que o dominó preto...

— Oh! dize, se te mereço...

E contei tudo, meu amigo, contei tudo o que o dominó preto me disse; fallei até do punhal.

Fui um imbecil, um pusillanime, não fui? Que

queres? Cedi á vertigem do momento. Não pude resistir, contei, fallei... Eram tão eloquentes as palavras do dominó azul! Depois as luzes, o movimento, o borborinho, as violetas e — a luva! Perdoa-me. O dominó preto não era tão suave, tão ameno. Ia apostar que serias tão fraco como eu...

Depois, a gentil desconhecida, quando lhe prometti que não acceitaria a entrevista, inclinou-se para mim e murmurou:

— Obrigada. Ámanhã, escrever-te-hei. Espera em casa pela minha carta. És cavalheiro: escuso de pedir que não mostres o que te escrever.

— A ninguem.

— Palavra?

— Palavra.

— Nem a Fernandina?

— Nem a Fernandina.

— Pois bem. Aqui tens em paga, e deu-me o encantador *bouquet* de violetas. Repara bem, acrescentou. O dominó preto deu-te um punhal, que é a arma das emboscadas; eu dou-te flores, que são o punhal dos namorados...

Apertou-me a mão, e fugiu.

Antes de sahir, procurei o dominó preto.

Apenas me descobriu, caminhou para mim, e disse:

— Esse *bouquet* denuncía que foste fraco. Admira! Espero porém que o futuro me vingará. Adeus.

— Olha, tornei eu. Guarda o teu punhal.

— Guarda-m'o tu, sim? e dar-m'o-has quando te

resolveres a acceitar a entrevista. Domingo voltarei aqui.

E não esperou resposta.

Que pensas de tudo isto? Eu perco-me em conjecturas e receio endoudecer. Será tudo uma comedia de carnaval? Será. Se é, vale a pena admirar actores de tal merecimento.

O que me escreverá ámanhã o dominó azul? Quem será o dominó preto?

Vou vêr se consigo dormir. Ámanhã escreverei a contar o que se passar.

II

(CARTA DE R. A J. E.)

22 de Fevereiro de 1870.

Eram quatro horas da tarde, quando hontem cheguei da Praça.[1] Sentei-me mal disposto á mesa e, passados minutos, chamei o criado para me servir o café.

Tive de renunciar a deglutir a minha predilecta talhada de pudim. Aponto esta eloquentissima circumstancia para avaliares do estado em que me encontrei. Ainda o pobre *groom* não tinha pousado na bandeja a chavena do café, já lhe eu estava gritando com impertinente mau humor:

— Germano, cognac.

— Germano, charutos.

— Germano, phosphoros.

— Germano, o cinzeiro.

[1] Assim chamavam então os negociantes á Rua dos Inglezes, onde se reuniam. *Nota da presente edição.*

*

Passei a noite na mais inquieta insomnia d'este mundo.

Que labyrinthos, que palacios encantados, que mysteriosas grutas não creou a minha phantasia, quando me estendi no leito e mergulhei suavemente a vista no globo azul da lamparina! Por que mundos ignotos não vagueei eu, sempre conduzido pelo dominó das violetas, caminhando de mysterio em mysterio, agora desembocando das sombras d'uma caverna no atrio esplendido d'um palacio, logo atravessando o jardim d'um castello feudal para entrar n'uma galeria orlada de plantas tropicaes, de candelabros, de bronzes, d'espelhos, de quadros e de fontes de marmore e de jaspe!

Que delicioso viajar! E todavia despertava de vez em quando e despregava os olhos do globo da lamparina para os levantar ao *bouquet* de violetas que se conserva ainda sobre a *étagère,* na pequenina jarra tambem azul, que tem servido de pedestal a mais d'uma graciosa pyramide de flores, a mais d'uma encantadora recordação...

Oh! mas nenhuma tão deliciosa e tão inquietadora como esta!

Espera: Parece que uma combinação harmoniosa presidiu á escolha dos mais insignificantes objectos do meu quarto, *petits bijoux* que eu, por via de regra, compro sempre distraído, accendendo um charuto ou enviezando um olhar para alguma *cocotte* que está escolhendo fitas ou flores.

A côr predominante é a azul: azul a lamparina, a

jarra das violetas, a saboneteira, os castiçaes do piano; — e ainda azues, o cinzeiro e as braçadeiras do cortinado! Pois o dominó das violetas era tambem azul!

Não sei porquê, adivinhei sob o capuz de seda a cabeça gentil d'uma portugueza, e verdadeiramente me esqueci do dominó preto, que denunciava uma hespanhola, desenvolta e arrogante, capaz de cravar o punhal se lhe interromperem a *siguidilla.*

Eil-as, as encantadoras violetas! Formosissimas flores que vos debruçaes da *étagère,* affigura-se-me o vosso destino igual ao da mysteriosa creatura que artisticamente vos enfeixou em tão gracioso *bouquet:* sois modestas como ella e, assim como vos escondeis entre a vossa humilde folhagem, se occultava ella na pequenina mascara de fôlho recortado.

Um poeta escreveu da violeta estas palavras que eu decorei algures e que me estão parecendo agora um *à propos:*

> Comme le bienfaiteur discret
> Dont la main secourt l'indigence,
> Tu me présentes le bienfait
> Et tu crains la reconnaissance.

Sois, ó queridas violetas, o raio de luz ejaculado d'um fóco mysterioso. Agradeço-vos, bellas flores.

Aqui me estava eu a conversar as minhas violetas, esquecido de ti, meu amigo, a quem preciso contar as mais gratas e ao mesmo tempo as mais tempestuosas confidencias da minha vida.

Não tinha ainda recebido a carta do dominó azul

e, para enganar a propria anciedade, para matar o tempo, para socegar um instante, queria adormecer, alienar a minha individualidade, esquecer-me de mim mesmo.

Bebi o ultimo gole de *cognac* e reclinei-me na *chaise-longue*, com os olhos meio cerrados, entre o somno e a realidade, á oriental, como se tivesse tomado opio.

Adormeci, morri, se antes queres, porque nem senti, nem vi, nem ouvi. Anesthesiei-me e do *rêveur* que fôra, tornei-me estupido, duro, material como qualquer parallelipipedo da minha rua [1].

Accordei. Quando me recostei na *chaise-longue* marcava cinco e meia o relogio do tremó; quando despertei, eram sete horas.

— Germano, Germano, chamei eu. Veio alguem, alguma carta, alguma coisa?

— Não veio nada...

— Germano, Germano...

— Senhor!

— Ah! Vai-te embora.

Olhei para o relogio. Sobranceira ao mostrador está, como sabes, a veneranda figura do Tempo esculpturada em bronze, d'um aspeto sinistro e grave, medindo as horas e continuamente com os olhos cravados na terrivel ampulheta.

Oh! era atroz! E não fallava, o mono pagão, não

[1] Referencia ao calcetamento das ruas do Porto com parallelipipedos de granito — *Nota da presente edição.*

dizia o velho monstro se tardaria muito a desejada missiva da bella desconhecida!

Comecei a lembrar-me d'um logro de baile de mascaras, d'uma simples intriga de carnaval.

Mas o punhal? O que significa um punhal de fino aço com um bonito cabo de marfim trabalhado de lavores artisticos?

Lembrei-me do dominó preto, do dominó que eu tanto rebaixava no meu espirito, e que, verdade verdade, era elegante, airoso, esbelto como a corypha das indias orientaes. E por que o deprimia eu? Porque elle tirára do seio um punhal e me dissera: «Ameaça, fere, sê homem»? Porque parecia mais varonil e menos amaneirado, menos parisiense? Aquella mulher revelava alguma coisa d'andalusa e não é no coração feminino, embalado pelas velhas tradições do Cid, que fermentam as paixões vulcanicas das heroinas peninsulares?

Não seria esta a verdadeira mulher de romance e a outra apenas uma creatura embuída na leitura de novellas francezas, uma *soubrette* que se estuda na véspera d'um baile de mascaras para se afidalgar no dia seguinte com as suas violetas e com a sua hypocrisia?

O punhal, que ella me entregou, está ainda virgem, espelhante, luzidio, não rasgou ainda um seio, nem sequer uma renda, ia jural-o. E confiou-m'o assim immaculado, pensando que eu o estimaria, que o guardaria no estojo das minhas pistolas.

E que fiz eu?

Esqueci-o, abandonei-o, insultei-o para me embellesar na contemplação das violetas e me absorver na recordação do dominó azul.

Todos estes pensamentos oppostos se embatiam precipitadamente no meu espirito; sentia incendiar-se-me o cerebro, fatigado pelo choque de mil incoherencias.

Abri o piano, n'um impeto, quasi sem saber o que fazia. Dedilhei o *brinde* da «Traviata», que naturalmente me occorreu, o *libiamo né lieti calici*, este convite á verdadeira felicidade terrena, á vida ruidosa, alegre, despreoccupada.

Fui logico, sem consciencia de que o era.

Aquella devia ser, n'esse momento, a linguagem da minha alma agitada por um estranho sentimento docemente voluptuario.

De repente lembrou-me Fernandina; — era a hora de fallarmos, de mutuarmos as nossas confidencias.

Mas se a carta viesse, e eu tivesse sahido, privar-me-hia do prazer de a lêr immediatamente, de rasgar n'um momento o setinoso *enveloppe* rescendente ao *parfum à soi*, — como diria um parisiense.

Mas não vêr Fernandina, não lhe fallar...

Seria a primeira falta. Imploraria o seu perdão, ouvir-me-hia meiga, e perdoar-me-hia.

Passei os olhos pelos jornaes, corri-os de alto a baixo, como um negociante que procura os preços correntes.

Accendi um charuto; achei-o mau: recusei mais dois.

Impacientava-me vêr que não vinha a carta, e que já não podia ir fallar com Fernandina.

Era tarde: nem uma cousa nem outra.

Vesti-me, chamei Germano, e disse-lhe:

— Vou para o Club; se vier uma carta, se vier alguem, vai procurar-me, chamar-me, n'um momento: entendes?...

E fui, fui aborrecer-me na sôrna sociedade do Club, entre uns sujeitos que sempre me pareceram ridiculos, e hontem se me affiguraram ridiculissimos.

Hoje, ao despertar, entregou-me Germano duas cartas. Adivinhas de quem? Uma de Fernandina, a outra... do dominó azul.

Ámanhã contarei; quero ser extenso, e hoje não posso.

III

(CARTA DE R. A J. R.)

23 de Fevereiro de 1870.

A epistola do dominó azul dizia assim:

«Antes de tudo e sobre tudo, a delicadeza. Prometti que te escreveria hontem e has de acreditar que me foi completamente impossivel fazel-o, se te lembrares da gratidão que te devo, desde o momento em que me revelâste as confidencias do dominó preto.

E depois não haveria outro motivo, que não fosse de simples cortezia, a impellir-me para ti, a chamar-me para o teu coração?

Adivinha.

Uma mulher, n'um baile de mascaras, deixou-te perceber o segredo do seu coração, solicitando de ti uma hora de *tête-à-tête* em que pudesse dizer-te, decerto — amo-te. — Mas como soubesse que a par do seu amor rebentava outro amor, que mirava ao mesmo alvo, maior que o seu, mais nobre, mais ardente, mais

digno, tirou do seio um punhal e convidou-te a descéres ao nivel do scelerado, que vai lançar-se nos braços d'uma mulher calcando o cadaver d'outra. E eu arrisquei-me a abeirar-me de ti, sósinha, fraca, indefesa, com o meu amor, com o meu ciume, com as minhas esperanças, com as meus receios, e ousei dizer-te, porque te amava, mais do que *ella*, mais do que eu mesma devia amar: — «Aqui tens o meu seio; embebe n'elle o punhal da mulher que me aggride no caminho da minha felicidade como um salteador d'estrada, mas deixa que eu morra, murmurando — adoro-te.»

Ah! mas a mim ou a *ella* quem nos investiu do direito de nos disputarmos, em lucta encarniçada, a tua alma, a tua vida, o teu destino? Pois não amas tu? Não vibram as cordas da tua lyra intima as doces harmonias dos amorosos idillios? Amas, é certo.

No azul do teu horizonte recorta-se, avulta, sorrite a imagem de Fernandina. É ella a eleita do teu coração, é verdade.

Que pensas tu porém que seja o amor, R.?

O amor é o beijo das almas, e um beijo póde durar um momento... O amor, immaterial como as essencias do nosso toucador, póde volatilisar-se como ellas...

Da mulher é que depende prolongar a duração do osculo ou comprimir o aroma carregando na capsula de pellica com o seu dedo rosado e fino.

E Fernandina saberá demorar o encanto, o extasis da tua alma, saberá embalar-te por muito tempo na rede deliciosa dos affectos com o baloiço compassado do escravo americano, docemente, como n'um tran-

quillo sonho da sésta no arvoredo sombrio da chácara?

A tua alma essencialmente sonhadora, livre, febril, deixar-se-ha vencer n'este suave remanso e conservar-se-ha submissa o tempo preciso para que Fernandina não possa julgar-se infeliz uma unica hora da sua vida?

Fernandina é boa, é pura, mas não póde acompanhar-te nos devaneios ardentes da tua imaginação.

Tens viajado, tens luctado com o mar, com as tempestades, sonhaste já sobre as aguas azues do Adriatico, cantaste amores na gondola d'uma veneziana que te enamorou, atiraste-te cheio de mocidade aos turbilhões de Pariz, prendeste á trança negra d'uma hespanhola a flor da tua *boutonnière*, e pensas que podes ser feliz amando a mulher que te patentea, cada dia, o sacrario da sua alma, cheio d'affectos serenos como o céo da primavera?

Amo-te, mas involvo-me para isso em sombras mysteriosas, que tu não poderás rasgar facilmente, cubro a face com a seda da mascara, e aspiro a ser amada emquanto me esconder na penumbra que me cerca.

Depois, desfeito o mysterio, ha de quebrar-se o encantamento, bem sei; apenas me basta, porém, que me ames uma hora para morrer feliz.

É a fabula de Psyché, meu amigo. Sábel-a? No seu palacio maravilhoso recebia todas as noites o Amor, o qual procurava sempre um disfarce para se não dar a conhecer, sem jamais deixar de impor a condição de não ser instado a desmascarar-se. O mysterio at-

traía a felicidade. Mas Psyché foi indiscreta, quiz ver, conhecer o seu mysterioso amante, e desde esse momento deixou-de ser feliz.

Ha certas creaturas cuja alma tende para o ignoto, e tu pertences a esse numero.

Tens o gosto das viagens, o instincto de *touriste,* porque só desejas vêr o que não conheces.

As ondulações do meu dominó escondem um mysterio, deante do qual has de estacar por algum tempo, perplexo, confuso, aturdido como os caminheiros deante da Sphynge da fabula.

Só assim posso captar a tua attenção, não porque me julgue indigna de merecel-a, mas porque só n'esta mysteriosa teia é dado prender-te, borboleta inquieta.

Acceita estas linhas como se fossem um cartel. Provoco-te a amares-me, emquanto eu apparecer no teu espirito como um enygma vivo, encarnado em seda azul. Se um dia puderes descobrir o segredo, vai-te com a gloria de teres matado a charada, que eu ficare com o mais consolador orgulho que uma mulher póde alimentar — o de se fazer amar do homem por quem deseja ser amada.»

Sóbe a tal ponto a minha admiração depois da leitura d'esta carta, que me abstenho de fazer quaesquer commentarios.

Os acontecimentos com tamanha celeridade se precipitam, que nem sequer me dão tempo a pensar. Pensa tu por mim, se queres, se podes.

A carta de Fernandina continha estas palavras:

«Se estarias doente? Se te aconteceria alguma cousa? Levei o dia a pensar em tudo isto. Não vieste, não escreveste...

Soube pelo papá que tinhas estado na *Club*. Ah! como eu chorei depois que o soube! Esquecer-me-hias? Não, a mim pergunto e a mim propria respondo que não pode ser. Tu és bom e nobre. Não me esqueceste, não me podias esquecer.

Que fatalidade! Hoje, ás onze horas da manhã, vou com a mamá para Villa do Conde: está a morrer a M. A. Demorar-me-hei? Não sei, infelizmente não sei. Escreve-me, sim? Dize-me o que foi, o que aconteceu. Vou com o coração despedaçado.»

Pobre Fernandina! a pensar em mim, a chorar por mim, a affligir-se, a envelhecer por minha causa. E eu absorto em mil pensamentos diversos, tumultuarios, enlabyrintados, sem ter a coragem de a ir vêr, de lhe ir fallar, renunciando ao mysterio, ao enygma, ao ignoto! O dominó azul, quem quer que é, tem razão.

Fui para o escriptorio com tenção de escrever de lá a Fernandina. Tive que fazer, andei, demorei-me, e só depois de jantar lhe pude responder, desculpando a minha falta com a azáfama de negocios urgentes e importantes.

Subi ao mirante, ao meu mirante chinez, para fumar aquelle charuto que é para mim o ponto final d'este succolento artigo do diario da vida — o jantar.

Victor Hugo costuma escrever no *look out* do seu ninho de Guernesey; eu, não obstante ter o cerebro

obumbrado pelos vapores da digestão, sinto-me bem a fumar na janella do mirante, depois de jantar, especialmente quando me preparo para acontecimentos novos.

Com os raios do sol poente lampejavam as cupulasinhas oitavadas das clara-boias nas casas da cidade — esses agudos olhos de vidro que espreitam para o céo e irradiam para o interior das casas a alegre claridade que inunda as escadas e os patamares.

Quem dera que nas cabeças rombas de seis viscondes meus visinhos, proprietarios de seis das supraditas casas, se pudesse abrir uma fresta para dar passagem ao senso commum, uma clara-boia intellectual que filtrasse um raio de luz nas regiões encephalicas dos ventrudos titulares! Sahi indignado contra os viscondes. Fui para o *Club* e encontrei-os lá. Não se póde dar um passo sem se encontrar um visconde. Agora, uma hora da noite, estou sentado a escreverte, calmada um pouco a furia viscondicida.

IV

(CARTA DE R. A J. E.)

24 de Fevereiro de 1870.

O *dominó preto* não se deixou tambem ficar silencioso. Escreveu. Mando-te copia da carta, que recebi em bonito papel côr de rosa, e diz assim:

«Foste fraco, sei que o foste, e não te crimino. Um homem da tua tempera é capaz de luctar com o tigre, arca por arca, até cahir ou vencer, mas deixa-se impressionar pelas lagrimas d'uma creança. Grande defeito e maior virtude ainda, inherentes ao teu caracter cavalheiroso.

Attendeste-me, escutaste-me, acceitaste o punhal que te offerecia; adivinhaste em mim a mulher que receia outra e procura vedar-lhe o passo no caminho que precisa de ter livre, porque o amor, o amor immenso, verdadeiro, profundo, é cego, egoista e orgulhoso.

Estranhaste vêr armado um braço franzino, apenas costumado ao contacto das rendas e das pulseiras. Estranhaste, é verdade, mas logo a tua admiração foi dominada por uma ideia unica que se deixava adivinhar. Conheceste que decerto havia alguma cousa de singular, de nobre, de maravilhoso em tudo o que estavas vendo e ouvindo, e passou-te pela imaginação, que o percebi eu, a lembrança de que tudo quanto se te affigurava maravilhoso, nobre e singular era um sentimento indomavel, grande de mais para caber em peito de mulher. Esta ideia aniquilou a impressão do primeiro momento.

Ah! é um grave erro o que leva os homens a estudarem o coração da mulher pela amenidade d'um lago, sempre dormente e cristallino, apenas capaz de se agitar em leves ondulações, quando lhe lançam impetuosamente um seixo côr de rosa. Este movimento da agua, dizeis vós, é como o do coração feminino agitado por um sentimento; — uma tempestadesinha, deixa-me assim dizer, que uma pequenina onda foi communicando a outra, e essa a outra, mas que parou á quarta ondulação, voltando o lago á primitiva tranquillidade.

Sois orgulhosos e injustos, homens. Chamaes-vos os *reis da creação* e quereis dar ao vosso coração a grandeza e os impetos do mar. Um affecto é para vós uma tempestade, e o que para vós é tempestade, dizeis, é para nós simplesmente uma ondulação.

Bonita philosophia!

Estaes em desassisado erro, pobres desvanecidos.

Responde a isto: As vossas esposas e as vossas amantes acaso não comprehendem o que no vosso amor ha de fervoroso? Acaso não vos correspondem ellas com a mesma intensidade, e não vos deliciaes ao ouvir o ecco dulcissimo que na alma da mulher está repercutindo os fremitos da vossa paixão?

Se isto é verdade, o coração da mulher é tamanho, tão nobre e tão profundo como o vosso, porque pôde conter em si tudo o que no vosso era amor...

Se não é assim, sois uns ridiculos loucos que andaes a endeusar a estatua de marmore, que não vos comprehende, só porque a belleza esculptural vos namorou os olhos cubiçosos.

Quem te disse que eu não amava doidamente? Tu comprehendeste-o n'um momento, n'um relance, mas logo depois veio o orgulho de seres tu o mobil de tão vehemente paixão, e após o orgulho veio a philosophia que faz do coração feminino uma coisa insipida e mórna.

Não, a mulher é capaz d'extremos, a mulher verdadeiramente apaixonada, a mulher profundamente namorada, completamente cega — e essa mulher... sou eu.

A mulher portugueza, que vive sob este placido céo do occidente, que respira n'este clima docemente temperado e que exprime os seus affectos na melancolia saudosa do idioma lusitano, tambem é capaz de sentir, de amar, de inflammar-se.

Estamos perto da Hespanha, meu caro, e esta aproximação dos dois paizes faz que haja entre elles

alguma coisa de commum, comquanto vivam ambos independentes.

Vai n'uma tarde de verão ás alamedas do Prado para veres a hespanhola. Lá a encontrarás affavel, doce, seductora, cortando meigamente o ar com os adejos da sua ventarola. Assim, parecer-te-ha fraca e timida como a portugueza; mas nem uma nem outra o são.

Se uma nasceu embalada pelos murmurios do Manzanares ou do Guadalquivir, a outra ama e sorri enlevada na melopea ineffavel do Douro e do Tejo. Uma e outra se deixariam ir á morte, ao sabor da corrente do seu rio patrio, como Ophelia, postos os olhos na estrella querida. Mas uma e outra serão fortes, corajosas, indomaveis, se alguem, se outra mulher principalmente, lhes quizer rasgar o seio, para lhes arrancar o coração e calcal-o aos pés.

Appareceu-te «outra mulher», que sahia da sombra para contraminar a obra do meu amor. Trazia flores, vinha preparada para um effeito verdadeiramente theatral, e as suas flores, como as da lenda, tiveram o condão de adormecer-te. E o caso é que dormiste, e te esqueceste do meu punhal, que eu tive guardado entre as rendas do seio; esqueceste-te de mim, do meu amor, e de tudo o que se te affigurou extraordinario!

Quando se dissipar o encanto das flores, accordarás dó somno magnetico e voltarás a mim, escutar-me-has, e... amar-me-has então. É quanto basta. N'esse dia cortarás com o meu punhal o ultimo laço que te

prenda ao *dominó azul* e o ferro que tu despresaste quero-o então receber de novo purificado, de novo digno de mim».

São tão anormaes todos estes successos, que me fiz juramento solemne de não aventar o menor commentario, bem sabes. Continúo entre Scylla e Charybdis, entre um mysterio que se chama *dominó azul* e outro mysterio que se chama *dominó preto*. O resto pertence ao futuro. Fernandina está ainda em Villa do Conde.

V

(CARTA DE R. A J. E.)

25 de Fevereiro de 1870.

Nunca eu pensei que por um singular capricho do destino tivesse d'acceitar um dia, inesperadamente, o papel de heroe no romance mysterioso em que os restantes personagens andam de mascara de seda e de punhal, como nas historias mirabolantes e nebulosas com que o snr. de Terrail está inundando a Europa.

Que eu tivesse o meu romance era justo; toda a biographia é um romance. Mas acreditaria eu, ha oito dias, o alviçareiro que me viesse dizer: «Não tarda muito que o *terralhismo* invada a tua vida. O mysterio vai cercar-te por toda a parte, na rua ou em casa, de noite e de dia?!» Não; não o acreditaria de certo.

Viajei, ouvi e li muitas novellas tratei até de perto muitas individualidades romanescas, mas só da comedia conhecia o caso de uma mulher se arrogar o

direito de se fazer amar por um homem. E' notavel! Não se trata porém d'uma só mulher: trata-se de duas; de duas mulheres que se dirigem ao mesmo homem com igual pretenção e igual esperança de serem amadas.

N'uma comedia d'Hoffmann, o protagonista, se me não engana a memoria, commette a imprudencia de apostar que se fará amar pela mulher a quem se dirige, dentro de um breve praso que elle mesmo estipula.

Isto, no theatro, namorou-me pela novidade do entrecho, pelo que na concepção ha de verdadeiramente theatral.

Suppunha eu que só a imaginação d'Hoffmann, aquella poderosa imaginação do escriptor tudesco, era capaz de pôr em acção, com tamanho éxito, recursos de tal modo extravagantes que deslumbram pela surpreza. Enganei-me; completamente me enganei. Os factos estão provando que a imaginação d'Hoffmann era apenas o germen que mais tarde veio a fructear as duas mais arrojadas imaginações d'este seculo. Os meus dominós vão mais longe: são dois e protestam que se farão amar exclusivamente pelo mesmo homem! Ah! isto é novo, meu caro J. E.!

E sempre vieram os commentarios, apesar de me ter imposto o dever d'esperar silencioso os acontecimentos. O que disse, está dito. Não razoarei mais, meu amigo, e já agora continuarei a desenrolar-te esta odyssea maravilhosa para que possas, na qualidade de *alter ego,* acompanhar os successos com o bom

humor de um revisteiro de theatro ou de um folhetinista de semana.

As palavras que se seguem não são de procedencia anonyma. Escreveu-as Fernandina; vou copial-as para que as possas lêr.

Fernandina não é a mulher do romance; é a mulher do idillio. Não esconde o rôsto na mascara de setim; pelo contrario, deixa vêr a sua face serena e meiga. Fernandina não diz que ama; ama ingenuamente; e ama porque não pode deixar de amar. Fernandina é boa, affectiva, e nobre; quanto mais a conheço, mais a levanto no pedestal do meu amor. A sua delicada compleição succumbiria ao menor assomo d'uma tempestade. E' por isso que eu me conservo silencioso para com ella a respeito de tudo o que se tem passado desde domingo. No dia em que se fizer a luz, ou no dia em que me entediar de todos estes mysterios, serei verdadeiro, contarei a Fernandina, sorrindo para a tranquillisar, este mistiforio d'alguns dias architectado por duas mulheres que provavelmente se conhecem e se odeiam.

A carta de Fernandina diz assim:

«Comprehendes decerto como eu terei soffrido n'esta casa, onde ha um silencio que intimída, apenas interrompido pelos bramidos do mar; aqui ninguem falla, não se vê a luz, vive-se unicamente a chorar. A pobre amiga de minha mãe, M. A., declina para o tumulo com a serena magestade do sol n'um formoso dia de inverno. Na sua face não ha sombras: tudo é serenidade. Os que a rodeiam, choram; ella

sorri. O tumulo affigura-se-lhe decerto o grande mar que separa dois mundos, o mar que tudo lava, e do qual a alma sai lucida e purificada para entrar nas regiões ignotas da eternidade.

Ah! se a visses, encostada ás almofadas para melhor poder respirar, deixando ver os bucres do seu cabello nevado por entre a sua touca de rendas, que ella exige que lhe ponham todas as manhãs, como se quizesse estar preparada para receber a morte; ah! se a visses assim, alongando os olhos amortecidos para o crucifixo d'uma expressão dolorosissima, havias de sentir borbotarem-te as lagrimas, como eu sinto, como sentem todos os que assim a contemplam. Se tu aqui estivesses, se eu te visse, se te fallasse, sentir-me-hia forte para assistir a este magestoso espectaculo, que me suffoca a voz na garganta, quando quero fallar.

Hontem M. A., n'um momento em que se sentiu mais alliviada, chamou-me, na presença de minha mãe, e deitou-me ao pescoço a cruz de ouro que tinha sobre o peito, sem chorar, nem se perturbar, acompanhando apenas os vagarosos movimentos com estas palavras: «Não é nada, e é muito. Á filha da minha unica amiga, que tanto o foi na vida como o está sendo na morte, lego a mais querida recordação de minha mãe».

Foi solemne, indescriptivel, esse momento. Não pude reprimir a commoção, chorei, e nem sequer pensei em esconder as lagrimas. M. A. estendeu-me a sua delicada mão e disse lentamente: «Não chore, Fernandina. Por mim... não chore, que não é justo

lamentar quem obedece a Deus. Por si... não chore tambem. Diz-me o coração que ha de ser feliz...»

As noites são pavorosas e longas. Tenho dormido n'uma cadeira de braços, aos pés do leito de M. A. Minha mãe, que se sente falta de forças, succumbiu á commoção e á vigilia; encarreguei-me espontaneamente de a substituir, e sou agora a enfermeira da pobre doente.

Entre mim e o leito, á luz tenuissima da lamparina, vejo interpor-se o meu amor e a minha esperança; vejo-te, e na quasi escuridão do quarto distingo o bastante para discriminar as tuas feições uma a uma, com a fidelidade de um pintor que estivesse copiando um retrato pendente da parede.

Só um movimento, um gemido, uma palavra de M. A. me chamam á realidade, e é então que desperto, levando as mãos aos olhos para desviar a tua imagem, que me tem como que perplexa e me não deixa erguer do sitio em que estou. Ainda se eu te pudesse escrever muito, muito, contar-te tudo o que penso, tudo o que sinto, tudo o que me lembra... Não posso, infelizmente não posso. Os meus deveres de enfermeira são imperiosos, e roubam-me todo o dia e toda a noite. Sei que me amas; isso me basta.»

Aqui tens a carta de Fernandina. Não te entremostrei a principio o assumpto doloroso de que trata, para te preparar uma surpreza. Aquilata tu a grande alma da mulher que escreveu essas palavras, e que a esta hora está velando á beira do leito da velha amiga de sua mãe.

VI

(CARTA DE J. E. A V. A.)

(*Sem data*)

Hontem na caçada do Teixal mostrei-te a carta do meu amigo R. horas depois de a ter recebido pelo correio. Aguçou-te a curiosidade o mysterio dos dominós e pediste-me apontamentos da biographia de R. Prometti dizer-te o que sabia a tal respeito, mas as perdizes distraíram-nos e calámo-nos; pouco depois as boccas das nossas clavinas fallavam a sua linguagem de chumbo e polvora.

Estamos ambos na provincia, a cinco leguas de distancia um do outro, e por mim sei comprehender que prazer agradabilissimo não ha para nós em lêr — uma carta que seja — comtanto que nos ajude a passar cinco minutos d'estas longas horas do campo.

R. orphão, aos oito annos, de pai e mãe, entrou, por influencia de um piedoso conhecido, para o collegio

da Graça [1]. Nunca o ouvi fallar dos primeiros annos da sua vida, que o não visse morder impacientemente a ponta do bigode. Suppõe tu o que será vêr-se a gente só n'aquella idade, sem pai e sem mãe, n'uma casa grande e sombria, entre rapazinhos que não são nossos irmãos e que todavia compartem do nosso destino! Isto é sobremodo triste e não nos demoremos a procurar vestigios de lagrimas em assumpto carnavalesco.

Esta sombra que enlutou o céo infantil de R. dissipou-se poucos annos depois, e o horizonte da sua vida ficou sereno, cristallino, esplendido do sol da felicidade.

R, aos quinze annos, sahiu do collegio dos orphãos para um escriptorio commercial, depois de ter aprendido a fallar e a escrever o que de linguas, contabilidade e musica se ensinava então. A pessoa que lhe obtivera logar na Graça foi ainda a que se encarregou de o collocar, e por sua intervenção entrou R. para o escriptorio do inglez T. W, verdadeiro *gentleman*, homem de instinctos fidalgos e artisticos, que se deliciava com Shakspeare e Byron e adivinhava o que não entendia em Camões e Bocage, não obstante a sua pertinacia em chamar aos *Lusiadas... uma poema.*

O inglez gostou do caixeiro, ficou contente por saber que elle lia os romances de Walter Scott e Dickens emprestados por um collega, e com certa affabilidade de trato, até hoje desconhecida pela nossa

[1] Era o collegio dos orphãos, junto á egreja da Graça. *Nota da presente edição.*

mazorrice commercial, instigava-o ás vezes a *pronunciar-se*, como agora se diz, em assumptos litterarios, R. juntava a estes dotes de espirito uma tal agilidade e vivacidade, que lograva ser ao mesmo tempo um expedito negociante e um homem illustrado, coisa que muita gente tem á conta de impossivel.

Decorreram annos e as relações do caixeiro e do inglez tomáram o caracter affectuoso da amizade que liga um rapaz a um velho que é seu amigo e quasi seu pai.

T. W. quando não ia ao theatro lyrico, cedia-lhe a sua cadeira d'assignatura. R. era já a esse tempo um gentil moço, de luva bem calçada e flôr no casaco, um excellente conversador apreciado pelos *virtuosi* e pelos jornalistas. Com a frequencia do theatro e com a convivencia dos *delettanti* seus conhecidos, foi educando o instincto artistico e d'uma vez, movido por uma questão theatral, escreveu um folhetim anonymo que sahiu publicado n'uma folha portuense. Em litteratura, a feição predominante de R. era o *humour*. O folhetim, exuberante de graça e limpidez, provou-o de sobra e aguçou a curiosidade da *claque* d'esse tempo. Perguntou-se, esmiuçou-se e soube-se a final que era R. o mysterioso folhetinista. Desde então ouviram-n'o com mais um poucochinho de attenção e temiam-se de certa destreza epigrammatica com que elle espalmava as nullidades da platea de S. João, que decidiam do exito das operas e do merito dos cantores. O caso é que R. mostrou o folhetim a T. W. com a franqueza que lhe era propria. O inglez gostou,

concordou com a doutrina, e aconselhou-o a nunca desvendar o seu nome em razão de certos preconceitos sociaes que em Portugal inhibiam ao commerciante o sahir para alem da área das suas transacções.

R. quando não ia para a cadeira de T. W., já não podia resistir á tentação de comprar bilhete. Caixeiro e patrão conversavam então amigavelmente como dois amigos qúe combináram ficar um ao pé do outro.

R. era porém mal visto por certos mercieiros portuenses, que passavam os domingos em comesainas no Areinho e se viam afflictos por não saber como haviam de pôr as mãos quando appareciam na *Degolação dos innocentes.*

Os abelhudos sujeitos, que refestelavam o bronco espirito nas *furias do rio*, não conheciam musica que não fosse a fanfarra das sociedades caixeiraes e não entendiam litteratura tirante a do *Razão.* Ahi ficas tu a scismar no que serão *furias do rio.* Vou atalhar os teus embaraços dizendo-te que conheço a expressão da *Descripção da cidade do Porto*, d'Agostinho Rebello, o qual, referindo-se ás distracções da sociedade portuense do seu tempo, diz o seguinte:

«Assim denominam os divertimentos com que se entretêm, navegando docemente ao som d'harmonicos instrumentos sobre o rio Douro em barcos toldados, que de noite illuminam graciosamente. O ardor da estação, que faz insensivel o curso do rio, dá liberdade a que dentro dos mesmos barcos se merende, ceie e jogue sem temor d'algum perigo.»

Ora aqui tens explanada a difficuldade. A recrea-

ção das *furias do rio* não morreu com os contemporaneos d'Agostinho Rebello da Costa, antes passou á posteridade, afidalgada com a veneziana e impropria denominação de *regatas*.

Os romancistas teem feito chronica d'estas excursões fluviaes e gastronomicas, e se não conheces ainda uma interessante caricatura d'este costume portuense procura-a nas *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, de Camillo Castello Branco.

Apartei-me do curso natural da narrativa e só agora reparei na divagação. Não importa. Tambem não quero reatar o fio quebrado. Amanhã direi o que se fôr seguindo, que isto de escrever, para não cansar quem lê e quem está rebolindo a penna sobre o papel, quer-se em quantidades homœpathicas.

VII

(CARTA DE J. E. A V. A.)

(*Sem data*)

R. nasceu com uma alma de verdadeiro artista. A poesia, a musica, a pintura,todas as esplendidas irradiações da imaginação do homem, attraíam-n'o, namoravam-n'o. Tinha esta sede do infinito que caracterisa o *rêveur*. Queria viajar para vêr, para ouvir, para contar.

Ás vezes sentava-se ao piano, e não só executava com maravilhosa memoria longos trechos d'opera, mas até improvisava umas composições ligeiras, faceis, alacres, que tinham alguma coisa d'Offenbach ou de Strauss.

T. W. era assignante do *Art-Journal*. R. abria o jornal inglez e, brincando com o lapis sobre o papel, esboçava a gravura que tinha deante dos olhos. Reconheceu facilidade em desenhar e comprou um album para traçar os seus estudos e os seus devaneios.

Decorreu tempo. Um dia sentou-se com papel e

crayon em frente d'um espelho, e quasi sem saber o que fazia, retratou-se.

A poesia não lhe podia ser defesa. Aqui tenho eu no meu album uns versos d'elle, escriptos em abril de 1868. Não digo que sejam bons, que nem sou competente para julgar da materia, nem quero ser. Os poucos versos seus que tenho lido, assignados com a inicial R, são singelos e faceis, quasi tão faceis e tão singelos como os seus devaneios ao piano.

COMO OS PASSAROS

Quando por abril chove
E brilha ao sol a fita côr de prata,
Que pende e se desata
Do beiral d'um telhado;
E nem o lirio move
A coma delicada,
Que embebe em suas pétalas
A chuva aljofarada;
Quem não viu da janella,
Poisada no telhado da visinha,
Supponhamos que seja uma andorinha,
(Ellas vivem comnosco em nossas casas)
Correr de lado a lado
Batendo as suas azas;
Socegar um instante
Para cobrir-se ainda
D'essa chuva brilhante
Que o sol tornou mais linda;
Depois correr de novo,
De novo sacudir
As perolas brilhantes
Para vel-as caír?

Tal me pareces tu, se ás vezes deixas
Os frouxeis do teu ninho
E vaes assim como batendo as azas,
A brincar no caminho.
Nem dás tempo na rua
A que uma pedra estampe
A tua sombra, a tua!
Pareces-me a andorinha quando poisa
No telhado das casas.
Então fico a scismar eu n'uma coisa...
Terás tu tambem azas?

Quem seria— perguntas tu — esta adoravel creatura que tão galantemente se espanejava como a andorinha aos olhos de R.? Era Fernandina, que elle amava havia ainda pouco tempo e de cuja elegancia no andar me disse uma vez:

— Ha mulheres que parece não poisarem no chão a sola flexivel da botina. São tão leves, que não precisam apoio. Fernandina não é bem assim, e nem eu sei dizer bem como ella anda. Imagina um passarinho, a cujo pescoço prendessem uns fitinhos de côres vivas, e que fosse saltitando de pedra em pedra, a rever-se nos seus enfeites, sem vaidade, como por achar-se bonito sem saber o que é ser bonito...

R. perguntou-me se eu comprehendêra a sua ideia.

Respondi que os namorados tinham certos extasis lyricos tendentes a descambar em nebulosidade metaphysica, os quaes extasis na maxima parte das vezes só elles comprehendiam.

Sorriu-se; eu apertei-lhe a mão dizendo:

— Cabeça escandecida!

R. replicou-me :

— Coração namorado, dize antes.

Naturalmente occorre agora uma pergunta : Seria Fernandina a primeira mulher que R. amou ? Sim e não. Ninguem ama a primeira mulher que pensa amar ; a que verdadeiramente se ama é a segunda, a que nos apparece quando o coração já está preparado para comprehender o amor — e essa foi Fernandina.

O primeiro amor tem as incorrecções e as bellezas d'um esboço ; o segundo, emendados os primitivos defeitos, nasce puro e completo, não porque a razão corrija, mas por que o coração se vai enlevando na sua mesma obra.

O primeiro amor é verdadeiramente uma alvorada, — tem sombras e luz, e a essa meia claridade é impossivel enxergar o ponto para onde caminhamos vacillantes e orientarmo-nos sobre a nossa propria situação.

O segundo amor é a aurora, cambiante, formosa, esplendida, inundando de luz a nossa estrada, e contornando distinctamente a imagem em que levamos os olhos fitos.

O primeiro amor deixa uma recordação vaga, como de um sonho n'uma noite de febre. O segundo deixa uma saudade pungente, viva, clara. O primeiro é a miniatura que namora a vista, mas que mal se póde observar. O segundo é um amplo quadro no qual não é difficil analysar todas as *nuances,* todos os accidentes parciaes.

A primeira mulher que R. amou, digamos assim

era uma creatura que elle só podia amar emquanto a estivesse fitando com o seu binoculo; um formoso busto que, levantado no pedestal do camarote, fascinava a plateia. Para entender as operas precisava de ler os *librettos*. Isto que parece insignificantissimo n'um homem, é profundamente expressivo n'uma mulher. Escrevia, não com essa leviandade orthographica que leva a mulher a escrever um — c — sem cedilha ou a deixar de pôr um ponto n'um — i, — mas paraphraseando sempre a carta a que respondia, porque não podia, não queria ou não sabia pensar.

Esta mulher era pequena de mais para a alma de R. — pequena como todas as mulheres que para logo denunciam a defeituosa desproporção entre o corpo e o espirito.

Fernandina é, como sabes, a segunda mulher que elle amou, e a unica que ainda ama.

Não devem entrar em linha de conta os amores de uma hora ou de uma noite, aventuras de viagem, que são como estes pequenos jornaes de critica theatral que se lêem entre o descer e o subir do panno — flôres que se desfolham ao passar de um alegrete para outro.

Hei de contar-te alguma coisa a este respeito mas, como biographo que sou, não devo precipitar os acontecimentos.

Em fins de março de 1867, T. W. precisou de mandar R. a Inglaterra, por causa de negocios. Quando lhe disse que tinha de partir, acrescentou o inglez:

— Vá alguns dias antes do praso em que é urgente estar em Londres e visite a exposição *à vol d'oiseau*. Se os negocios correrem bem, e se se concluirem depressa, demore-se lá por fóra mais quinze dias, que não me fará falta no Porto.

No 1.º d'abril, dia da abertura solemne da exposição, estava R. em Pariz.

O espetaculo deslumbrante do Campo de Marte presenceou-o elle recostado n'um *fiacre*, do qual se apeou para comprar um bilhete por vinte francos, quantia que permittia passeiar a gente hombro a hombro com Napoleão III.

— Se a entrada na exposição custasse no dia da abertura duzentos francos, e não vinte, — disse-me R. — gastal-os-hia. Era um capricho d'artista, que eu não podia deixar de satisfazer.

A esse tempo tinha eu ido ao Porto, onde me demorei dois mezes.

R. escreveu-me de Pariz trez dias antes de partir para Londres. Vou procurar a carta entre os meus papeis: quero que a leias; mandar-t'a-hei ámanhã.

VIII

(CARTA DE J. E. A V. A.)

A carta de R. dizia assim:

«Escrevo-te de Pariz, meu amigo, d'este grande mar tão de pressa agitado como sereno, que é incontestavelmente a barra por onde a Europa inteira importa as mais perturbadoras ideias e as mais scintillantes creações.

Sou artista, bem o sabes, e é condão dos artistas sentirem-se absortos deante d'este fóco immenso de luz, que se chama Pariz, deante d'esta cidade ao mesmo tempo pensadora e manufactureira, ao mesmo tempo mercantil e litteraria.

A alegria, o alvoroço, a vida vêem-se latejar a cada minuto nas arterias de Pariz.

Sente-se aqui a systole e a diastole do coração da humanidade, o revolutear da valsa contínua em que

a mais gentil das mulheres do mundo, a parisiense, anda bailando, dia e noite, reclinada nos braços d'um estudante do bairro Latino, d'um principe russo que vai todos os verãos jogar a Monaco, d'um *petit-crevé* ou d'um artista.

Suppões tu que o extrangeiro, quando chega a Pariz, tem de se deixar ficar sentado, como n'uma cadeira de theatro, por não encontrar já um par disponivel, uma mulher que o provoque com o leque a arremessar-se no turbilhão da dança sempre revolto e espumante? Enganas-te. Esse é o grande milagre de Pariz. Aqui, amam todas as mulheres, e todavia ha sempre uma mulher para amar um homem que chega.

Em Pariz ninguem está só e n'esta esplendida mesa em que se banqueteia ruidosamente a *élite* da sociedade europeia nunca falta um logar para receber um conviva. N'esta mocidade perpétua, que se respira em tudo e por toda a parte, retemperam-se os rapazes d'hoje para não chegarem a envelhecer, e rejuvenescem a cada hora os rapazes de ha cincoenta annos, que em Portugal seriam velhos.

Em Lisboa sabe-se que o snr. Castilho já fez sessenta annos, mas em Pariz toda a gente pensa que Jules Janin é rapaz, quando acerta de lêr um folhetim rubricado por este nome que representa uma boa porção de primaveras.

Uma coisa que especialmente aqui concorre para se viver muito — é o esquecer-se a gente de que está doente, quando... sae á rua.

Quem teria a coragem de se queixar d'uma enxa-

queca ao atravessar n'um d'estes ultimos dias o Campo de Marte? A exposição está sendo o grande *boulevard, o rendez-vous* por excellencia, onde se revolve, agita, acotovella e ondeia um mar de artistas, de litteratos, de banqueiros, de *leões*, de extrangeiros e de *lorettes*.

Isto não quer dizer que se não encontrem mil representantes de todas as classes sociaes, á mesma hora, em qualquer parte em que se procurem.

As *lorettes,* especialmente as *lorettes*, não só invadem a exposição, mas chegam ainda para invadir as ruas, os *boulevards* e os jardins da capital inteira.

Deixa-me demorar um momento deante do retrato da *lorette,* de que toda a Europa ouve fallar e que nem toda a gente conhece.

A *lorette* vem de qualquer parte e apparece em toda a parte.

Todos parecem admiral-a quando passa radiante de belleza e opulencia na sua carruagem á Daumont, e todavia ninguem a cumprimenta a não ser com um olhar rapido e furtivo.

Publicou-se aqui há dois annos um livro d'Amédée de Cesena, = *Les belles pecheresses,* = que em Portugal teria sido causa d'um grandissimo escandalo.

Permitte-me que tome d'esse volume o *substractum* da biographia de Phryné, uma *lorette* notabilissima; bastar-te-ha conhecer uma para ficares a conhecer todas as que a esta hora andam passeando a sua galanteria desde o *Arc de Triomphe* até ao *Obélisque.*

Phryné era uma rapariga pobre, israelita, que

nasceu não sei onde e que desposou um homem da sua raça.

O demonio da ambição entrára a tental-a, e ella, um dia, deixando o lar e a familia veio a Pariz, á procura de fortuna e de perdição.

Encontrou um artista notavel que lhe teria offerecido a sua mão, se ella já não fosse casada. Viveram ambos algum tempo, pouco, que pouco tempo basta para uma mulher esperdiçar o que um homem ganha. O artista empobreceu, e Phryné, ao presentir a miseria, fugiu com as ultimas rendas e com as ultimas flores que possuia ainda.

Tinha rebentado a revolução de Fevereiro, e em Pariz não se podia fazer lucros em qualquer industria que fosse.

Phryné estava empenhada, devia á sua costureira seis mil francos, e pensou em mudar de terra para vêr se mudava de sorte. Sentou-se á secretária, pegou da penna e escreveu á modista as seguintes linhas:

«Ma chère, je ne puis te payer qu'en relevant ma fortune, et je ne puis la relever qu'à Londres. En ce moment, Paris ne m'offre plus de ressources; mais il me faut des toilettes. Habille-moi à crédit e tout será payé. Autrement, tu perdras tout.»

Phryné estreou-se em Londres entontecendo um lord a quem vendeu a primeira entrevista por cincoenta mil francos. Depois, quando o inglez se aborreceu, encontrou um rapaz extrangeiro que vivia em

Londres com sua mãe na mais doce harmonia que uma familia póde desejar. Phryné estava viuva a esse tempo, e gisou logo o plano de sacrificar á sua ambição o nome honrado do extrangeiro, a quem perdêra d'amores. Tanto elle como sua velha mãe eram catholicos. Phryné não duvidou apostatar para desposal-o. Casaram. Todavia Phryné, se abjurára da religião, não abjurára do crime. Trez dias depois de casada, fugiu aniquilando para sempre o futuro esplendido do filho, e a tranquilidade honesta da mãe.

A contar d'essa epoca procurou o dinheiro pertinazmente, corajosamente, e correu a Europa inteira passando de paiz para paiz acompanhada sempre por um personagem differente.

Chegou a vez de realizar o seu sonho de todas as horas: finalmente enriqueceu.

Aqui tens a biographia de Phryné, melhor direi a biographia da *lorette*. E todavia ellas passam formosas, tentadoras, lascivas e a gente não tem a coragem precisa para amaldiçoal-as — ao menos para aborrecel-as.

Ah, meu amigo, como tudo isto em Pariz é novo, feérico, maravilhoso!

Chamar-me-has cabeça desvairada, se te disser que Pariz é a capital do mundo?

Todo o mundo pensa, é verdade, mas Pariz pensa... por todo o mundo.

Aqui brotam espontaneamente os talentos colossaes e as ideias portentosas no meio d'este gigantesco centro da actividade humana. O que mata Pariz é

sentir-se grande, saber que está dominando em tudo e em todos.

Victor Hugo, no prologo do *Paris Guide,* que se publicou ha pouco tempo, deixou perceber esta verdade quando disse: «Desafio-te a que ponhas na cabeça outro chapeu que não seja o chapeu de Pariz. A fita d'essa mulher, que vai passando, governa. O modo como ella se lembrar de a atar será uma lei em todo o mundo.»

Isto é, na minha opinião, o que ao mesmo tempo engrandece e mata Pariz. Os talentos, que desabrocham esplendidos, desvairam-se. A febre é que domina — a febre, a vertigem, a allucinação do goso. Victor Hugo escreveu ainda n'esse mesmo prologo esta phrase: «*Urbs* resume *Orbis.*» Pariz umrese o mundo. Eis-aqui o diploma e o epitaphio de Pariz.

E todavia a valsa incessante da vida parisiense vai rodando sempre, e ondejam os pares nos circulos concentricos que se vão alargando cada vez mais, até que um dia ha de passar a circumferencia por um ponto fóra da terra... N'esse dia desabará Pariz, e ficará para sempre resolvido o problema da alavanca d'Archimedes.»

Creio não ser preciso acrescentar que não comparto todo o enthuasiasmo e adoração de R. por Pariz. Todavia é preciso perdoar-lhe estas expansões violentas da sua cabeça de artista. Para as molestias da mocidade ha só um medico possivel: é o tempo. Agora, trez annos decorridos, tem sensivelmente modificado as suas opiniões. Começará a obra da reflexão?...

IX

(CARTA DE J. E. A V. A.)

(*Sem data*)

R. trez dias depois, embarcava em Calais para Inglaterra com a sua mala cheia de canções, de caricaturas, de desenhos, e com o coração a transbordar saudades de Pariz.

No pouco tempo que se demorou na capital de França, procurou e investigou com o seu infatigavel genio d'artista tudo o que podia passar despercebido a muito viajante escrupuloso. Com que enthusiasmo não me mostrou elle uma chusma de cançonetas gaiatas, que por lá surdiam de qualquer parte, entre as quaes notei, pela novidade, o *Pifferaro du boulevart,* lettra de Baumaire e Blondelet, musica d'Hervé, toadilha facil mas graciosa que resume a linguagem mesclada d'um rapazinho napolitano, *virtuose* de *boulevard,* que vem a Pariz procurar fortuna.

Não me esquivo ao trabalho de copiar a canção

de que te venho fallando; é uma das infinitas manifestações do espirito parisiense, que sabe tirar partido de tudo, como a borboleta sabe extrair o mel de todas as flores sem se demorar em nenhuma.

De Paris, joyeuses cigales,
Nous dansons, chantons avec chic
Les p'tit's *roumanc's* nationales
Pour *amiouser* le bon public!
Nous savons que sur notr'figure
Il faut la gaité des pinsons,
Car la recette est toujours sûre
Quand nous râclons sur nos violons:
Vive l'Italie!

Et puis le soir, quand minuit sonne
On rentre au logis tout piteux,
Et c'est au patron que l'on donne
L'argent du signor généreux.
Pour dormir, un peu d'paill' nouvelle,
Pour souper, un morceau d'pain bis...
Et l'on dort sans feu, ni chandelle,
En chantant les r'frains du pays!
Vive l'Italie!

Toujours errants à l'aventure,
Notre sorte laisse à désirer
Sous l'rapport de la nourriture,
Des habits neufs et du coucher.
Venez sècher, ô! bonnes ames!
La larmo que j'ai dans l'œillo.
Um p'tit sourir'Messieurs, Mesdames,
Pour le petit Pifferaro.

(Parlé) *Merci, Messieurs, Mesdames, Signoritos et Signoritas, et vive la Francha!... et un poco l'Italie... aussi.*

Vive l'Italie!

Em Londres, R. não se divertiu; cuidou simplesmente dos negocios de que estava incumbido. E depois a magestosa austeridade da grande capital ensombrava o seu espirito febril e inquieto. Faltava-lhe lá tudo o que desejava para viver feliz — luz e alegria. Esquecia-se, procurava esquecer-se, impondo-se uma actividade vertiginosa, que por sua vez contribuiu para o bom rumo dos negocios que tinha a tratar.

Esteve hospedado em casa da mãe de T. W., ingleza grave e concentrada, que vivia na companhia d'uma filha rosada e loira, extremamente instruida. Estas duas senhoras que se empenharam, quanto lhes foi possivel, por amenisar a hospitalidade britannica, não conseguiram todavia que elle deixasse uma só vez de recordar-se, á mesa, dos jantares rujdosos e alegres do *hotel* de Pariz.

Concluidos os negocios com um exito mais que lisonjeiro, T. W. escreveu a R. dizendo-lhe que podia demorar-se, e impondo-lhe apenas a condição de o avisar do itinerario que seguisse, para o caso de ser preciso antecipar a partida.

A alegria do nosso viajante foi indescriptivel. Despediu-se da familia de T. W., escondeu os seus fartos cabellos pretos n'um *bonnet* de viagem, olhou desde-

nhosamente para Londres através do fumo das fabricas, e disse de si para si:

— Torno... por onde vim. A Pariz! ainda outra vez, a Pariz! Cidade da alegria, da luz, da mocidade, quero vêr-te ainda. Espera-me, portanto. Depois has de permittir-me que te roube um momento para visitar Italia e atravessar Hespanha. Mais vale vêr de pressa, que deixar de vêr. A caminho! eia, a caminho!»

R. não me escreveu de Pariz, da segunda vez que lá esteve. Não será, porém, difficil adivinhar com que expansivo enthusiasmo saudaria elle tudo o que já conhecia e tamanhas saudades lhe merecêra quando se viu asphyxiado entre os nevoeiros de Londres.

A sua volta a Pariz foi um adeus ardente e apaixonado, mas breve como todas as expansões fogosas.

O que elle queria era vêr ainda Pariz, despedir-se outra vez, contemplal-a um momento, esplendida mas leviana e *coquette,* e fugir-lhe em seguida sem que tivesse tempo de quebrar o prisma das suas doces illusões.

Assim fez. Depois embarcou em Marselha para Italia.

Ia finalmente subtrair-se ao turbilhão e procurar amenidade no céo, na terra, no mar, nos olhos das mulheres, nas auras, e até no melodioso idioma d'essa terra abençoada.

R. podia com verdade perfilhar as palavras de Méry nas *Noites italianas:*

«Nunca peregrino algum ao partir para Italia sen-

tiu mais que eu, em seu coração, esta fervorosa devoção d'artista que se prende a todas as recordações energicas. Não era a Italia dos outros que eu ia vêr: era a minha, a Italia da minha infancia, dos meus estudos, dos meus devaneios no dormitorio do collegio: a Italia de Menalca e Palémon, de Nisus e Eurialo; o Lacium de Janus, a terra de Lavinia; a Italia do meu tempo de homem, a dos Antoninos, de Sixto v, de Leão x, de Dante, de Giotto, de Miguel Angelo, de Raphael. A todos estes nomes, a todas estas impressões, a todas estas lembranças, ligava, desde os primeiros annos, imagens, affeições, physionomias, caracteres locaes que me eram communs, que estavam gravados no meu cerebro e que nenhuma leitura de viagens pudera modificar.»

R., profundamente artista, conhecia tambem a Italia antes de a vêr. Tudo o que ha de mais doce e de formosamente suave nos vem d'Italia: a musica e a pintura. Era isto o que o attrahia e o namorava primeiro que tudo. Depois, como accessorios captivantes, appareciam no seu espirito as tradições historicas, as epopeias legendarias, as paisagens deliciosas do valle do Arno em cujo fundo azul se recortavam as camponezas gentis que sabem entrançar os chapeus de palha para todas as senhoras da Europa; — Florença com o lindo passeio das Cascinas, *Longchamps hebdomadario,* como diz Méry, *encantadora festa italiana dos domingos;* — e finalmente Veneza, mais que tudo Veneza, a dos canaes, das gondolas e... das gondoleiras.

Quiz vêr Génova celebrada na prosa rútila de Méry, quiz vêr as planicies do Arno cantadas por Alfieri, e tudo isto viu para satisfazer as exigencias da sua imaginação essencialmente caprichosa, — voando depois a Veneza, á sua Veneza querida, á sua Veneza sonhada.

X

(CARTA DE J. E. a V. A.)

Para te contar alguma coisa da vida de R. em Veneza, copiarei uma pagina do seu album de viagem :

« *Venezzia la bella!* Sim, era a bella Veneza, adormecida sob o céo estrellado da Italia, n'uma noite suavissima, em que as aguas serenas dos canaes pareciam impellir voluntariamente as gondolas para que nem a cadencia dos rêmos fizesse lembrar que se estava n'um mundo real.

Sahi do theatro Malibran, onde assisti ao espectaculo, e dei alguns passsos, guiado pelo luar, absorto em pensamentos ineffaveis, que jámais tivera, certamente influenciado pela *morbidézza* da noite.

Chamei uma gondola, onde alvejava um vulto que parecia de mulher, — de mulher que estava talvez aprendendo do luar aquelles segredos do céo que só elle nos sabe dizer...

Respondeu-me uma voz argentina, doce, insinuante.

Momentos depois a gondola vogava mansamente ao sabor da minha phantasia, e o reflexo da lua escrevia na agua palavras d'amor que appareciam e desappareciam em ondulações luminosas.

Lembrei-me então do *Fausto,* e insensivelmente comecei a cantar:

Oh! silenzio! oh! mistero!
O dolce voluttá!
Turbato e'il mio pensiero,
Odo uma voce arcana
Che al cor parlando va.

Calei-me de repente, e percebi que a gondoleira ia murmurando baixinho e a medo uma canção que interrompêra quando fiquei silencioso.

Perguntei-lhe o que tinha cantado, e por que o fizera de modo que me privasse de ouvil-a.

— É uma canção saudosa e amarga, que eu aprendi em pequena. Meu pae ia remando e cantando-a; senti-me triste ao ouvil-a, chorei sem saber porquê, e ao outro dia sabia-a toda, sem a ter decorado. Meu pae viveu ainda alguns annos, mas nunca mais lh'a tornei a ouvir. Talvez que elle mesmo nunca mais estivesse triste... Não sei.

— Porque não cantou alto?

— Porque o senhor ia cantando, e não devia fazel-o. Irreflectidamente comecei a recital-a...

— Sente-se triste então ?

— Não sinto... e moveu o remo com mais força como se quizesse affastar um pensamento doloroso.

— Sente, sim, tornei eu. Creio que lhe estou vendo lagrimas nos olhos. O luar é traiçoeiro, não sabe? Porque não hade contar-me as suas maguas, — a mim, que levarei para longe o seu segredo, sem que ninguem mais o saiba? E olhe que é realmente doce encontrarmos uma pessoa que recolha os nossos queixumes... Conte-me, falle — disse eu levantando-me do banco forrado de velludo preto, atravessado na gondola, para me sentar perto d'ella. — Quantas vezes — continuei — eu, que vivo só, porque não tenho familia, não sinto anuviar-se subitamente o coração! Então, n'esses momentos, quizera ter ao pé de mim alguem, não digo que me consolasse, que me escutasse ao menos.

— Que quer que lhe conte, *signor?* A minha vida nada tem de notavel, que lhe possa interessar; — é a vida de muitas raparigas pobres, que véem para a gondola no dia em que lhes falta o pai, e trabalham não tanto por si, que não são ambiciosas, como para ampararem a velhice de sua mãe. Está a gente costumada a viver na agua, sempre só, e se ás vezes o sol traz alegria, o luar, como é saudoso, não sei que tristezas dá...

— Tristezas d'amor, que são doces, que deliciam o coração...

— D'amor! ..

— D'amor, sim. Ser nova, ser bonita, ser italiana,

viver n'uma gondola, sob este céo de Veneza, e não amar? Póde ser!

— Oh! se póde. Tonino ama-me; dil-o e claramente se conhece. Mas Tonino é alegre e ri e folga, e eu, que me sinto quasi sempre triste, não o sei comprehender, não o posso comprehender... Vem todas as noites esperar-me aqui, e acompanha-me a casa, sempre a conversar, a rir, ás vezes a incommodar-me. Comtudo Tonino é bom rapaz e ganha bem a sua vida. Minha mãe estima-o como se fosse filho, e diz-me muita vez que Tonino, ao que me ama, se havería já suicidado se tivesse um genio menos alegre. Sinto pena de o não amar — exclamou ella chorando, sensivelmente commovida. Como elle tem ciumes! e quem tem ciumes ama de certo muito... Ás vezes, quando olho mais para a minha gondola do que para elle, Tonino costuma dizer-me:

— Serena, a gondola não te ama.

A lua, completamente desvelada, illuminava as faces da gondoleira, e deixava-a vêr em toda a sua belleza com o seio anciado e os olhos brilhantes de lagrimas.

Houve um momento de silencio, em que Serena suspendeu os rêmos, para se deixar ir a contemplar as aguas scintillantes. Eu admirava-a extatico, absorto, mas respeitoso.

Despertei-a, pedi-lhe que cantasse a canção das saudades; recusou-se. Instei com maior interesse. Finalmente a sua voz argentina quebrou o silencio da noite e voou ao céo em notas de deliciosa amargura.

— Não cante mais, disse-lhe eu. Ou se cantar, cante d'amor, que é a linguagem da sua idade, Serena.

E, sem me lembrar de que nos aproximavamos de terra e de que me poderiam ouvir, comecei a cantar:

Nina, bell'idol mio,
Io son felice appieno,
S'arde nel tuo bel seno
Fiamma simil per me.
.....

— Como se chama a sua canção? perguntou Serena.

— *Invito all'amore*, respondi eu.

— Ah!

Batia a gondola em terra. No caes destacava-se o vulto d'um homem, que estava sentado e fumando, como se esperasse alguem.

— Serena! exclamou o vulto.

— Tonino! respondêra Serena.

Era elle, que estava decerto sentindo abrasar-se o coração na chamma do ciume — *la gelosia* — ao ouvir-me cantar na gondola da sua amada.

Ao outro dia, despedi-me de Veneza.»

XI

(CARTA DE J. E. A V. A.)

Terminava em Madrid o itinerario de R. Vira Pariz, que é o turbilhão, Londres que é a grandeza, Italia que é a suavidade — faltava-lhe vêr Madrid que é a alegria.

A sua reputação de *touriste* tinha já recebido o triplice baptismo do absynto, da cerveja e do sorvete, mas não havia ainda passado pelo complemento sacramental do chocolate.

Cá em Portugal o processo a seguir para entrar no panthéon nacional resume-se simplesmente no baptismo de mau café recebido no Martinho ou na Aguia d'Ouro; — e n'isto vai a razão da infinita multiplicidade de reputações até hoje inscriptas nos fastos gloriosos da nossa terra.

Fique cada um com o que é seu, e vamos reverenciando os deuses enfileirados ás mesas de qualquer dos nossos capitoliosinhos de portas envidraçadas.

R. desembarcou em Alicante e jornadeou para Madrid com a dupla impaciencia de quem viaja com pouco tempo de seu e deseja não se fazer esperar por uma pessoa intima a quem estima, e por quem é estimado.

Quem poderia esperal-o em Madrid?

Alguem que elle conhecia das photographias, dos livros de viagem, dos folhetins e das noites de *zarzuela*. Alguem que tem nos olhos a centelha electrica da tempestade, nos labios os chistes e os sorrisos da creança, nos cabellos a escuridão avelludada das noites sem estrellas mas tranquillas, e finalmente na *ventarola* a varinha magica das lendas phantasticas, *batuta* magnetica a cujos vertiginosos movimentos irrompe das almas a musica tumultuosa dos affectos.

Era a belleza, o *salero,* a perdição, trindade encantadora que se resume n'um unico ser — a hespanhola.

E encontrou-a? e viu-a? e fallou-lhe?

Encontrou-a e viu-a em toda a parte, — no Prado, meneiando donaires; no theatro, sorrindo para o palco e para os espectadores; na *calle,* no templo, ao balcão, sempre acirrante e tentadora, sempre a mulher do romance e da realidade.

Mas faltava-lhe ainda vêr a hespanhola, louca d'enthusiasmo, acenando com o seu *panuelo* ao *bandarillero* audaz, na *plaza de toros,* n'um dia de corrida, quando o sol é verdadeiramente meridional e a multidão freme, clama, delira.

Quiz comprar bilhete para os *tabloncillos* e já não pôde encontrar um unico; resignou-se a ficar nos *tendidos*, que é onde sempre mais tempestuosa referve a onda popular.

Deante d'elle estava uma hespanhola, de mantilha graciosamente posta, uma rapariga inquieta, agil, febricitante, fumando um *pitillo,* cujo fumo a envolvia n'uma nuvem azul,-e que se voltára para elle, antes de começar a *funccion,* pronunciando sacudidamente:

—*Caballero, tiene usted cerillos?*

Depois, quando todos os olhares seguiam ávidos as evoluções do touro e do toureiro, ella, a travêssa hespanhola, sorria, agitava-se e ás vezes, como se estivesse pensando alto, deixava escapar :

— *Bravo! Bravo!*

Um dos toureiros cahira prostrado na arena, exanime, quasi morto: havia em todos os olhos um mixto de sobresalto e de jubilo; — muitos espectadores, levantados, curvavam-se para observar «la cogida.»

N'esse momento solemne, a hespanhola, tambem de pé, deixára cahir a mantilha, e duas tranças negras, lusidias, rematadas por laços de fita verde, saltaram em liberdade.

R. sentiu-se dominado, attrahido, quasi louco — ergueu-se n'um impeto e, arrancando a flôr da sua *boutonnière,* deixou-a ficar baloiçando-se n'uma das tranças de puro ébano.

Ella, a gentil hespanhola, voltou-se de golpe, co-

lheu precipitadamente a trança, viu a flôr, sorriu, deixou pairar o seu olhar sobre R. e apostrophou:

— *Gracias, caballero, gracias.*

Depois, largando a trança, interessou-se de novo pela arena, chorando, sorrindo, delirando...

Quem era ella, a *salerosa,* a morena, a dos olhos scintillantes?

E a flôr baloiçava-se ainda, como a folha na hástea, ao passar por ella o vendaval do enthusiasmo...

É preciso averiguar se essa mulher é honesta; não basta vêr que é formosa.

Novo *pitillo* incendiado — e nova espiral de fumo azul a nimbar a cabeça da *señorita* irrequieta...

Toda a gente a conhecia, e R. daria a vida por saber como se chamava.

Pepa, Paquita, Dolores, que importava o nome?

A flôr a baloiçar-se, a baloiçar-se... como se estremecesse ao contacto das faiscas electricas que serpejavam ao longo das tranças...

Mas quem era, queria elle sabel-o, quem era?

Não lhe fallem da flôr, digam-lhe quem é aquella mulher...

Era a *manola,* ou melhor ainda, — era a hespanhola, o enthusiasmo, a alegria e a graça encarnadas n'uma mulher perturbante...

XII

(CARTA DE J. R. a V. A.)

Fernandina, que foi educada em Lisboa em casa da avó materna, appareceu pela primeira vez á sociedade portuense no baile do *Club,* na noite de 10 de fevereiro de 1868.

Ah! meu caro V. A., tu, aldeão dos quatro costados, não pódes avaliar pelas nossas *soirées* provincianas, descerimoniosas e divertidas, o que ha de causticante, de aborrecido e de ridiculo n'um baile do Porto, especialmente n'um baile onde os convidados são assignantes... do convite.

Nós, quando os morgados das Gésteiras, do Soutêllo ou da Azinhaga deitam pregão de festa, vamos alegres, alvoroçados, completamente satisfeitos, porque sabemos para onde vamos, e porque temos — o que é melhor — a certeza de nos divertir. Cantamos, dançamos, fazemos musica, entre pessoas que nos sorriem francamente e, quando paramos no des-

vão d'uma janella a saborear um calis do nosso bom vinho de 1838, sabemos que não estão beliscando na nossa vida intima os convivas que ficaram na sala.

No Porto, não é assim, meu caro V. A.

No Porto vae a gente para um baile como vai para um enterro: dentro d'um *coupé*, direita, concentrada, triste, como se já estivessemos ouvindo o cochichar dos criticos engravatados que vão para as salas pascer-se nos taboleiros e na vida alheia.

Entramos desconfiados, a olhar para um lado e para outro, e só nos sentimos mais desopprimidos quando encontramos um amigo intimo, companheiro de infancia, que sabemos incapaz de nos atraiçoar, porque tambem se costumou a beijar em pequeno a mão de nossa mãe.

E é para isto, para voluntariamente se mostrarem n'este pellourinho aristocratico, que muitas damas portuenses deixam de oscular n'essa noite as cabecitas loiras de seus filhos, pobres creanças que não rezam ao anjo da guarda, porque a sua *bonne* não está para rezar com ellas!

São realmente dignas de lastima estas senhoras que não só vão expôr-se ás infamias dos linguareiros de salão, por exhibir a sua *toilette* ao esplendor dos candelabros, mas que tambem expõem inconscientemente a vida honesta dos maridos a quantas falsidadades se podem boquejar detraz d'algum reposteiro.

Pobres maridos, que estão sentados n'um sophá a olhar indifferentemente para tudo, e a lembrar-se dos seus filhos!

O calumniador é o peor elemento dos bailes portuenses, mas não é o unico para aborrecer, porque se lhe segue immediatamente o — desfructador.

O desfructador usa luneta — luneta por força! — traz engatilhado nos labios um sorriso tolo, que elle quer que seja escarninho, e fica a olhar, através do vidro, para todos os que vão passando.

Se um d'estes repellentes cretinos ousasse olhar assim para minha mãe ou para minha irmã, havia de comprimir-lhe o gasnete com a maxima força de que um provinciano póde dispôr, e obrigal-o a colar os labios no tapete que ellas tivessem pisado.

Mas... Perdão, meu caro V. A., perdão. Eu estava philosophando a respeito dos bailes portuenses, esquecido de que me propunha fallar simplesmente do encontro de R. com Fernandina. O baile do *Club*, n'esse anno, disseram os jornaes que foi deslumbrante, mas o que a mim me quer parecer é que foi... como o do anno anterior, na hypothese de ser o do anno anterior como o de todos os annos.

Entre as cento e seis senhoras, cuja belleza levou os noticiaristas a lançarem mão pela centesima sexta vez do simile da rosa, notava-se Fernandina, não que o dissessem os jornaes para não melindrar susceptibilidades, mas porque m'o affirmou... R.

Fernandina é realmente uma bonita mulher, embora os mais pechosos não consintam que se lhe possa chamar uma — formosa mulher.

É tão doce o colorido da sua face, tão expres-

sivo o seu olhar, que insensivelmente nos deixamos ficar a contemplal-a.

Não é uma belleza que cega; é uma belleza que suavisa tudo quanto se lhe aproxima...

E depois é uma senhora verdadeiramente instruida, não uma «preciosa» como certas damas que fallam francez nas salas para se esquivarem a fallar o idioma patrio, que não sabem; não uma *femme savante* de Molière, mas uma menina que escreve e pronuncía a lingua portugueza melhor que nenhuma outra lingua, e que sabe tocar piano com sentimento e com mimo.

Ainda mais. A sua alma tem o condão de entender a poesia de Deus e dos homens: por isso ella comprehende o amor e a musica, e traduz na maviosa linguagem do seu piano os ineffaveis extasis em que se deixa subir ao ceu...

R. viu-a, sentiu-se dominado, e amou-a.

No dia seguinte obedeceu ao coração que o aconselhava a escrever, e escreveu.

A sua carta era breve mas expressiva:

«Um excesso, talvez, de dignidade propria obriga-me a inquirir v. ex.ª ácerca de segredos intimos da sua alma. Se v. ex.ª tiver ainda a liberdade da águia que póde erguer-se ao sol, será o amor o sol, a alma de v. ex.ª a águia, e eu as duas azas d'ella, que a impellem a subir. Peço, porém, a v. ex.ª que não abafe a voz do seu coração; se já se não sentir livre, não quero ser eu quem vá turbar o céu da sua felicidade».

Fernandina, com a timidez da corça, não ousava responder. R. instou, insistiu, e recebeu a final estas palavras:

«Estimo ser livre para lhe dizer que me inspira verdadeira sympathia».

Innocente mentira. Fernandina escrevêra — sympathia — para não se arriscar a escrever — amor.

Posto isto, desçamos a fallar da vida real, em que R. parece ser tão feliz como no que directamente respeita ao espirito.

Em janeiro de 1868 teve a phantasia de experimentar os jogos d'azar, e da primeira vez que comprou um bilhete da loteria d'Hespanha recebeu das mãos do cambista a insignificante quantia... de dez contos de reis.

Os negocios da casa em que era guarda-livros, bem norteados com a sua ida a Inglaterra, de tal modo prosperaram que, em setembro do anno passado, T. W. julgou realizadas as suas ambições e liquidou para recolher á patria.

Dos vinhos de T. W., armazenados em Villa Nova de Gaya, comprou R. uma parte para se aventurar a tentar fortuna no commercio, que era tambem o unico campo em que lhe faltava vencel-a.

Perguntar-me-has agora por que não terá R. casado. Dir-te-hei o que elle mesmo me dizia, ha dois mezes, n'uma carta a este respeito:

«Amo verdadeiramente Fernandina, e todavia não penso em casar-me por emquanto. Se um acontecimento imprevisto me compellisse a matrimoniar-me já, fal-o-hia sem saudades do celibato. Mas, a não se dar uma circumstancia anormal, esperarei que se amplifique a esphera das minhas transacções, até hoje bem encaminhadas, porque eu quero, quando casar, poder satisfazer todos os meus caprichos attinentes a assegurarem a felicidade de Fernandina».

Sabes o que isto quer dizer, meu caro V. A.? R., que tem espiritos essencialmente fidalgos, quer dar carruagem e cavallos a sua mulher, quer que ella tenha joias e vestidos, e que se sinta deslisar suavemente sobre custosos tapetes.

Compartirá ella d'estas ambições? Não sei, mas creio que não.

R. imagina porém que Fernandina pensa exactamente como elle, e se não a julgasse feliz, havia de pensar que ella tambem o não era.

A natureza humana é assim, meu amigo, e a pobre rapariga contentar-se-hia com viver sob o mesmo tecto, não n'uma cabanasinha ao sopé d'uma serra como as romanticas delambidas, mas n'uma casa simplesmente *confortavel*.

R. nasceu para a vida faustosa, e mal que se entra nos seus esplendidos aposentos, conhecem-se não só os seus instinctos d'artista, mas tambem as suas tendencias para a ostentação.

Da sala d'espera, com uma linda e singela mobilia de pau santo, passa-se á sala de visitas onde avul-

tam os quadros, os bustos, as jarras, os espelhos e os albuns repletos de photographias das notabilidades europeas contemporaneas.

O quarto de dormir é precedido pela sala de receber os amigos intimos e communica com o quarto de vestir.

Esta sala de descerimoniosa recepção é realmente bonita: ahi tem R. o seu piano em frente d'uma *causeuse* de setim côr de laranja. Nas *etagères* ha livros de primorosas encadernações, livros de todos os generos, e não será difficil encontrar o *Paulo e Virginia,* de Saint Pierre, perto da *Fanny,* de Ernesto Feydeau.

Corrido o reposteiro, está a gente a dois passos do leito e d'um divan onde R. tem sonhado muita vez os seus devaneios d'artista e de homem elegante, á similhança de Méry, que tinha visões phantasticas n'outro divan do *Hotel Hombert*, em Italia.

Da sala de jantar sobe-se ao mirante, coberto de desenhos chinezes, onde R. costuma fumar, *après dîner*, especialmente nas tardes calmosas de verão.

Quem exteriormente olha para a sua casa, de dois andares e modesta apparencia, não póde imaginar o que de paredes a dentro ha de esplendoroso nos aposentos do nosso Demidoff em perspectiva.

Germano, um esbelto rapaz de desoito annos, loiro como Ganymede, reune as attribuições de *groom* ao cargo de mordomo, e é quem exerce auctoridade directa na pessoa do cosinheiro, velho lavado e bonacheirão.

Que queres? Está-me parecendo que R. ha de vir a ser um bom marido, não previamente preparado com a leitura da *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel, mas digno, extremoso, amantissimo.

Como elle ha de estimar a mulher tendo sentido tantas vezes a falta de familia!

Antes me quero com estas naturezas francas e expansivas, que fluctuam como o vime mas que se dobram como elle, do que com uns certos mocinhos muito anediados e honestos, que passam na sociedade por *uns bons casamentos* e que por fim de contas usurpam até á mulher... a direcção da cosinha.

XIII

(CARTA DE R. a V. E.)

26 de Fevereiro de 1870.

Hontem, sexta feira, nova surpresa dos meus dominós.

Imagina que recebi dois *bouquets,* differentes e formosos, sem uma linha, uma palavra sequer, que os acompanhasse.

Qual será do dominó azul? Qual será do dominó preto? Não sei, ou antes não pude saber á primeira vista. Terão ambos a mesma procedencia? Não; claramente se conhece que não.

O estylo é o homem, mas o *bouquet* é a mulher.

E estes dois são tão differentes, fazem no seu silencio tão diversas revelações, que não pódem proceder da mesma pessoa.

A mulher que compoz um *bouquet* deixou-se inconscientemente adivinhar pela escolha e, sobretudo, pela disposição das flores.

Os ramalheteiros francezes teem uma classificação

especial para os *bouquets: bouquet royal; à la duchesse; à la vierge; en gerbe; en éventail; bouquet-pagode,* etc.

A minha nomenclatura é sensivelmente mais facil e menos extensa: *bouquet-bom genio*, e *bouquet-mau genio,* eis tudo.

O *bouquet-bom genio* é despretencioso, incompleto e no seu desalinho gracioso revela a serenidade d'animo com que as flores foram colhidas e dispostas. É ordinariamente pequeno, e tem até algumas irregularidades que denunciam que a pessoa que o fez pensava mais na pessoa a quem o ia mandar do que nas flores que devia escolher.

É uma carta que não vale pela forma, mas unicamente pela ideia.

O *bouquet-mau genio* é perfeito, grande, artistico.

A disposição irreprehensivel das flores e a harmonia das *nuances* mostram a habilidade que tem a mulher para combinar as intrigas de toucador e os meios refalsados de chegar ao desejado fim — o *conjugo vos.*

Depois, como o *bouquet* é a espada feminina, a mulher que melhor souber jogar com as flores é a mais adestrada na tactica amorosa, e deante d'uma mulher que ama por disciplina e por calculo deve-se bater em retirada como deante d'um bom soldado.

Eis aqui mais uma razão para se recear d'este *bouquet.*

Posto isto, e aproveitando-me dos meus recursos

n'esta sciencia de pura galanteria, vamos a estudar os meus dois *bouquets*.

O primeiro, de trabalhosa construcção e d'uma riqueza de *tons* que faz lembrar os quadros de Giorgio Barbarelli, pareceu dizer-me, depois d'um breve exame: «Mandou-me o dominó preto.»

O segundo, singelo, e poderia até dizer imperfeito relativamente ao primeiro, como que me segredou quando n'elle demorei o olhar: «Venho do dominó azul.»

Outra cousa, ainda.

As flores do *bouquet-mau genio* emmurchecem quando se lhes toca, como as flores de Siébel, porque tiveram de tomar mil differentes posições antes de ficarem definitivamente collocadas e comprimidas na cartonagem que as cinge.

E um dos *bouquets* que recebi está já a amarellecer, ao passo que o outro se conserva viçoso e fresco como se o houvessem colhido hoje.

Resta-me uma unica duvida. Como explicar que cada um dos dominós me offerecesse um *bouquet*, no mesmo dia, apenas com intervallo de horas?

Não sei, nem a duvida me incommoda.

O futuro dil-o-ha.

A excitação do primeiro momento passou; agora conservo a curiosidade que o segredo dos dominós naturalmente provoca.

Occorre-me notar todavia o reviramento do dominó preto, que em vez de forjar e polir novas armas, aliena a sua indole de verdadeira hespanhola, e compõe

bouquets como se de amazona peninsular se convertesse por encantamento em ramilheteira atheniense.

Não tivesse eu aqui, bem á vista, o seu bonito punhal, e poderia pensar que por uma metamorphose mythologica, digna dos *Fastos* d'Ovidio, a lámina se transformára em ramilhete, adelgaçando-se espontaneamente para formar a haste e colorindo-se tambem espontaneamente os rendilhados do cabo para se recortarem em corolla.

Não, não se metamorphoseou em tecido vegetal: claramente estou vendo dois objectos distinctos, o punhal e o *bouquet.*

E tanto, em sua mudez, falla um como outro.

Formoso ramilhete, que reunes no mesmo laço a arte e a natureza, és quasi tão eloquente como o punhal!

Vejo-te perfeito, esplendido, irreprehensivel, e todavia anteponho-te o mais singelo ramilhete de madre-silvas do campo, colhido por uma pastorinha da serra.

É uma idiosyncrasia, bem sei, mas desconfio d'estes *bouquets* assim.

E que bonito em sua singeleza não é o do dominó azul! Já o primeiro que me deu, de violetas, alliava ao mais captivante *chiquismo* a mais despretenciosa simplicidade.

Mandaram ambas flores, porque ambas luctam, porque ambas se odeiam, talvez: se uma succumbisse ou cedesse, poderia a outra desfolhar o seu *bouquet* na arena em que brigára.

Laïs de Corintho tinha reunida nos seus esplendidos jardins a flor da mocidade grega, quando se espalhou a noticia da morte de Theodota, que lhe era rival em belleza.

Laïs, logo que o soube, arrancou violentamente a corôa de rosas que lhe cingia a fronte.

É que não pode haver tropheus onde não ha certame nem contendores.

XIV

(CARTA DE R. a J. E.)

28 de Fevereiro de 1870.

Sabbado, ao meio dia, falleceu M. A.

Pelo mesmo portador que, horas depois, me trouxe a noticia, escrevi a Fernandina o que a imaginação me foi suggerindo com o intuito de distrahil-a, por um momento, de tão dolorosas scenas.

Não sei se poderei reproduzir, *ipsis verbis,* o que escrevi; todavia o que vou exarar não me parece que seja muito differente:

«Deves estar impressionada pelas tristezas que, n'esta hora, te rodeiam.

Eu, que me julgo o teu maior amigo, imponho-me a terna obrigação de escrever uma carta alegre, e de arrebatar momentaneamente o teu angelico espirito a essas tristes verdades da vida.

A philosophia, uma coisa que tu mal conheces e que eu ainda conheço peor, desata a chorar ou a rir

quando se vê entalada nas crises mais sérias d'este mundo sublunar.

Houve philosophos que riam de tudo, e outros que por tudo choravam.

Estes ultimos querem-me parecer impertinentes como creanças de collo. Pensar n'elles faz medo. Os primeiros, posto encarassem a vida pela mais scintillante faceta do prisma, deviam tornar-se ridiculos quando casquinavam gargalhadas deante d'um espectaculo gravemente dramatico.

Vês pois que a philosophia, e quanto vem impondo de sciencia, é tão aborrecida quando gargaleja risadinhas tolas, similhantes ás do mentecapto que no alphabeto de Castilho representa o =I=, como quando destampa em lagrimosas jeremiadas de carpideira d'aldea.

Não te aconselho, pelas razões que deixo referidas, o lenimento da philosophia.

Eu, quando me vejo triste e preciso consolações, procuro n'uma unica pharmacia o balsamo que m'as dá, e do qual se riem os mazorraes philosophos, sujeitos que reputo muito inferiores á ostra, porque das incrustações que um momento de dôr deixou no seu espirito d'elles não procede... uma unica perola.

Na poesia é que eu procuro uncção, que eu logro encontrar allivio; com os sabios mais com a sua sciencia não me entendo nem avenho.

O que os absorve a elles é o que está nos livros, o que todos pódem comprehender; — doutrina mais

ou menos arida que com sacrificio de tempo se traslada da bibliotheca para o cerebro.

O que me delicía a mim é o grande poema que eu deletreio em toda a parte, e que elles não entendem porque não está composto em caracteres typographicos.

O philosopho, para exprimir as suas ideias, prefere as formulas logicas, o theologo as parabolas biblicas, e eu, Fernandina, eu que, mercê de Deus, não sou nenhuma d'estas coisas, tanto me sinto pensar nas harmonias do meu piano como nos traços caprichosos que o lapis vai debuxando no cartão. Ora são melancolicas ora alegres as melodias que eu vou arpejando no teclado, e na maxima parte das vezes, quando pego no *crayon*, não sei dizer se a paizagem sahirá leve como um idillio ou pesada como a vista d'uma charneca ao cahir da noite.

Sabes tu como são caprichosas as manifestações do systema nervoso? Ora descoram ora se purpuream as faces; agora enlanguece a vista, logo chammejam os olhos. A todos estes diversos effeitos assignala a medicina uma causa commum e vaga — o nervoso.

Pois bem, a poesia é o nervoso da alma, que umas vezes se manifesta em niagáras de luz e outras em sombras de tempestade.

Para os philosophos a mulher é simplesmente a companheira natural do homem. Para mim, que me sinto atacado da nevrose poetica, a mulher, representada em ti, é a suprema aspiração da vida.

Nas minhas horas de *rêverie* vejo-te, Fernandina,

levantada no altar da minha alma, e sinto-me realmente feliz porque te amo.

Animo, anjo; que te fortaleça a lembrança do meu amor, e mais que a lembrança — a certeza».

Fernandina mandou-me dizer que provavelmente estará no Porto quarta feira; receio muito que, em ella voltando, eu dê de mão a estes dominós mysteriosos, ainda que tenha de resistir ao aguilhão da curiosidade.

Que me importa que me amem, se realmente me amam? Fernandina é a unica mulher que merece o meu amor. E depois, sinto decrescer o febril enthusiasmo com que eu teria escutado estes dois dominós se me tivessem apparecido em 1867, no Mabille, em Pariz, ou no baile dos Capellanes, em Madrid.

Ouve todavia, muito em resumo, o que os dominós disseram hontem no Palacio:

Tinha eu entrado, havia cinco minutos, quando se aproximou o dominó preto, e me disse:

— R. Faz hoje oito dias que solicitei de ti uma entrevista, com o unico fim que vou declarar. Sabia que outra mulher, que tambem te ama e que procura debellar o meu amor, havia de procurar arrancar-te o segredo das palavras que trocassemos. Não quiz que respondesses logo ao meu pedido, porque desejava sondar a influencia que o dominó azul exercesse no teu animo.

«A entrevista foi um *meio* para conseguir um *fim*.

Confiei-te o punhal, ainda para experimentar se «me obedecerias; que para ferir com elle a minha rival não precisava entregar-t'o. Eu mesma teria a coragem de vibral-o, porque te amo com este amor ardente que se póde converter em crime, e manchar de sangue.

«As palavras do dominó azul ressumbraram decerto doçuras provocantes que te enlouqueceram; embriagou-te a melopea do cascavel, e eu fiquei vencida por elle.

«Não importa, R., hei de luctar, porque te amo. O meu punhal quero que o guardes até depois d'amanhã. Ou m'o restitues terça feira, e esse será o signal da minha victoria, ou ficarás com elle para sempre, que eu procurarei então esmagar a minha rival, e n'essa lide concentrarei todos os recursos de que possa dispôr. Passadas quarenta e oito horas, termina o carnaval. Não me soffre o coração que esta incerteza se prolongue além d'esse praso. Se te decidires por mim, vêr-me-has então, e saberás quem eu sou, mas exijo que o punhal venha acompanhado por algumas palavras tuas que confirmem a minha victoria.

«És cavalheiro, R., mas és homem, e poderias zombar da minha credulidade».

O dominó azul appareceu meia hora depois de se ter affastado o dominó preto.

«Viste-a, e fallaste-lhe já, disse-me elle. Assaltou-te logo á entrada, para que eu não tivesse tempo de aproximar-me.

«Supponho porém que me farás justiça, e que sinceramente acreditarás que te amo. O dominó preto calcou aos pés a propria dignidade para poder fallar-te. Não importa. Somos duas mascaras; aquilata-nos como quizeres.

«Terça-feira é o ultimo dia em que posso fallar-te aqui. Cumpre que te decidas, R., que eu sinto-me fraca para esta lucta realmente desigual.

«Se te decidires pelo dominó preto, restar-me-ha o orgulho de me teres amado até esse momento. Amaste-me, R., amaste-me, que te deixaste vencer pelas minhas palavras. Amaste o mysterio, mas amaste, não talvez com o amor que prevalece, mas com o amor ephemero d'um momento de delirio.

«Se porém eu fôr a preferida, exijo apenas como tropheu o punhal que te entregou o dominó preto. São direitos de conquista que não pódes recusar. Se ficar vencida, recolher-me-hei com o meu justo orgulho, e deixar-te-hei passar livremente. Então aniquila tudo o que de mim tens recebido: as violetas que já devem ter emmurchecido, a minha carta, e o *bouquet* que te mandei sexta-feira com a simples designação de: *Offerece o dominó azul*...

— Como! Enganas-te... repliquei eu.

— O quê?

— O teu *bouquet* não levava designação alguma; recebi-o pouco antes d'outro que tambem não levava qualquer designação e conjecturei proceder do dominó preto...

— Não estarás tu enganado? perguntou o dominó

azul sensivelmente aturdido. Não se desviaria o cartão em tua casa? Não o perderia o teu criado?

— Não. A tua carta recebeu-a o meu criado das mãos d'um moço d'esquina, e foi esse o mesmo portador do *bouquet*. Germano, o meu criado, perguntou-lhe d'onde vinha, e teve em resposta: «Entregou-m'o uma mulher na praça de D. Pedro.»

— E quem entregou em tua casa o outro *bouquet?*

— Foi tambem um gallego, visto que são elles, parietarias que vivem arrimadas ás esquinas das ruas, os unicos intermediarios mais á mão para estas missões de procedencia anonyma. Germano perguntou-lhe d'onde vinha, e elle respondeu-lhe «que uma criada lhe entregára aquelle ramo no largo dos Loyos.»

— Ah! respondeu, como perturbado, o dominó azul, e retirou-se precipitadamente.

Se eu fosse atreito a esperdiçar pontos de admiração, como os novellistas antigos, era caso para empregar agora uma dezena d'elles, quando menos. Não curo d'isso, porém. São dez horas da manhã: vou almoçar para sahir.

XV

(CARTA DE R. A J. E.)

28 de Fevereiro de 1870, ás 11 horas da manhã.

Agora mesmo, minutos depois de Germano ter sahido para deitar ao correio a minha carta, acabo de receber o seguinte bilhete, que vou copiar muito á pressa, porque já estou de chapeu na cabeça:

«Ill.mo Snr.

Uma mulher, completamente iniciada no segredo dos dominós, previne v. de que o procurará ás cinco horas da tarde para lhe ser agradavel.

Corinna».

XVI

(CARTA DE R. a J. E.)

1 de Março de 1870.

Pude finalmente desenvencilhar o mysterio. Abstenho-me por emquanto de commentarios; melhor caberão depois de ter desembaraçado toda esta meada carnavalesca.

Quem é Corinna? Não o saberás por agora. Preparo-te a surpresa para o fim.

O dominó azul chama-se Beatriz; o dominó preto, Maria Germana. Não me enganei. Esta mulher devia ter forçosamente alguma coisa da virilidade tudesca de Arminius.

Beatriz é visinha de Fernandina: conheço-a como as minhas mãos. É uma pretenciosa ridicula, que está todo o dia á janella com as faces polvilhadas de pó d'arroz.

Fernandina, com a sua ingenuidade angelica, revelou á visinha, no principio das nossas relações, o

segredo do seu coração, e os lances da minha vida que eu lhe havia contado.

Um dia, porém, desconfiou da sinceridade da confidente, e retirou-lhe a sua confiança que tanto tinha de expansiva como de imprudente.

O jardim da casa de Beatriz confina com o jardim da casa de Maria Germana, e as duas mulheres, que se habituaram a regar as suas flores á mesma hora, acabaram por ser amigas, no sentido que esta palavra póde ter... entre senhoras visinhas.

Beatriz, naturalmente para vingar-se de Fernandina, gisou o projecto de se me apresentar n'um baile de mascaras de modo a tornar irresistivel a fascinação.

Abriu-se a este respeito com Maria Germana e involuntariamente denunciou como se apresentaria, e o que diria nos éstos simulados de um amor vulcanico.

Suspeitou, porém, das intenções da visinha; d'outro modo: aquilatou-a por si mesma.

Cada uma d'estas mulheres tem sua criada confidente. Tu sabes muito bem que esta especie de criadas é a mola indispensavel no mecanismo de qualquer comedia.

Pois bem. Beatriz peitou a criada de Maria Germana e pôde confirmar as suas suspeitas.

Por sua vez, Maria Germana preparava a traição e combinava com a criada confidente o processo a seguir para contraminar a obra de Beatriz. O punhal era ainda um elemento de comedia, de que Maria

Germana lançava mão para amedrontar a timida visinha, creatura que por uma invencivel phobia sente desafinarem-se-lhe os nervos em presença d'uma lamina cortante.

Para levar a effeito a sua mysteriosa reacção, teve Maria Germana de subornar a criada de Beatriz.

A traição das criadas confidentes é pois o duplo eixo sobre que voltea esta pequena comedia d'oito dias.

Posto isto, retrogrademos á noite de domingo magro.

Antes de eu entrar no Palacio de Crystal, Beatriz, o dominó azul, passou por um grupo em que Maria Germana, o dominó preto, estava *fazendo espirito* com grande pasmo de seis caixeiros dos Clerigos.

Beatriz estacou deante do boçal auditorio, e casquinou uma gargalhada d'escarneo.

Maria Germana, sem presentir a traição da criada, percebeu que tinha sido conhecida, mas não desanimou, e tudo quanto me revelou da minha vida foi o que em outro tempo lhe contára Beatriz.

Á traição de Maria Germana se referiam de certo as palavras da pérfida confidente de Fernandina, quando persistia em dizer-me que «a razão, a justiça, a dignidade» estavam do seu lado.

Vocabulario das mulheres, quem te ha de comprehender!

Na dobadoira da astucia feminina giraria, ainda a esta hora, a meada em que duas mulheres procuravam enredar-me, se o desvio do cartão que acompanhava o *bouquet* de Beatriz não denunciasse a traição.

Foi o caso:

A criada recebeu as flores com ordem de mandar-m'as entregar. Foi porém mostral-as a Maria Germana e aconselhou-a a fazer-me igual presente, sem que nenhum dos *bouquets* trouxesse designação, para que Beatriz não pudesse avantajar-se na lucta.

Vem agora a ponto declarar-te quem seja a denunciante Corinna: é a criada de Beatriz, despedida esta manhã, logo que foi patente a perfidia aos olhos da ama.

Eis aqui tudo, meu amigo, eis aqui tudo.

E digam, e continuem a dizer que é proveitosa a experiencia das viagens, e que o homem é o ser pensante por excellencia, o *rei da creação!*

Tinhas razão, Maria Germana, virago astucioso, quando mofavas, como Salomão, da vaidade dos homens. Tinhas razão.

Ó Fernandina, alma d'anjo engastada em corpo de mulher, salva-me tu de resvalar de novo no atoleiro a que procuram arrastar-nos as creaturas do teu sexo.

Eu sabia que as mulheres se invejavam e diffamavam mutuamente, mas ainda se me não tinha ageitado ensejo de medir a negra profundidade do charco a que ellas mesmas se arremessam com notavel sem-vergonha.

Irão hoje ao Palacio os dois dominós? Não sei dizer. Sobra-lhes desenvoltura para proseguirem no trama.

Se não estivessemos em Portugal, iria procural-as

hoje e, se as encontrasse, saccudir-lhes-hia das faces a mascara de folho recortado, em pleno baile, com a ponta d'um chicote e com o desplante d'um *sportman*.

Pois esta Corinna! que mulher de talento e d'astucia que ella sahiu! A heroina do mesmo nome, cuja recordação anda associada á gloria de Madame de Stael, não chegava de certo ás plantas da criada de Beatriz em competencia de merecimentos.

São nove horas da noite, guincham na rua uns mascarados que vão passando, e eu, que não tenciono sahir de casa, vou abrir o piano, para me desaborrecer.

Amanhã volta Fernandina. Poderei vel-a. Ainda que te pareça despeito o que é simplesmente nojo de duas mulheres que se disputam um casamento, dir-te-hei que ponhamos d'uma vez para sempre ponto final n'este lance comico da minha vida que respeita aos dominós do Palacio de Crystal.

XVII

(CARTA A V. A.)

18 de Abril de 1870.

«O nosso commum amigo J. E. contou-me, quando em meado de março passou no Porto com destino a Lisboa, onde ainda a esta hora passeia o seu bom humor provinciano, que te escrevêra a biographia de R. a proposito do caso dos dominós. Soubeste por elle o desfecho da comedia carnavalesca, mas, ainda que os jornaes te levaram a noticia do casamento de R. com Fernandina, não lograste de certo colhêr informações que pudessem saciar-te a curiosidade.

Fernandina era minha visinha; Beatriz e Maria Germana continuam a ser. Um dia quando alguem escrever os *mysterios da minha rua*, deve dar um logar de honra a estas duas notabilissimas damas, cuja historia é muitas vezes folhetinisticamente commentada á mesa dos botequins. No Porto não ha ninguem que as não conheça, tanto por suas façanhudas aventuras amorosas como pelo contraste que resalta entre

duas mulheres, das quaes uma tem desplantes de porta-machado e a outra mollezas romanticas de tuberculosa chronica.

Maria Germana, Atlante de saias, é capaz de sustentar na mão espalmada e trigueira o globo do mundo. Beatriz recolhe-se ao leito em deliquos poeticos, quando vê fugir-lhe um namôro que durara quinze dias.

A esta hora estão ainda divorciadas; R. desempenhou inconscientemente o papel de pomo da discordia. Supponho porém que não será de longa duração o interregno que suspendeu as confidencias das duas visinhas: são desleaes, mutuam-se traições, pleiteam competencias, nasceram diametralmente oppostas, e todavia comprehendem-se!

O piano de Fernandina deixou profundas saudades na minha rua; sente a gente tristeza de o não ouvir quando no silencio das noites de luar arrojava pela janella turbilhões sonoros. E elles, os noivos? perguntarás tu. Felizes, tranquillos, extasiados. Vi-os hontem no Palacio de Crystal, onde se cantava o *Baile de mascaras*, alegres como dois passarinhos que se amam.

Maria Germana e Beatriz não se lembraram decerto que poderiam precipitar acontecimentos que só o futuro devia trazer. R. amava Fernandina, mas não pensava em casar-se por emquanto. O caso dos dominós enfastiou-o da mocidade, do celibato e da sociedade.

Fernandina e R. apparecem no theatro, mas não vão ás salas.

É licito inferir d'aqui que não querem abrir as portas do seu paraiso ás viboras sociaes que se enroscam aos nossos pés para, fingindo-se humilhadas, os babujarem de peçonha...

Tudo me leva a crêr que são, e que hão-de ser felizes. A verdadeira felicidade é egoista e não consente que os zangãos da maledicencia vão pascer-se nos favos amellados com a substancia odorifera das flores do coração.

A vida das salas é por via de regra tempestuosa, e em mares aparcellados é para recear o naufragio. Que quem se sentir venturoso não afoite a gondola dos seus amores para além dos mares azues que fecham a ilha encantada da felicidade. O oceano é grande; sulcal-o seria o mesmo que crearmos ambições, dores, receios. Uma lagrima cahida na immensidade das aguas, perde-se; uma lagrima chorada sobre rosaes, encontra sempre uma rosa para embebel-a.

De mim te declaro que só descanso do labutar quotidiano no lar e na solidão, porque o lar representa a familia, e a solidão falla de Deus.

O valor dos meus livros póde discutil-o o publico, quando os ler, que nem sequer me lembro d'isso; o valor da minha felicidade é que eu não quero que o publico conheça e discuta, porque pertence só a mim.

Sei que R. prudentemente occultou a Fernandina a intriga de que elle fôra objecto; fez bem. A gentil alma não devia descer do seu mundo de perfumes e harmonias ao esterquilinio das impurezas humanas.

Quando hontem os noivos sahiam do espectaculo,

passaram por mim. Será phantasmagoria, mas pareceu-me sentir um frémito d'azas que se perdeu na quietude luminosa da noite... Era R. que passava com o anjo do seu amor; era a felicidade que deslisava como as deusas de Virgilio — porque a felicidade é divina.

.....

Adeus.

Sincero amigo

ALBERTO PIMENTEL. »

POR CAUSA DA GUERRA [1]

Vou desvelar um mysterio que tem até hoje alvorotado a curiosidade da minha rua.

Andava-se a perguntar:

— Por que será?

— Quem lançou o pomo da discordia?

— Que razões tiveram?

E ninguem rasteava a verdadeira causa da inesperada cizania que tem ainda suspensas as relações dos snrs. Domingos Alves, Custodio Nunes e suas respectivas esposas.

Seja eu o linguareiro.

[1] Era a guerra franco-prussiana, a qual tanto apaixonou a opinião publica de toda a Europa, que raras pessoas e familias deixaram de tomar partido por um ou outro belligerante.

Já lá vão 35 annos. E comtudo ainda hoje, no Seixal, duas philarmonicas rivaes conservam tradicionalmente a alcunha de «prussianos» e «francezes». *Nota da presente edição.*

O primeiro dos referidos individuos é mercieiro acreditado, accionista de dois Bancos, lê correntemente os dois periodicos que mandou assignar desde o principio da guerra, e é o homem mais persistente em suas crenças que se tem visto.

O segundo desempenha as obscuras funcções de escrevente de cartorio, vive modestamente, sabe pôr os pontos nos *ii* em razão da muita experiencia do seu modo de vida, e mette denodadamente a foice na seara da politica com notavel proficiencia.

Recapitule-se o que já se disse, e acrescente-se mais alguma coisa. Fique bem liquido que os personagens d'esta veridica historia, seu estado, condição e signaes caracteristicos são os seguintes:

Domingos Alves, natural do Porto, 45 annos d'idade, baixo, gordo, de profissão mercieiro, casado.

Custodio Nunes, natural do Porto, 37 annos, alto, magro, de profissão escrevente, casado.

Emilia Rosa, natural de Vallongo, 42 annos, anafada, rotunda, apopletica, casada com Domingos Alves.

Serafina Adelaide, natural de Figueira de Castello-Rodrigo, 29 annos, temperamento excessivamente nervoso, casada com Custodio Nunes.

As relações d'estas duas familias remontavam ao anno de 1865, tempo em que o snr. Domingos Alves pleiteava nos tribunaes a legitimidade d'uma herança a que sua mulher se habilitava. Como frequentasse o escriptorio do seu advogado, travou ali conhecimento com Custodio Nunes, o qual lhe parecêra bom sujeito, bem fallante, e homem activo. O correr dos

tempos e o duplo prazer de vencer e herdar levaram o snr. Domingos Alves a convidar Custodio Nunes para sua casa. O escrevente compareceu em companhia de Serafina Adelaide, creatura que logrou cahir nas boas graças da esposa de Domingos Alves e acabou de soldar o ultimo élo aos doces laços de tão proveitosa como agradavel amizade.

Antes d'esta inesperada aproximação das duas familias, Domingos Alves e Emilia Rosa, cansados á noite do trafego commercial e da labutação domestica, fechavam a loja pouco depois das nove horas e já não davam accordo de si quando batiam as dez.

Não tinham visitas, ao domingo passavam as tardes á janella, e cumprimentavam prazenteiramente a visinhança, exceptuando porem uma das mais abastadas proprietarias da rua, que empresta dinheiro sobre penhores: a mulher do procurador Pedroso, unica visinha que não compra na loja de Domingos Alves.

Isto explica facilmente a razão da malquerença que distanceia a familia Alves da familia do procurador.

Quando Emilia Rosa estreou no domingo do Espirito Santo um *paletot* de velludo, a *Pedrosa* — como geralmente a tratam — declarou á visinhança que a sua vista não a enganava e que o *paletot* era... de velludilho.

Emilia Rosa soube, barafustou, e d'ahi em deante, por lhe constar que o procurador levava a mulher a divertimentos publicos, punha o caixeiro na rua com o unico proposito de os espionar, e saber que rumo levavam.

*

Da primeira vez que isto aconteceu, veio o caixeiro e disse:

— Estiveram sentados no Jardim de S. Lazaro a ouvir a musica, e depois, quando se accenderam os lampeões, sahiram, vieram pela rua de Santo Antonio abaixo, e metteram-se no Baquet.

— No theatro! exclamou, com as faces improvisamente apopleticas, Emilia Rosa. Oh! homem — voltando-se para o marido — não teres tu genio d'ir ao theatro! Foram á opera, aquillo é que é!

— Qual opera, mulher? No Baquet representa-se o *Santo Antonio,* que tu já viste. Que mais queres? Eu em vendo uma vez estou satisfeito e, para te fallar com franqueza, gosto mais d'estar em casa do que no theatro. Mal peccado, não arranjar a gente com quem jogar a bisca ás noites, para se entreter um bocado.

Pouco depois, estreitavam-se as relações com Custodio Nunes.

Cahira a sopa no mel, como dizia Domingos Alves.

O escrevente e a mulher vinham todas as noites fazer a partida de sueca, chovesse ou não chovesse. Elle poderia deixar d'ir ao escriptorio por estar incommodado, mas á sueca não faltava, désse lá por onde désse.

Serafina Adelaide dizia muitas vezes ao marido:

— Isto da gente sahir todas as noites, custa. Mas poupa-se o chá e faz muita conta. Não ha remedio.

E sahiam.

Domingos Alves dava chá, ceia innocente que

desde o tempo da colera adoptára por instincto de conservação.

Pão com manteiga e biscoitos azedos queria Domingos Alves que houvesse sempre com fartura.

— Quem dá chá todas as noites, dizia elle, não póde sahir d'isto, e ouço dizer que na Assemblea tambem é o mesmo.

— Com fartura... duvido... replicava a incredula matrona.

Até meado de 1870 correram remansosas as relações d'estas duas familias, bem como as noitadas de bisca sueca.

Começou, porém, a correr nos jornaes um zumzum de conflicto entre a França e a Prussia e para logo se mostraram antagonistas em suas opiniões de politica extrangeira não só os dois homens, mas as duas familias — homens e mulheres.

Domingos Alves denunciou-se prussiano: andava sempre a fallar de Bismark e a encarecer a sagacidade diplomatica do chanceller allemão. A mulher, e não admira, dizia que era prussiana tambem.

Custodio Nunes estava do lado da França, a par de Serafina Adelaide, que se dava ares de intrepida vivandeira animando o marido a bater-se com Domingos Alves no campo da opinião.

— Aquelle Bismark! ponderava o mercieiro, aquillo é que é cabecinha! Pondo um rei allemão na Hespanha, mettia a França entre dois fogos. Olhe que esta ideia de dar xeque ao Napoleão, só um homem d'aquelles a podia ter!

— E' verdade! acrescentava, meneando a cabeça, Emilia Rosa.

— Deixem-se d'isso, replicava Custodio Nunes. O Napoleão é que lançou mão do pretexto Hohenzollern para fazer a guerra. Morto por isso estava elle. Fino até 'li. A Prussia, melhor direi a Allemanha prussianisada, ia crescendo de mais e a sombra de Bismark chegava ás Tulherias. Era preciso marcar-lhe termo e, alem d'isso, dar prestigio, robustecer o imperio á custa do sangue allemão. O amigo verá como Napoleão ha de saber aproveitar-se da victoria para consolidar a dynastia.

— Isso mesmo... confirmava Serafina Adelaide.

Domingos Alves e Custodio Nunes liam assiduamente os jornaes, e seguiam os acontecimentos com a brevidade que os telegrammas permittiam.

O mercieiro lê e escreve correntemente, qualidades que lhe prohibem, creio eu, chegar a ser titular. Não é de todo o ponto ôca a sua ampla cabeça e se a lingua ainda ás vezes se lhe mostra rebelde á prosodia, perdoemos-lhe, pondo piedosos olhos nos viscondes de nossos dias.

Custodio Nunes, por diuturna convivencia com pessoas lettradas, conseguiu expôr as suas ideias em linguagem correcta; a experiencia substituiu n'elle a deficiencia de conhecimentos e a falta absoluta d'estudo.

Depois que o governo francez declarou guerra á Prussia, quer dizer, depois do dia 15 de julho de 1870, emquanto o caixeiro cabeceava debruçado no balcão

em plena liberdade da sua obtusidade minhôta, Domingos Alves, Custodio Nunes e respectivas esposas animadamente conversavam da guerra exaltando ou deprimindo as duas potencias belligerantes ao sabor das proprias inclinações.

Os primeiros dias d'agosto trouxeram participação telegraphica do combate de Sarrebruck, e as mil boccas cortezãs, que não tinham ainda emmudecido perante a desgraça, levaram ás Tulherias, e de lá proclamaram á Europa alvoroçada, a noticia do *baptismo de fogo* do principe, caso que deu que scismar a quem não enxergava que a intenção do quartel-general francez era dar á dynastia e ao imperio um prestigio, que tanto tinha de comico como de impudente.

Custodio Nunes encareceu á mulher o denodo de Frossard, a energia de Napoleão, que assistiu ao combate, e a coragem do principe, que acompanhára o imperador.

Domingos Alves lêra effectivamente nos periodicos que a guarnição prussiana abandonara a praça de Sarrebruck, varejada pelo vigoroso canhoneio dos francezes. O que elle não conhecia era a exigua importancia da posição e do feito; custou-lhe pois extremamente que Custodio Nunes fosse o primeiro a cantar victoria. Finalmente resignou-se. Quem não transigiu porém com a verdade dos factos foi Emilia Rosa.

— Ó homem! dizia ella em seu desespero, pois aquelles prussianos não haviam de vencer só para a

Serafina não começar á noite com chanças de ser franceza! Quando vencerão elles?

— Não sei. Deixa estar que não ha de tardar muito.

— É preciso que elles vençam. Com que cara ha de a gente apparecer á noite! Isto assim não tem geito... Que eu cá continuo a ser o que era.

— Tambem eu. Nós... somos allemães.

— Allemões! Allemon serás tu, que és como o catavento. Eu cá sou prussiana.

— Tanto faz, mulher. Os allemães são alliados dos prussianos.

— Sim, mas eu quero ser prussiana... ou allemôa. Quero ser o que é o Virmarka.

— O Bismark é ministro, mulher.

— Não comeces a gracejar. O Virmarka é allemon ou prussiano?

— Ó mulher, quantas vezes te hei de dizer que não é Virmarka! diz Bismark... Bismark... Bismark.

Custodio Nunes e Serafina Adelaide, orgulhosos com a noticia dos periodicos, souberam todavia alliar a prudencia com o jubilo e não aventuraram palavra a respeito da guerra.

No decurso da noite, Emilia Rosa enviesára mais d'um olhar de interrogação para o rotundo marido, como se quizesse dizer-lhe:

— Por que não fallarão?

Quando Custodio Nunes e Serafina sahiram, a dessocegada creatura bateu amigavelmente no hombro

do mercieiro e arrancou do profundo peito estas palavras não menos profundas:

— Quem sabe se os francezes é que venceram?

— Por que dizes isso?

— Pois elles não disseram nada! Sempre torna a vêr a folha.

— A folha diz... Aqui está. A folha diz... não ha que vêr. Os francezes desalojaram a guarnição prussiana de Sarrebruck.

— Isto faz-me scismar! Porque é que não fallariam elles? Que eu já tinha a resposta na ponta da lingua.

— Que respondias tu?

— Cá uma coisa.

— Mas que era?

— Eu dizia assim: Pois venceram, venceram, mas assim como venceram... podiam não vencer.

— Isso lá é verdade.

— Se foi outra coisa... Se foi isso...

— Isso o quê?

— Se não fallaram, por não fazerem caso de nós. Os grandes fidalgos talvez não nos quizessem dar importancia! Vêem-se coisas, que é um louvar a Deus!

— Não foi isso, mulher, não foi isso. Não se lembraram. Começou-se logo a jogar... foi o que foi.

— Eu estava morta que se começasse. Não vistes que me assentei logo? O que eu queria era que elles não fallassem.

— Vês! E levaste a mal que não fallassem! Vão lá entender-te, mulher!

Noticiou a imprensa a refrega desastrosa de Weissemburgo em que a victoria coube aos prussianos depois que a divisão Douay, desamparada, succumbiu heroicamente sob a mole gigantesca das tropas inimigas.

Emilia Rosa, apenas teve conhecimento do telegramma, experimentou um accesso de jubilo que poderia ser causa efficiente d'uma apoplexia fulminante, se o empenho de viver até á noite não excedesse ainda o proprio jubilo.

— Isto é que foi! — dizia ella debruçada sobre a mesa da sueca e passando pela vista o jornal. — Isto é que foi! Snr. Nunes, os seus francezes levâram uma boa coça d'esta vez! Os nossos...

— Os nossos... quaes? — perguntou com impertinencia Serafina Adelaide.

— Os prussianos da Allemanha, que são do nosso partido — do Domingos e meu.

— Ah! replicou Custodio Nunes com zombaria, eu pensei que o snr. Domingos Alves e a snr.ª Emilia Rosa é que eram do partido dos allemães. Vejo agora que é o contrario.

— Não inverta as palavras, *sôr* Nunes, treplicou a esposa do mercieiro com as faces escarlates.

— Não te amofines, mulher, ponderou Domingos Alves, que se tinha conservado silencioso. Eu tambem estimei que vencessem os prussianos, mas...

— Mas sentiu que não fosse a victoria completa, atalhou o escrevente.

— Completa! repetiu Serafina.

— Como assim? perguntou o marido.

— Leia bem os telegrammas, snr. Domingos Alves, e veja que não póde ser victoria completa a de *forças consideraveis* que fazem retirar *trez* regimentos.

— Que não fossem tolos em arriscar-se sem reforço...

— Os prussianos deixaram-se apanhar da primeira, — atalhou irritantemente Emilia Rosa, mas pilharam os outros com a bocca na botija, e eram d'uma vez os francezes.

— Isso é um disparate! regougou Serafina Adelaide. Fazer recuar trez batalhões não é vencer uma nação, nem a guerra acabou já...

— Vamos á sueca e leva de rumor, atalhou o cartorario no momento em que se iam escancarar as maxillas de Emilia Rosa sob a pressão interior de nova parvoiçada.

— Não pensem que tapam assim a bocca á gente, vozeou ella.

— Anda d'ahi, mulher, que são quasi oito e meia, apostrophou o mercieiro.

Abancáram. Emilia Rosa, melindrada com a replica de Serafina Adelaide, quando tinha de lhe cortar um az obliquava para ella um olhar perscrutador e batendo estrepitosamente com os nós dos dedos na mesa, berrava:

— Mata que é francez.

O escrevente, mal se viu na rua, disse á mulher:

— Sabes que mais?... Com tolos nem p'r'ó o ceu. Não posso aturar aquella Emilia Rosa.

— Agora, homem, é fazer das tripas coração, respondeu Serafina Adelaide. Tinha graça se os tendeiros se capacitavam de que não iamos lá por lhe ligarmos importancia, ou lhe termos medo.

— Pois, mulher, fique então assente que se não torna a fallar mais em guerra; de contrario, não respondo pela minha prudencia.

— Credo! homem. Com pouco perdes a cabeça...

— O que disse, disse, perorou elle paraphraseando Pilatos.

Sempre que os periodicos annunciavam alguma das derrotas successivas que o exercito francez experimentou, Emilia Rosa soltava meias-palavras tendentes a accenderem discussão. Eram porém infructiferas as tentativas, a despeito da insoffrida creatura que segredava ao marido:

— Andam embaçados!.. Não abrem bico...

Quando em meado d'agosto se recebeu o telegramma que referia a celebre phrase de Napoleão III «Fui enganado; estou perdido», Emilia Rosa, emparceirada com Custodio Nunes, aproveitou a occasião de levarem uma chitada para soprar á mecha, exclamando zombeteiramente:

— «Estamos perdidos,» como disse o *Nanpoleão*.

E todavia a massa enorme que se levantava do norte ia crescendo mais e mais sobre a França, ameaçando cingil-a n'um circulo de ferro. Sedan não estava longe. Pariz preparava-se delirante para a revolução de 4 de setembro.

A bacchante do Sena, proxima a resvalar do im-

perio para a republica, tripudiava quasi sem consciencia do passado e do futuro, entregando-se ás impressões de momento. A habitual sobreexcitação de Pariz revelava-se então n'um *crescendo* precursor dos acontecimentos que os primeiros mezes do anno de 1871 teem visto desdobrar-se na tela da historia.

Agonisava a França, a invasão inimiga avançava, e Pariz cantava a *Marselheza*, e applaudia os oradores enthusiastas que bradavam emphaticamente com Victor Hugo, o utopista patriota, «Pariz é a cidade dos homens. Houve Athenas, houve Roma, e ha Pariz...»

E a Allemanha, em vez de se contentar com a resposta do escriptor Huruberger ao poeta das *Orientaes,* avançava sempre, grande, pesada, enorme, cruel; era ainda o mesmo vencedor implacavel que começára por fuzilar os camponezes de Weissemburgo e que tinha de acabar por incendiar os hospitaes de Pariz.

Nos primeiros dias de setembro, espalhou-se a noticia de que Napoleão estava prisioneiro do rei Guilherme.

Os philosophos da historia, que os ha por ahi a rodos, expandiam-se em facundos commentarios quando souberam que Napoleão fumava tranquillamente á hora em que Wimpffen chorava de desespero.

As duas familias, com quem travamos conhecimento no principio d'esta veridica narrativa, não se remontavam a tão subidas espheras, mas não empedraram tambem deante do acontecimento, apesar da indifferença recommendada por Custodio Nunes.

Ao tempo que isto aconteceu, Emilia Rosa estava um dia alfanando as escassas tranças, quando subitamente estalou o espelho d'alto a baixo.

A aturdida mulher recuou d'um salto para o meio da casa, exclamando com voz ao mesmo tempo cava e tremula de commoção:

— Cruzes! canhôto!

Domingos Alves foi surprehendido, ao encartuchar um arratel d'assucar, pelo regougo da mulher após o estalido do espelho.

Deixou o freguez por aviar, subiu precipitadamente á salêta e encontrou a mulher encostada n'uma cadeira de braços, com as faces apopleticamente sanguineas e os olhos injectados.

— Que foi, mulher! que aconteceu? perguntou o inquieto mercieiro.

Emilia Rosa contentou-se com apontar para o espelho e dizer gravemente, meneando o monolitho craneano:

— Espera-lhe pela volta...

Domingos Alves não tinha preconceitos, mas não gostava que a sybilla conjugal lhe vaticinasse desgraças imminentes, por que em tal caso era certa a fatalidade annunciada.

Emilia Rosa bebeu dois copos d'agua e pareceu finalmente menos agitada; todavia teria sido aquelle um dia de má estreia, se, pouco depois, não esfuziasse pela escada acima a voz estridula d'uma visita inesperada: o compadre Lopes Trigueiro, rico proprietario de S. Mamede de Infesta, homem a quem Deus

dotou com a alegria precisa para encher uma casa inteira.

— Ó comadrinha! ó compadre! leve o diabo tristezas! gritou o Lopes assomando ao umbral e dando com os olhos no par taciturno. Que desgostos vão n'esta casa?

Domingos Alves encolheu negligentemente os hombros, e Emilia Rosa, n'uma caramunha infantil, soluçou:

— Estalou-nos o espelho. Agora é esperar-lhe pela volta...

O de S. Cosme deitou as mãos ás ilhargas e garganteou por mais de dez minutos uma risada estupenda.

— Ó comadrinha! disse Lopes Trigueiro, quando pôde fallar. Isso é uma desgraça proveitosa. Cresce-lhe agora mais um espelho que póde ficar para o marçano. Oh! oh! pois aqui está o compadre Lopes Trigueiro que tem de ir ámanhã a Lisboa, e que para fazer os indispensaveis preparativos ha de comer e dormir hoje no Porto.

— Em nossa casa, acrescentou mais animada Emilia Rosa.

— Pois isso é da lei, perorou o mercieiro, sahindo satisfeito da entalação em que se vira.

Emilia Rosa levantou-se, remexeu na algibeira, e fez tilintar um mólho de chaves, operação que significa n'uma dona de casa: — *vou dar as ordens.* —

Cumpre notar que eram succolentos e estrepitosos,

em casa de Domingos Alves, os jantares dados em honra de Lopes Trigueiro.

Se é verdade o que Gil Vicente escreveu no auto de *Mofina Mendes,*

> Que na festa sem comer
> Não ha hi gaita temperada,

hospede e hospedeiros deviam sentir-se no fim do substancial repasto levantados a um mundo de gastronomicas harmonias, de que pódem dar testemunho auricular todos os comilões da laia d'elles.

Ha quem diga que ás sete horas da noite, quando Custodio Nunes e Sarafina Adelaide entraram pela porta dentro, assobiavam ainda no cerebro das pessoas da casa e do hospede uns fremitos bacchicos como d'uma orchestra de violinos longinquos, cujos sons, por uma noite de luar, se fossem espreguiçando na viração embalsamada...

Ha quem o diga, ha; eu não affirmo por deferencia a tão respeitaveis visinhos.

Lopes Trigueiro estava um fallador incansavel, e lançava mão de qualquer assumpto para discursar jovialmente. Deu-lhe para intender com a guerra e começou a chasquear do pregoado patriotismo francez que succumbia perante uma intimação de seis hulanos. Como Sedan era o facto recente, o de S. Mamede fallou com ironia no valor marcial de Napoleão III.

Os olhos de Emilia Rosa pareciam espedir centelhas de jubilo; Domingos Alves conservava-se calado,

mas deixava perceber nos labios um ligeiro sorriso de approvação.

Custodio Nunes remexia com as pernas e torcia o bigode; Serafina Adelaide agitava-se na cadeira e sentia falta d'ar.

Como quer que Lopes Trigueiro surprehendesse um gesto d'enfado que Serafina Adelaide não pudera dissimular ao voltar-se para o marido, lançou mão do incidente, como se faz nas camaras, quando ha proposito de prolongar a discussão.

— Ah! não gosta d'ouvir fallar na guerra! — exclamou elle. Pois ha de ter paciencia, que não se falla por 'hi n'outra cousa, e Deus sabe por quanto tempo ainda se fallará. Até restar um francez, ha de haver assumpto. É verdade que elles cáiem como tordos. Aquillo é gente que só tem lingua para badalejar como o sino da minha aldeia. As obras podem-se vêr agora: a abelha-mestra já pagou o atrevimento; o resto do enxame não tardará muito...

— E que chança de valentões! acrescentou Emilia Rosa, que estava delirante d'alegria.

— Chança cada um toma a que quer, reatou Lopes Trigueiro. Deus não dorme, comadre. Elles vieram cá buscar a prata das igrejas, os santarrões de má morte...

— A respeito de santarrões, não tem nada que dizer, replicou desabridamente Serafina Adelaide. Os prussianos chamam por Deus para matar os seus similhantes...

— O tendeiro prussiano, acrescentou Custodio

Nunes, chamava á noite o caixeiro e dizia-lhe: Já deitaste agua no vinho? Já, sim senhor. Já deitaste farinha no assucar? Já, sim senhor. Pois então vamos rezar... E são todos assim!

— Isso é um *insurto,* rouquejou, rubra de colera, Emilia Rosa. Ó Domingos, ó morcão! anda-lhe aqui a dar *chases* todas as noites para te chamarem tendeiro na tua cara e na tua casa...

— Não diga asneiras, retrucou enfurecida Serafina Adelaide. O que é um insulto é convidar uma pessoa para estar aqui a fazel-a de fel e vinagre...

— Com a verdade que tu fallas assim medres, roncava Emilia Rosa, embusteira de não sei que diga...

O de S. Mamede esgazeava os olhos para um lado e para outro, perplexo e estupefacto.

— Faça-se de novas, vociferou Serafina, seu brutamontes de S. Mamede. Quem lhe dera a você saber comer brôa.

— Valha-a Deus, clamou Domingos Alves, que julgára dever intervir para restabelecer a paz. O compadre Trigueiro não sabia nada...

— Cambada de prussianos!...

— Socega, Serafina, que estás a suar...

— Quero-me ir embora. Isto são tendeiros e basta. Já d'aqui para fóra. Nem mais um instante. Eu estouro, se não tomo ar. Leva-me para a rua, Custodio... rugia Seraphina, empurrando o marido para o patamar.

— Ah! boa cacheira! rosnava o de S. Mamede.

— Dá-lhe agua, disse Domingos Alves para a mulher.

—Deixa-a estourar que pouco se perde, desbocada d'uma figa, respondeu Emilia Rosa.

— Com taes mordomos não se póde ser juiz, ia resmoneando pela porta fóra Custodio Nunes e amparando a convulsa mulher.

— Tendeiros! bramia Serafina Adelaide, até que uma lufada do vento frio da noite lhe atabafou a voz na garganta.

Estavam na rua.

Pouco depois, o boçal caixeiro, que despertára estremunhado pela berraria, fechava tranquillamente as duas portas da loja parallelas áquella por onde Custodio Nunes e Serafina sahiram de roldão.

Começava a tocar na Sé o sino de recolher.

AS ESTRELLAS...

I

Na botica d'Amares, que era o ponto de reunião dos conversadores nocturnos, havia tempo, desde o anoitecer até ás dez horas, de palestrear sobre tudo o que ia lembrando a cada um, por mais extravagante que fosse a lembrança.

O doutor Nascimento, cirurgião do partido, o Manuel Bento, escrivão da administração, o regedor, o presidente da camara, o administrador, o juiz de paz, eram *habitués* infalliveis do club pharmacopólio e, posto que alguns d'elles andassem ás vezes mal-avindos por questões eleitoraes, chegada a noite, mostravam todos que sabiam ser cavalheiros de educação superior a pequenos resentimentos procedentes de factos estranhos ás conversações da botica.

Ainda mais. N'aquella doce familiaridade punha-se de parte a differença de graduações sociaes, e não era para admirar que o regedor estivesse ás vezes galho-

fando com o presidente da camara na maior sem-cerimonia d'este mundo. Cada um podia atacar por baldas certas, como se costuma dizer, comtanto que houvesse a coragem indispensavel para aparar com firmeza os botes do adversario jovial.

O doutor Nascimento, que em cultura d'espirito levava as lampas a todos, campava de implacavel gladiador n'aquella arena. Quando com soberbo desplante apontava o florete hervado, o adversario, por mais que quizesse furtar-se, pondo-se em guarda, succumbia finalmente.

Prostrada a victima, o doutor Nascimento embriagava-se com a victoria, e então retiniam estrepitosamente na botica as casquinadas dos *habitués,* feita excepção do sujeito amarrado ao poste expiatorio.

O escrivão da administração, que não era leigo nenhum, porque adquirira quatro ideias geraes ácerca de assumptos litterarios e scientificos, fôra por vezes a victima condemnada a supportar as demasias faceciosas do doutor Nascimento.

Pobre Manuel Bento! apesar de ser um espirito algum tanto cultivado, descobriram-lhe uma balda, um fraco, que era por assim dizer o alvo a que miravam as zargunchadas do doutor: — o Manuel Bento tinha certa scisma com as estrellas...

D'uma vez, logo depois de ter sido despachado, cahiu em dizer na botica:

— Uma coisa que me dá muito que entender... são as estrellas. Tenho lido que se dividem os corpos

celestes em estrellas e planetas, e a gente olha para o céo e não sabe distinguir os planetas das estrellas!

— Pela simples rasão de ignorar a astronomia, replicou o pharmaceutico dando-se ares de academico.

— Ha de comprar um telescopio, ó snr. Manuel Bento, acrescentou o doutor. Compre-o e havemos de fazer da botica observatorio. O nosso pharmaceutico mal tenha uma luneta celeste tira-lhe as duvidas todas. É olhar para um lado e dizer — lá está Sirius, venham vêr a estrella Sirius, meus senhores; é mudar de golpe a posição do telescopio e apostrophar — lá está Saturno com os seus sete satellites, e o seu annel; lá está Jupiter com os quatro famulos. Desde já quero saudar o novo Herschell! E o snr. Manuel Bento! Que jubilosos pasmos os do snr. Manuel Bento ao distinguir uma estrella d'um planeta! A sua duvida é sobremodo louvavel, snr. Manuel Bento. Kant, um philosopho d'essas Allemanhas, como diz o nosso regedor, que está presente, duvidou muito mais do que o snr. e foi um grande homem. Veja pois que distincção relativa lhe não cabe, ó snr. Manuel Bento!...

E de então por deante, quando se queria fallar d'alguma coisa ou d'alguma pessoa que se fazia esperar, era costume dizer-se:

— Ha de vir quando o Manuel Bento distinguir as estrellas.

Certa noite, disse de subito o doutor Nascimento na botica:

— Ó snr. Manuel Bento! os poetas é que não cos-

tumam ter as suas duvidas; chamam a todos os astros — estrellas.

— Liberdades poeticas! disse do lado o regedor, que ainda não tinha fallado n'essa noite.

— Liberdades poeticas, disse o snr. regedor e o que o snr. regedor diz é evangelho, replicou o doutor. Pouco depois continuou:

— O snr. Manuel Bento se quizer viver descansado ha de fazer-se poeta. Não ha por ahi vate bordalengo que não tenha o seu astro sem cuidar de tirar a limpo se é estrella ou planeta. Olhe que doce paz, homem de Deus!

— Estou inclinado a acreditar que o doutor é tambem vate... bordalengo, perorou o Manuel Bento com applauso da assembleia.

Estes alegres piques, que os *habitués* da pharmacia se mutuavam, começaram a deixar-se adivinhar em correspondencias da localidade, publicadas em periodicos do Porto e assignadas com iniciaes differentes.

Ainda nenhum dos mysteriosos correspondentes se tinha intromettido com o Manuel Bento nem o Manuel Bento com elles. O bom do rapaz andava perdido d'amores pela Anninhas do Pedral, e nem tempo tinha para vêr o que diziam as gazetas... a seu respeito.

Os aristarchos conterraneos, como soubessem que elle recebia o jornal e não o abria, esperavam que o espirito do Manuel Bento andasse menos trabalhado de canceiras amorosas, para alludirem ás estrellas.

O caso é saber esperar. O amoroso escrivão da administração appareceu menos alvoroçado certo dia.

Os motivos da sua tranquillidade vamos nós explical-os.

O lavrador do Pedral, que era rico e alimentava certas prosapias, comquanto soubesse dos amores da filha com o Manuel Bento tinha d'olho o regedor, pela razão d'este funccionario haver recebido um habito de Christo em premio de serviços prestados nas ultimas eleições.

E por isso costumava dizer a quem lhe fallava no casamento da filha:

— Bem sei que a cachopa pende para o Manuel Bento, que não tem mau logar e é esperto. Mas o regedor não é pobre e aveza uma fitinha. A coisa ainda ha de ser como eu disser...

O Manuel Bento soube d'isto, inquietou-se, mas tanto andou para um lado e para outro, que appareceu um dia condecorado. N'esse dia socegou.

O regedor, despeitado de certo, arriscou-se a tocar a rebate nos arraiaes da correspondencia contra a pessoa do Manuel Bento.

Tinha razão: o escrivão da administração fazia-lhe sombra. Escreveu, pois, o regedor um communicado mettendo á galhofa o Manuel Bento por haver recebido certa *mercê regia* (textual) *com que outr'ora só se pagavam os bons serviços prestados por funccionarios integerrimos ao governo de sua magestade.* O communicado vinha firmado com * *, este velho signal typographico que mascára um linguareiro cobarde.

Duas estrellas! O regedor teve espirito sem saber e sem querer...

II

Amares repoisa em coxins de verdura, baloiçando-se entre as aguas de dois rios que a natureza fez irmãos — o Cavado e o Homem. Como toda a povoação, como a mais estreita nesga de terra, Amares tem suas tradições historicas, seus thesouros de poesia popular — a poesia que eu mais sinceramente amo n'este mundo. Uma ceifeira que anda nos campos, sol nado, desafia as cotovias com a sua voz doce e vibrante. Que estará cantando ella? Decerto uma xácara, um romance do sitio, talvez:

> Ó D. Maria, pombinha sem fel,
> Por que te matou aquelle cruel?

Ha aqui uma historia, que é preciso averiguar. Cavando em ruinas, encontra-se o passado; profundemos para desencantar a tradição.

Um fidalgo do logar, Francisco Machado, encon-

trou uma noite ao recolher-se á casa do *Castro* sua mulher, D. Maria da Silva, conversando ao luar e em mysterio com Henrique de Sousa, commentadario de Rendufe. Passou-lhe por deante dos olhos uma nuvem vermelha como de fogo do inferno — era a cegueira do ciume. Vinha armado, fez estalejar o gatilho e disparou.

O sangue da victima, que tinha morrido innocente, cahiu no chão e não seccou jámais.

Decorridos tempos, Francisco Machado casou em segundas nupcias com D. Mecia de Mello, filha de Gonçalo Coelho da Silva. O castigo d'um momento de allucinação não se fez esperar muito: D. Mecia realizou o que a respeito de D. Maria eram apenas conjecturas erradas.

O caso passou á tradição, e o povo começou a cantar:

Ó D. Maria, pombinhà sem fel,
Por que te matou aquelle cruel?

Mas a nossa historia, que é feito d'ella, que já se lhe perdeu o fio, de enredada que está? Ahi vai o seguimento; recomecemos a fallar do Manuel Bento e da Anninhas do Pedral... Por que não fallaremos antes no regedor, que tambem andava namorado? Porque o Manuel Bento era o preferido.

Entra-se para o Pedral por uma longa avenida que tem uma ramada por toldo em toda a sua extensão. São tão bastas as folhas, de tal modo sobrepuzeram, com tal geito se penduraram aos lados para fazer parede,

que mais parece tudo um immenso baldaquino feito para os passaros e para os namorados. A luz d'um verde-escuro, suavemente temperada, conserva-se alli n'um crepusculo perpetuo, como se atravessasse uma *persiana* inventada pela natureza. É realmente bonito.

— Anninhas?

— És tu!

— Sou eu, sim. Antes que fugisse o sol, quiz vir lembrar-te que ámanhã, quando se esconder outra vez, já nos ha de deixar casados, unidos para sempre, Anninhas...

— Se me lembrava!

— Sinto-me tão feliz, que desejava um throno de oiro para que te sentasses n'elle. Eu sou ambicioso, Anninhas, e penso em vêr-te tão casquilha, que não possa ninguem conhecer-te na villa...

— Ah!

— Sabes lêr, sabes escrever, sabes bordar, e eu queria mais... Queria mandar-te ensinar todas as prendas d'uma senhora. Dar-te um palacio e vestidos e perolas...

— E perolas!...

— Sim, e perolas. A aldeia é pequena para mim; e mais que a necessidade de trabalhár me prende a ella o teu amor.

— Tenho pena de não ser muito rica...

— És bastante, muito para a terra em que vives. Todavia não poderemos por emquanto sahir d'aqui. Se um dia a sorte nos sorrir, então deitaremos vôo para a cidade e realizarei tudo o que os meus sonhos

me dizem... O Manuel Bento saberá então desprezar esta gente estupida que falla politica desde pela manhã até á noite, sem saber o que seja politica...

— Como seremos felizes!

— O primeiro elemento da minha felicidade é porém o teu amor...

— Que não te faltará nunca...

— Adeus, Anninhas, ao romper do dia estarei na igreja para commungar.

— E eu tambem...

— De tarde, a esta hora, talvez mais cedo, receber-nos-hemos...

— Ah!

III

O regedor pensou toda a noite se devia assistir ao casamento ou não. Ir, era ter de congratular-se com a propria derrota; não ir era revelar despeito e fraqueza. De que lhe valera a venéra? De nada. Suou, cansou-se, levou á urna dezenas de votos. Que premio teve? Um pedacinho de fita, uma distincção.

Poderia com tal honra fazer um casamento rico. Elle tinha a «nobreza»; a noiva devia levar a «riqueza».

O Manuel Bento nem suou, nem se cansou, nem arranjou votos: levou apenas o seu. Vae depois, escreveu para Lisboa, metteu empenhos, e teve igual honraria.

De que valia ser regedor? A desconsolada auctoridade esteve para dar a sua demissão. Mas... Susteve-o um *mas*, tanto para temer, ou muito mais ainda, que qualquer *mas* do padre José Agostinho. Mas... as chacotas da botica? E o que diriam, o que debicariam no caso os desfructadores de má morte!

Se não fosse ao casamento, como o chasqueariam! Se fosse, como olhariam todos para elle com um olhar lacerante, profundo, incisivo!...

O regedor antes queria ter perdido as eleições.

Resolveu-se, engravatou-se, e estudou um ar de riso, como para não se mostrar ferido.

O doutor Nascimento foi o primeiro que elle encontrou no adro e o esperou ainda a distancia com um risinho cortante, de mofa, capaz de fazer perder a cabeça.

— Ó snr. regedor!...

— Meu amigo!...

— Não ha remedio senão confraternisarmos com a opposição...

— Ha de estar hoje um dia de calor...

Pobre homem! a querer evitar o golpe, e a não ter mão em si que não se denunciasse!

Quando os noivos sahiram da egreja, todos se aproximaram para felicital-os. O regedor abeirou-se, agitado, nervoso, aturdido e apertou a mão ao Manuel Bento.

Quando lhe chegou a vez, o medico, que apesar de tudo era amigo do noivo, disse com a franqueza que lhe era propria:

— Parabens, Manuel Bento, duplos parabens, porque está casado e porque tambem já deve conhecer as estrellas...

— Ah! doutor, sempre implacavel!

— E' que dos olhos bonitos para as estrellas vai tão pequena differença!. .

IV

Um commendador, um palacio...

Na minha rua, apesar de haver poucos palacios, ha muitos commendadores.

Assim deve ser; uns e outros teem por base o mesmo elemento. Por isso escaceam os edificios e sobram os commendadores...

Mas, santo Deus! como é que nós sahimos d'Amares tão subtilmente que nem que viajássemos n'um briska aerio, afofado de sedas molles e macias?

A despeito do titulo do livro, já nos suppúnhamos em plena aldeia, ouvindo um conto do sitio, e vai senão quando, cahimos na cidade, em casa d'um commendador, e começam a ferver zargunchadas sobre todos os commendadores possiveis...

O Garrett embicava com os barões e morreu visconde; quasi lhe cahiu a praga em casa.

Eu, que no meu exemplar das *Viagens* substitui a palavra *barão* pela palavra *commendador*, paguei o

arrojo da substituição com os ter deante dos olhos mal que me debruço á janella.

São tantos, e alguns tão differentes!

Nem todos felizes, isso não... Mas a historia está parada e é preciso contal-a.

Antes d'entrarmos no palacete esplendido e ruidoso, fiquemos a conversar um momento na rua sobre coisas que importa saber; estamos entre visinhos — ninguem ha de reparar.

O Manuel Bento e Anninhas? Precisamos fallar d'elles. Isso é que é preciso saber, e deixemos em paz os commendadores.

Então ahi vai. O lavrador do Pedral tinha no Brazil um irmão pôdre... de rico, como se dizia em Amares, Deliciosa podridão! Não escrevia, não se sabia até se ainda se lembrava do sitio em que nascêra. O Manuel Bento, quando casou, acalentando sempre as suas ambições, calou-se muito calado e escreveu ao brazileiro, dando-lhe parte do enlace com a sobrinha.

Ninguem soube de nada, e, passados onze mezes, morre no Brazil o ricasso e deixa Anninhas por herdeira. O regedor deu um salto; Amares inteira benzeu-se.

E o Manuel Bento a rir-se, a rir-se, a mandar fazer casa no Porto, a comprar mobilia, a chamar mestres para a mulher e a sahir... commendador.

Novo salto do regedor infeliz.

Decorreu tempo, e o commendador Manuel Bento apparecia em toda a parte, e fallava-se d'elle nas ga-

zetas. Verdade é que não era parvo nenhum, que fallava e escrevia correctamente, e que tinha muito amor pela leitura, pelas bellas-artes tambem.

Alem d'isto, era uma boa alma, já sabemos. Sempre teve ambições, é certo; mas ter um defeito não é ser inepto. Entrou com o pé direito no Porto; quero dizer, com a algibeira cheia e aberta.

Fizeram-n'o mesario da Misericordia, ministro... de S. Francisco, sahiu moço fidalgo da casa real — e cada vez mais commendas a constellarem-lhe o peito...

O doutor Nascimento — a unica relação d'Amares que elle não engeitou — dizia-lhe ás vezes, quando vinha ao Porto:

— Manuel Bento, evite esta dobre sociedade que o anda a lisonjear para ter entrada nas suas salas. Não queira mais commendas, não queira mais fitas. Para que desceu os olhos do céo? perguntava sorrindo. — Olhe que era melhor contemplar as estrellas do céo e não as conhecer, que ter o peito cravejado das estrellas da terra e não as conhecer tambem, e o Manuel Bento não as conhece. As do céo deixam ás vezes um rasto de luz; as da terra um rasto de tristezas... Oxalá que eu me engane, e que as constellações do seu peito não hajam d'orvalhar-se de lagrimas. Saia d'aqui, Manuel Bento...

— Por que? Sabe alguma coisa..., doutor?

— Não sei nada e sei muito. Sei que não póde ser aqui feliz. Venha para Amares, conserve lá o fausto que tem aqui, e não receie que não chegue ao Porto, a Lisboa até, o ecco das suas grandezas...

*

— Amares! Uma terra pequena! uma sociedade fastidosa, o regedor, o boticario...

— E eu...

— O doutor bem sabe que não entra na conta. Eu nasci para mais...

— Talvez, porque ainda não foi infeliz... Pois em Amares tenho eu a certeza de morrer tranquillo, se não fôr de cócegas, porque o regedor está cada vez mais boçal. Aqui, no seu palacio, commendador, com a sociedade que o cerca, não queria eu viver nem uma semana... Quer saber? O Pedral, passei lá ha pouco tempo, está bonito, florido, um verdadeiro idilio. Faça no Pedral uma casa com todas as commodidades possiveis, cace no Gerez, pesque no Cavado, compre bilhares, (e n'isto sou conselheiro perfido, porque tambem interessava) tenha cavallos, mande vir um landaw que o passeie por Braga, por Guimarães, por Vianna, pelas nossas estradas do Minho, que não são ainda as peores; mas, por Deus, não queira mais venéras, não acceite mais distincções. No Porto tem de comprar as flores com que enche os seus salões; no Pedral haviam de subir-lhe ás janellas e entrar-lhe pela casa dentro, ellas, as verdadeiras estrellas do campo. Os homens quizeram em sua vaidade enfeitar-se, como a natureza enfeita as sebes, e lavraram flores de ouro e prata, exclusivamente para elles. Estrellas falsas, como as do theatro! As verdadeiras são as que estão accêsas no céo, e as que desabrocham na terra...

—E Anninhas? Sentir-se-hia morrer de tédio em Amares, no campo, na solidão!

—Na solidão! Onde estão dois não ha solidão. E não nasceu ella no Pedral, entre aquellas flores, n'aquellas varzeas? E' verdade que já creou ambições depois que de lá sahiu, que leu, que estudou, que viu, e ouviu... O que se deve extinguir, extinga-se hoje; ámanhã a saudade mergulharia no coração mais uma raiz... Era mais uma dôr para soffrer.

V

Resplendem por noite de baile as vastas salas do commendador Manuel Bento. A gentil dona da casa passeia a sua elegancia de braço dado com os convidados, homens de cabelleira frisada e monoculo. O commendador conversa na sala de jogo dirigindo-se amavelmente aos que jogam e aos que vêem jogar. De muitas casacas pendem umas estrellas que lampejam ao reflexo dos candelabros. As estrellas do céo esmaieceram, d'envergonhadas... talvez.

Anninhas foi-se deixando levar pelas magicas palavras d'um litterato portuense até á sala azul. O litterato ficou de pé encostado a um tremó, onde estava o album dos versos, encadernado em velludo carmezim. Anninhas deixou-se cahir negligentemente n'uma ottomana.

O LITTERATO

Até que finalmente estamos sós, longe d'essa mul-

tidão que falla a linguagem corteza das salas — que mente, queria dizer, e não ousava.

ANNINHAS, *distrahida, esfolhando uma flor do bouquet*

Que... mente?

O LITTERATO

Que mente, sim. Só as flores que se consultam e os corações que amam, é que fallam verdade. O que o meu coração diz, sei eu... (*Com olhar perscrutador*). O que disse o oráculo que v. ex.ª acaba de consultar, a flor que desfolhou, vai v. ex.ª dizer-m'o, que lh'o peço eu. De certo disse o mesmo; coração e flor fallaram a mesma linguagem... Eu trouxe o *bouquet* de v. ex.ª perto do meu coração; deviam confidenciar e entender-se...

ANNINHAS, *levantando vagarosamente a cabeça*

O que me disse a flôr?.. Ora o que póde dizer uma flor desfolhada negligentemente? Que nasceu, que vicejou e que morreu... Pobres petalas (*inclinando o olhar para o tapete*) dispersas pelo chão, como outras tantas esperanças sacudidas da alma em que brotáram, pela aza da tempestade

O LITTERATO, *atalhando*

Ah! e disse-lhe isso a flor? Então v. ex.ª não a consultou por mim. . por v. ex.ª tambem não. Se foi sua a tenção, devia dizer-lhe a flor: «Eu estava presa ao *bouquet* e pude soltar-me.» Se foi minha,

disse-lhe de certo: «Aqui me tens, bem presa nas tuas mãos; adora-me ou aniquila-me.»

ANNINHAS

E desfolhei-a, bem viu. Aniquilei-a...

O LITTERATO

Oh! não a aniquilou, não. Quiz afastal-a, quiz impellil-a para longe e as petalas não sabem, não podem fugir-lhe, beijam-lhe a orla do vestido... (*Abrindo o album e procurando uma penna no tinteiro de prata. Começam a ouvir-se os preludios d'uma valsa*) V. ex.ª não dança provavelmente esta valsa?... (*conversando e escrevendo*). Se as petalas, se estas petalas que juncam o chão pudessem prendel-a aqui!... E se fosse, se quizesse ainda lançar-se no turbilhão da dança, quem disse a v. ex.ª que, ao voltar, não as encontraria como tivessem ficado, esperando-a silenciosas? É que, se pódem amar, não podem exigir que fique, que se esqueça da valsa...

ANNINHAS

Está-me talvez retratando?

O LITTERATO

Estou deixando voar a penna, impellida pelo coração.

A VISCONDESSA DE OUTEIRO, *entrando na sala.*

Ah! estavas aqui, minha amiga! Estonteou-me a valsa; venho respirar livremente.

ANNINHAS, *com tranquillidade*

Estou de sentinella a um grande preguiçoso. Só com sacrificio d'algum tempo posso enriquecer o meu album.

A VISCONDESSA

Comprehendo... Exigiste o cumprimento d'uma promessa, que ficaria insoluvel, se não impuzesses amavel intimação...

ANNINHAS

Adivinhaste.

A VISCONDESSA

Escolheste bem o logar e a occasião...

O LITTERATO, *que parece ter estado distrahido*

O logar e a occasião, disse bem v. ex.ª Onde poderia eu encontrar mais suave inspiração?...

A VISCONDESSA, *atalhando e sorrindo*

Do que nos olhos que o allumiavam?

O LITTERATO

E nos labios de v. ex.ª que sorriem.

O DOUTOR NASCIMENTO, *á porta, monologando*

Manuel Bento, Manuel Bento, quem te dera não conhecer ainda as estrellas!

VI

Dia seguinte ao baile.

O doutor Nascimento mal que se levantou da mesa do almoço foi, espicaçado pela curiosidade, fumar e folhear o album na sala azul. Instado para asssistir ao baile, não pôde recusar-se; devia, porém, voltar para Amares n'esse mesmo dia.

O commendador desceu ao escriptorio, Anninhas retirara-se ao seu toucador. O doutor estava só, absorto em profundas meditações, de charuto ao canto da bocca, com o album poisado sobre os joelhos, quasi sem ter coragem de abril-o, ou sem ter tempo para isso, a pensar, a pensar...

De repente pareceu saltar na ottomana e immediatamente desapertou os fechos doirados do album. Passou uma folha, duas, trez... parou.

Estava a pagina toda escripta d'uma lettra enrevesada; — era o que o litterato tinha improvisado, horas antes, quando se espreguiçavam pelas salas as musicas alegres do baile.

Dizia assim o que estava escripto:

«As estrellas... O que são as estrellas?

«Flores que desabrocham no céo?

«Almas que resplendem de luz divina?

«Candelabros da abobada infinita?

«Concreções luminosas da cupula etherea?

«Sejam o que fôr, as estrellas.

«Não houve ainda coisa mais brilhante, mais formosa, mais doce...

«Se nós as tivessemos, nós, os homens...

«Sempre nos fizeram inveja, sempre as quizemos ter.

«E nem as creanças se esquivam a similhante desejo...

«Como ellas estendem o braço para despegal-as, pensando que não fica longe o céo...

«Como ellas querem dar caça aos pyrilampos, porque são umas estrellas que voam...

«Como ellas anceiam por colhêr as flores, que parecem umas estrellas engastadas em moldura d'esmeralda...

«Sempre nós as quizemos ter...

«De que se fazem os collares senão de pedras scintillantes como estrellas?

«Teem a phosphorecencia do mar...

«E o espelho dos lagos...

«E a suavidade dos horizontes limpidos...

«E o amor e a melancolia...

«E a saudade tambem.

«E tudo quanto ellas resumem de incomparavel e de ethereo está nos teus olhos...

«Se ellas scintillam, elles tambem...

«E elles e ellas endoidecem...

«E perdem, e fascinam...

«E os teus olhos e as estrellas brilham no mesmo céo, no mesmo azul purissimo, na mesma téla serena...

«E as estrellas guiam e salvam, e os teus olhos são irmãos das estrellas...»

O que são as estrellas? pensou o doutor Nascimento, levantando a cabeça, o que são as estrellas? Para ti, pobre commendador, são a fatalidade, sempre o foram!... Sentiu rumor, voltou-se... Era o commendador que entrava, visivelmente preoccupado, sensivelmente inquieto.

— Ah! doutor, está lendo o meu album! pronunciou elle, como sem consciencia do que dizia.

— Folheando e fumando...

— Eu...

— Que tem? Está agitado!

— Ameaçado, melhor diria.

— Ameaçado?

O commendador não respondeu, foi á porta, correu o reposteiro, e aproximou-se outra vez.

— O doutor é meu amigo, e um homem de bem. Não tenho com quem desabafar, e todavia preciso fazel-o. Chegou a hora de se realizar a sua prophecia. E eu não cuidei que chegasse, nem tão depressa, nem nunca... Sinto que a infelicidade me procura. A in-

felicidade!... Melhor diria a deshonra. É preciso fugir-lhe, já, immediatamente, emquanto é tempo.

— Mas?...

— Estive abrindo o correio e entre as cartas que recebi vinha uma que não era para mim... Que não era para mim, entende, doutor? Desviou-se, talvez. Quiz o acaso ou a Providencia que me chegasse á mão. Tinha-a escripto alguem, um homem que esteve ainda hontem n'estas salas, porque elle mesmo o confessa, evocando as recordações do baile...

E sentara-se, offegante, aproximando a cadeira até junto do doutor Nascimento.

— Partiremos ámanhã todos para Amares. Anninhas está doente... Vou procurar o remedio onde só agora o posso encontrar. Talvez que o Pedral lhe restitua os bons sentimentos d'outro tempo. Talvez que m'a restitua tal como foi no passado. É preciso salval-a, e a doença está aqui, nos bailes, na sociedade, em tudo isto que me cerca. Quero despedir-me dos meus criados, em quanto posso olhar para elles... Fecharei as portas, mandarei vender tudo. É preciso que fuja; fugirei ámanhã.

O doutor Nascimento não tinha coragem para fallar, estava commovido, perplexo. Fez um movimento para poisar o album na mesa, aberto como o tinha, sem se lembrar do sitio em que estava lendo...

Não viu o que fazia, nem sabia. De repente o commendador arrancára-lh'o das mãos, n'um impeto violento.

É que conhecêra no album a lettra da carta.

VII

Quando appareceu fechado o palacete do commendador Manuel Bento, dois dias depois do baile, inesperadamente, sem aviso, sem os jornaes terem pregoado uma excursão ás caldas ou uma viagem ao extrangeiro, deu-se rebate na visinhança e perderam-se em conjecturas os moradores da minha rua.

Semanas volvidas, quando os jornaes annunciaram o leilão, cresceu o pasmo, phantasiaram-se tragedias, melodramas, casos de escalada, historias de escada de seda, coisas pantafaçudas e tenebrosas.

E o caso é que o commendador fugira com o seu segredo, sem se despedir de ninguem, sem dar indicios de partida. Eu — e seja isto sempre um mysterio — rasteei, esmerilhei, pesquizei, e dei finalmente com a chave do enigma. Não importa saber como; não se saberá.

Ahi a tendes, curiosos visinhos, ahi tendes a desejada chave, ó vós que nascestes n'esta negregada

rua, onde a gente não póde dar um espirro que não lhe responda da janella fronteira um mettediço: «*Dominus tecum.*»

Isto é uma rua de compadres, um parlamentosinho de má lingua; por isso a magreira nos vai esburgando os ossos e roendo os parallelipipedos, que é um louvar a excellentissima camara.

É castigo, visinhos, é castigo da nossa bisbilhotice: da vossa, porque quereis saber tudo; da minha, porque tudo quero contar.

Esta impaciencia chamou uma tremenda colera sobre nós todos.

Por isso não temos melhoramentos, nem materiaes nem moraes, por isso não temos reformas e oiço dizer aos que vem de Lisboa que vai lá uma praga d'ellas em S. Bento. Ha-as para todos, menos para nós; é bem feito. Sede prudentes, sede mettidos comvosco, não deis tanto á lingua, e então vereis que se ha de deixar por concluir a Alfandega Nova, que o Paço Episcopal [1] ha de ficar como está, mas que a nossa rua ha de ser melhorada, alinhada, calcetada de novo.

D'antes, quando ereis comedidos, olhae as concessões que tivemos!

Deram-nos gaz, sem a gente o pedir e, verdade

[1] O edificio da Alfandega Nova foi concluido annos depois; mas o do Paço do Bispo ficou sempre incompleto. No Porto commercial um verificador tem muito mais peso do que um bispo. *Nota da presente edição.*

verdade, sem ser preciso, porque nunca nenhum de nós se enganou na sua porta...

Que noite de festa, na primeira noite de illuminação a gaz! as janellas abertas, a luz pelas casas dentro... Não houve musica, não, que vos falta o sentimento do *bello* e do *grande*. Lede os volumes de poesia transcendente que se têm por ahi publicado, ha pouco tempo, com titulos enrevesados, e assimilae o *bello*, ó relapsos materialistas.

A reforma dos parallelipipedos... Que reforma, visinhos, que reforma! Eu não gostei, mas isso não importa. Cheirou-me a coisa a rebaixar muito a geometria, e eu tenho em grandissima conta um mathematico meu conhecido...

A reforma da numeração... Outro beneficio, outro prodigio!

Eu, a principio, pensei que tinha mudado de casa, e o meu respeito pela antiguidade levou-me a mandar gravar na ombreira da porta um epitaphio aos meus velhos e queridos algarismos; — epitaphio laconico, digno do tumulo de um spartano, que se resumia n'esta profundissima palavra: *Foi.* [1]

Pois a innovação das trez placas de porcellana, pregadas em outros tantos cunhaes, com o nome da

[1] Quando se fez a nova numeração dos predios, alguns moradores mandaram escrever na ombreira da porta: *Foi n.º*... tantos; o numero antigo. Dizia um pintor de Fradellos quo os *foizes* lhe tinham dado muito dinheiro a ganhar. *Nota da presente edição.*

nossa rua! O caso é que foi um incentivo !Muitos visinhos logistas reformaram as taboletas...

Foi-se o tempo dos melhoramentos, foram-se os algarismos das nossas portas, foram-se os parallelipipedos, que já estão gastos, foi-se por conseguinte a geometria.... mas ficaram os mathematicos. Que horror!

Emendemo-nos todos; façámos por aplacar as iras que pesam sobre nós todos.

Que vós, meus visinhos, não sois maus; o que vos perde é a bisbilhotice — a bisbilhotice apenas.

Accusavam-se de janelleiras certas visinhas, e soube-se um dia que soffria de dyspnea toda a familia...

Riam-se d'um visinho negociante, por andar sempre a sacudir vertiginosamente os braços, e averiguou-se por fim que tinha frenesis nervosos...

Boquejava-se da furia musical de certa dama, que soltava todas as noites a voz aos quatro ventos, mas liquidou-se que era de origem mythologica e procedia em linha recta d'um tritão e d'uma sereia...

Nenhum de vós tem defeito que não se justifique; nenhum de vós é inepto, mas tambem nenhum de vós é... gordo. Nem eu.

Descansemos, tomemos o remedio da ténia, matemos os vermes que nos róem, e depois mostremo-nos á humanidade dignos e capazes de sustentar os creditos da nossa rua.

A França despedaça-se a esta hora; rehabilitemo-nos nós, mostremos valer mais que as nações do mundo.

Emprehendamos a obra do futuro.

VIII

Trez mezes passados, vamos encontrar o commendador Manuel Bento na casa do Pedral, um pouco reformada sim, mas pittoresca como sempre. No ar tudo são murmurios de aves e insectos, delirios das borboletas — genios amorosos que voam de flor para flor. Na terra tudo é matiz, filagrana de tecidos vegetaes, verduras e boninas — paizagem tudo.

Declina a tarde; começa a ouvir-se o sussurro mysterioso da noite... O doutor e o commendador Manuel Bento descem a sombria avenida da quinta conversando, confidenciando... Oiçamol-os.

— Anninhas está curada, doutor, não está? Estas eram as arvores da sua infancia, viu-as, conheceu-as, amou-as. O jardim é só d'ella, de mais ninguem; não consente mão estranha nas suas flores. Sinto-me feliz e tranquillo. Bem m'o dizia o doutor, e mal o acreditava eu! Pois não acha Anninhas a mesma, a que era d'antes, sem saudades d'um sonho que passou?

*

— O Manuel Bento tem-se havido como habil medico, soube remediar o mal, e era ainda tempo, sobretudo, era ainda tempo. Se a boa alma se despenhasse, a quem devia a queda? Á imprevisão do marido, não a ella mesma, que não conhecia o mundo, nem as salas, nem a dobrez, o abysmo. Quando o vi partir, tive pena; conheci que deixava a sua felicidade entre estas serras. A sociedade é estupida e má: — estupida, porque não sabe comprehender que se póde ser feliz sem ella; — má, porque não tem crenças, nem fé, nem amor... Se um filho oscular a medalha que encerra o retrato de sua mãe, nos mais dolorosos extasis da saudade que chora sobre um tumulo, a sociedade ri-se. Se um homem arrosta com a tempestade infrene da pobreza para arrancar ás vagas revôltas o cofre da propria honra, a sociedade ri-se. Se a desprezamos, ri-se; se a respeitamos, ri-se tambem. Melhor é então que a besta-fera se espoje ao longe a arrastar o nosso nome na lama, sem que nós vejamos, sem que sintamos, sem que nos possa roubar...

— Tem razão, doutor.

— Deixemos o thema, que não convida. Lindas noites estas! Vamos sentar-nos onde possámos esperar as estrellas. As estrellas, Manuel Bento, as estrellas! — repetiu sorrindo. As da terra, as que os homens crearam, trahiram-n'o. As do céo, que são de Deus, offerecem-se á sua admiração como um prodigio e um phanal em mar aparcellado. Sabe? Esta tarde estive lendo litteratura e lembrei-me de si...

— Diga lá, doutor...

— Tirei da minha estante as *Cartas do cavalleiro d'Oliveira* e topei algumas linhas que pareciam dizer-lhe respeito...

— A mim?

— É verdade. Dei-me ao trabalho de decoral-as para que tambem as confie á sua memoria. Escute: «Porque alguns dos planetas nos são contrarios nem por isso poderemos negar que os outros nos são propicios. O mesmo homem perseguido pelas estrellas oppostas não deixa de conhecer a assitencia das benevolas. Por mais parentesco e por mais amizade que achemos na genealogia resplandecente das luzes, não ignoramos as differenças das suas qualidades».

IX

E depois...

Não, não direi mais, visinhos. Aconselhei-vos comedimento, e estou a palestrear de vidas alheias, a insistir n'um mau exemplo.

Recuperemos forças para a obra da rehabilitação; já vol-o disse e quero dizer-vol-o ainda. D'amanhã por deante seremos outros, dignos de todos e de tudo.

Soam dez horas da noite. Fechemos as janellas e ponhamos cobro á bisbilhotice.

Boas noites, visinhos.

IV

ESBOÇOS E EPISODIOS

A LUDOVINA ADELAIDE

São tuas as paginas d'este livro, que brotaram do meu espirito, á sombra das tuas azas, no suave conchego do nosso lar.

Sorri-me a ideia do trabalho, quando o luar bate na janella, como para escutar as melodias que vais dedilhando no piano, e a nossa Magdalena sorri no berço. N'essas horas de suavissima existencia são-me incentivo para contínuas lucubrações os sorrisos que uma creança manda talvez aos anjos, seus irmãos do céo, e os affectos brandos que um coração de mulher traduz pela musica. As paginas esboçadas n'essas noites, ahi ficam. São tuas. Ser-nos-ha para sempre igualmente doce contemplar os marcos que fôrmos levantando na estrada da felicidade.

Agosto de 1871.

ALBERTO PIMENTEL.

OS FUNERAES DA LÉ-LÉ

São hoje os funeraes da pequenina Helena.

Vinde assistir, creanças de loiras madeixas, aos responsos da vossa alegre companheira. Pardalsinho inquieto, feriu-o a morte n'uma aza. Vinde ao menos encher com a vossa innocencia o ninho vasio e lutuoso; enganae sequer a mãe anciada. Piedoso engano! Trazei flores; não vos esqueçaes. Sabeis por que são precisas as flores em lance de tantas lagrimas? Eu vos explico.

Se a amortalhadeira entrar pela porta dentro com uma grinalda de flores contrafeitas, encapellar-se-ha subitamente a dolorosa tempestade no coração materno. Se vos antecipardes com os vossos cabasinhos de flores naturaes, enganareis a pobre mãe; imaginará um momento que preparaes uma surpresa á sua filhinha que dorme. A dôr tem relances em que é demencia, e horas em que é cegueira. Não é crime

enganar tamanha desgraça sob qualquer aspecto que se apresente á nossa piedade.

*

* *

Olhae vós o que é a morte...

Esta bocca côr de rosa tinha chilidos d'andorinha. Os olhos lampejavam reflexos como um diamante ao sol. Os cabellos revolviam-se com a mobilidade d'uma pluma sacudida pelo vento.

Na face, agora inerte, havia contracções dolorosas deante d'um obstaculo. O corpo ondulava em meneios graciosos como os d'uma pomba que se espaneja sobre murta.

E a alma?

A alma era tudo...

A alma dava musica aos labios, lampejos ás pupillas, ondulações aos cabellos, expressão á face, elegancia ao pequenino corpo.

Pois que! perguntaes admirados: A alma póde tanto?

A alma é tudo — a alma é Deus.

Por isso não sejaes maus, nem para os outros, nem para vós mesmos. Se offendeis um estranho, offendeis Deus; se vos aviltaes, offendeil-o tambem.

E para onde foi a alma? perguntaes ainda.

A alma foi para o céo, que é onde Deus está.

E o que é a alma? insistis.

Seria preciso explicar primeiro o que é Deus...

Um espirito, uma essencia...

Querieis vel-o? Tontinhos! se visseis Deus seria para vós como qualquer pessoa vossa conhecida...

Ha de ir a alma sosinha, voando sempre, sem ter quem saiba guial-a para o céo?

Que pergunta, bons meninos!

Esqueceis-vos então do anjo da guarda, que nos acompanha para toda a parte!

O anjo vem com a alma, está com ella, e com ella vai. Já houve quem o visse, já. Ora eu vos conto como partiu a alma da Rosalia, aquella menina de cabellos loiros, que andava no vosso collegio.

*

* *

O dia em que ella morreu era um dia de calma ardentissima. Cahiam os passarinhos com o calor...

A mãe, cujas faces tinham a pallida maceração d'uma longa agonia, trazia despenteados os fartos cabellos negros, que se revolviam, ondeando a cada tremura violenta, sobre o roupão de cambraia. Era a estatua dolorida da saudade quando serenava, a intervallos; fazia lembrar a imagem do desespero se rompia em lagrimas e exclamações tempestuosas.

Quando a Rosalia «passou», ao cahir da tarde, levaram a pobre senhora desmaiada para o seu quarto. Os primos e os irmãos da pequenina defunta, creanças como ella, esses é que viram tudo o que se passou depois.

Assistiram a cerrarem-lhe os olhos, a accender-se a lampada, que toda a noite ardeu, e elles mesmos quizeram ir buscar jarras para a banqueta que se armou á cabeceira do leito.

Depois uma criada velha, a Joaquina, fechou a porta e foi acommodar os meninos n'um quarto grande da casa, porque elles, fortes até então, começaram a ter medo, e quizeram dormir juntos.

Dormiram bem os meninos n'essa noite? Não dormiram.

A criada velha estava alli perto, o quarto da mãe ficava proximo, e ainda assim os meninos dormiam somnos cortados, e accordavam a tremer. Cobriam a cabeça com o lençol; só d'este modo podiam adormecer de novo. Tontinhos meninos!

Fanny, a irmã de Rosalia, acordou sobresaltada por um ligeiro rumor. Pareceu-lhe ouvir passos muito leves. Affoutou-se a olhar e viu... O que viu? Um vulto branco a escoar-se pela porta subtilmente. A criada velha tinha pegado no somno. Fanny sacudiu violentamente o braço de Hedwiges, a sua querida priminha d'oito annos, e accordou-a.

— Tu viste, Hedwiges?

— O quê?

— Eu vi. Olha, era um vulto branco que passou acolá!

— Que seria?

— Eu sei! Talvez fosse o anjo da guarda que veio buscar a alma da Rosalia. A Joaquina disse que elle havia de vir. Esteve á espera que nós dormissemos

para a levar... Se a mamã o visse, não o deixaria sahir decerto...

Decorreu tempo; adormeceram.

Pouco depois, Hedwiges acordou inquieta e, ao abrir involuntariamente os olhos, viu tambem. O que viu ella? O mesmo vulto branco que parecia ir soluçando baixinho, com medo de ser visto...

— Fanny! Fanny!

— Quem é?

— Sou eu. Olha, eu tambem vi. O vulto branco... ia a chorar baixinho... Talvez tivesse pena de nos levar a Rosalia!...

— Talvez...

*

* *

Ao outro dia disseram os meninos que tinham visto passar o anjo da guarda com a alma de Rosalia.

— Pois então quem havia de ser?

— Era elle, era, respondeu a criada.

— Ia todo de branco...

— Parecia muito bonito!

— Pudéra! Se elle é o anjo da guarda!

A velha Joaquina, quando se levantou ao romper da manhã, foi dar com a senhora, ainda vestida de branco, a chorar abraçada ao cadaver da filhinha. Tinha levado a noite toda a passear do seu quarto para o quarto da menina, entrando sempre em bicos de pés como se receasse acordal-a... Foi tamanha a sua dôr, que não teve descanso um momento.

Era mãe...

Á noite, quando veio o padre levantar o corpo, disseram-lhe os meninos todos que tinham visto o anjo da guarda...

Tinham sim: cada boa mãe é um anjo vigilante.

*
* *

Bem. Eil-o prompto o cortejo que hade acompanhar a Lé-lé.

Parece mais uma festa que um dia de enterro. O corpinho está inanimado, mas os meninos que pegam ao caixão vão devagar, para lhe não dar balanços...

Inexperientes meninos!

O cadaver, por gentil que seja, é da terra e vai para ella.

A alma é tudo o que resta, no céo, da pequenina amiga.

Sahiram os padres da sacristia a cantar e, como a igreja estava toda vestida de vermelho, nenhum dos meninos lamentou a Lé-lé. Queriam todos elles uma festa assim e, para dizer a verdade, sentiam pena de não ter morrido...

Da igreja foram para o cemiterio.

Viram a sepultura aberta na terra fria, e estremeceram.

Ficar alli para sempre!

Já lamentei a vossa ignorancia, meninos.

O corpo não sente, e vai acabar debaixo da gleba e da relva.

Para que haveis de ter vaidades e rixas? Tantas emulações, tantas invejas! Para quê? Para tudo acabar na terra...

Cuidae da alma, isso sim. Não afflijaes as vossas mamãs, não as façaes chorar com as vossas impertinencias, para que se vos não fechem as portas do céo. Terieis de ficar no limbo, que é o reino da escuridade... E depois não tornar mais a vêr a Lé-lé, que foi para a gloria cantar com os anjos!...

*

* *

Um dos meninos reparou n'uma lousa proxima á sepultura da Lé-lé, e disse para outro:

— Não me engano, não. Alli está enterrado aquelle rapazinho roto e macillento que jantava em minha casa uma vez por semana. Foi a mamã que me obrigou a vir ao enterro d'elle e que lhe mandou pôr a lousa. É alli, é. Conheço-a bem por aquella cruz branca...

— Ora! E a Lé-lé, tão linda como vai, hade ficar ao pé d'elle, que andava sempre tão mal vestidinho, coitado!

É a morte, pobres loucos; e perante a morte todos são iguaes.

O coveiro pegou no caixãosinho e pousou-o no bordo da sepultura, para cavar ainda mais. Depois deixou-o cahir, e ouviu-se um som que atemorisou os meninos: Pá!

*

Era o choque da madeira na terra.

—Tal qual como o do pobresinho, disse o menino. Tambem fez assim: Pá!

E como os outros desfolhassem muitas flores sobre a campa da Lé-lé, furtou duas rosas e foi depoal-as junto á lousa do mendigo.

VIAGEM AO BUSSACO

(1866)

Invoco-te, Garrett, genio alegre e delicado das viagens, borboleta inquieta, que embriagavas o teu gentil espirito nos favos das mais mimosas flores. Admiro-te e adoro-te. Agora, que deixo o lar para ir em procura de maior espaço, que troco o remanso do ninho meu paterno pela amplidão da floresta sagrada, agora, alma sublime que soubeste archivar n'um formoso livro as mais subtis impressões de *touriste,* com o melhor bom humor d'este mundo e com a mais fina observação, agora, repito, deixa-me admirar-te mais que nunca, poeta e viajante. Reli hontem as tuas *Viagens* para partir ámanhã; na amenidade do valle de Santarem preparei a alma para as branduras idillicas do Bussaco. A tua Joanninha pareceu-me doce e formosa como sempre; os teus rouxinoes embriagaram-me, a ponto de não saber se o teu espirito cantava n'elles...

Invoco-te, pois.

I

Condições em que se deve viajar — Os vasos do alegrete — Como eu me preparei — Bota-fóra — O que nos dizia o mar.

Aqui, em Portugal, já não póde ninguem viajar á volta do seu quarto, como fez Xavier de Maistre, sem inspirar suspeitas de pouca sanidade intellectual. Hoje é preciso que se veja o sol, a natureza emfim, para se poder viajar; ou, o que é mais verdadeiro, é preciso viajar para vêr a natureza.

N'esta nossa terra, que tem céo azul e claro, virações tepidas e embalsamadas, várzeas floridas, rios transparentes, montanhas admiraveis de grandeza e magestade, é preciso, é indispensavel até, que um homem saia de sua casa, para saber, ao menos, em que paiz formosissimo Deus lhe concedeu nascer e viver. Eu, quando não pudesse ir mais longe, não me limitaria a passear no quarto e havia de descer até ao quintal para vêr, sequer, a laranjeira e a horta. Lá encontraria Xavier de Maistre um ar mais puro

mais agradavel, mais salutar, do que devia estar o ambiente do seu quarto, perturbado, provavelmente, pelas exhalações carbonicas do charuto.

Depois, se me aborrecesse a perspectiva da horta, e se me não prendessem a vista as flores nevadas da laranjeira, tinha ainda mais que admirar: havia de attentar no apparelho da nora, nos vasos do alegrete, nas trepadeiras do muro, nos bordados do canteiro, nos lilazes de ao pé do poço, em tudo isto, finalmente, que offerece um pouco de variedade mais graciosa do que a mobilia, por melhor que fosse, do quarto do auctor da — *Voyage au tour de ma chambre.* — Havia de fazer isto tudo, se os fados benevolos me não proporcionassem ensejo asado para viajar mais longe e melhor.

Quiz, pois, o destino que eu fosse, em excursão de recreio, vêr os banhos alcalinos de Luso, os cedros magestosos do Bussaco, o sol, a natureza, tudo quanto um homem não póde vêr desafogadamente da janella do seu quarto.

Eramos desenove companheiros de viagem: onze homens e oito senhoras. A caravana, já de si variada, promettia um passeio variadissimo, alegre, divertido o mais possivel. Preparei-me com um *bonnet* de viagem, um sacco-de-noite, com os *Contos a vapor* do meu querido Julio Cesar Machado, para lêr dentro do wagon, com uma carteira para apontamentos, e dispuz-me a partir, com o melhor humor de *touriste.*

O relogio da estação bateu seis horas e trinta e cinco minutos, a machina assobiou, o comboio partiu,

as senhoras estremeceram de repente e os homens deram um grito de alegria...

As pessoas que tinham ido ao bota-fóra deixaram-se ficar na posição authomatica de quem vê separar-se uma pessoa amiga.

— Saude e felicidade! diziamos nós todos, pondo a cabeça fóra do wagon e acenando, freneticamente, com os lenços brancos.

A *gare* das Devezas perdeu-se, ao longe, n'uma nuvem escura, e o comboio galopava doidamente cortando os pinheiraes. A viagem correu divertidissima. As senhoras conversavam e riam; os homens conversavam, riam e fumavam.

Umas vezes a locomotiva seguia quasi á beira-mar; outras, embrenhava-se no interior dos bastos pinhaes. Quando iamos sobre areia, o mar, que batia na praia, dizia ao vêr-nos passar: «Elles lá vão para vêr os cedros do Bussaco, que são tão magestosos, tão imponentes, tão sublimes como eu. Nada mais parecido comigo. N'um dia d'inverno, aquelles troncos gigantes teem alguma cousa de horrivel, de formidavel, de sympathico tambem, como eu. Sacodem furiosamente a sua tunica de folhas verdes emquanto eu despedaço nas cristas dos rochedos a minha juba d'espumas... N'um dia de sol, porém, n'uma manhã de primavera, similhantes a mim, estremecem de leve ao sopro da viração suavissima e erguem-se altivos, admiraveis como nunca, magestosos como sempre, monarchas da solidão como eu...»

Depois, terra dentro, balbuciavam os pinheiros com

um ar de humildade e singeleza ingenuas: «Os cedros do Bussaco é que são as arvores; nós somos as plantas rasteiras. Elles são os pais gigantes; nós os filhos tamaninos. Ide vêl-os e ide depressa, que lá vos estão esperando deliciosas sombras... Elles são os corpulentos Encelados: debatem-se por baixo d'um Etna de nuvens, que lhes pesa sobre as cabeças enormes. Nós não podemos com um passarinho. Ide vêl-os; ide depressa...»

E a locomotiva, como se os ouvisse, atirava-se á estrada cada vez com mais febril enthusiasmo.

Chegámos finalmente á Mealhada, e desembarcamos do wagon.

Da Mealhada até Luso, aboletada a caravana em trez *char-à-bancs* ante-diluvianos, deixamo-nos ir a curtir saudades uns dos outros com as palpebras cerradas — o que, fallando verdade, quer dizer que não iamos acordados...

II

A igreja de Luso — O Bemdito — A casa dos banhos — Azáfama — Os poetas e o Bussaco.

A igreja matriz de Luso, cujo orago é Nossa Senhora da Natividade, era — e não sei se ainda é — um d'estes mal cuidados templos em que nós nos sentimos mal, e o Christo fica ainda muito peor. Senti apertar-se-me a alma quando lá entrei n'esse dia, que era um domingo, para ouvir missa, e cuido que todos os meus companheiros de viagem tiveram de passar por igual sensação de desgosto.

Para me esquecer, porém, d'esse incidente desagradavel, houve para-mim um momento d'alegria, que me refrescou a alma.

É costume, em Luso, antes de começar a missa, cantarem o *Bemdito,* alternadamente, homens e mulheres. Ellas ficam no corpo da igreja e elles vão tomar logar na capella-mór. Oh! como as raparigas de Luso cantavam harmoniosas, n'esse grato momento em que ergueram timidamente a voz!

Como os camponezes namorados, que estavam na capella-mór, haviam de distinguir, n'aquelle suavissimo concento, a voz ainda mais doce, mais expressiva, mais apaixonada, da formosa rapariga, que era toda a sua vida, toda a sua felicidade, toda a sua esperança!...

Fomos, depois da missa, visitar a casa dos banhos, que fica proxima á igreja. A edificação data da 1854. Ahi teem os banhistas uma sala mobilada, onde costumam fazer, annualmente, as suas reuniões de familias.

O Bussaco reclamava-nos; era preciso partir.

As senhoras, na azáfama de desacampar, conclamavam:

— Onde está o meu leque?

— Vejam se trazem cópo para bebermos na Fonte Fria!

— Onde poria eu a minha sombrinha?

E apostrophavam os velhotes da caravana:

— Quem pegou no meu guarda-pó?

— Onde terei a minha bengala?

— Quem pegaria no meu chapéo?

E as *demoiselles* alegres — como diria Garrett — irrequietas, verdadeiras creanças, punham na cabeça o chapéosinho de palha clara.

Partimos emfim.

Iamos a fallar de tudo n'um bosquejo rapido, especialmente do Bussaco, porque os cedros da matta appareciam já mais perto de nós, bracejando os seus ramos enormes por sobre as nossas cabeças... Lem-

bramo-nos então de muitos poetas que se inspiraram do Bussaco: de João de Lemos, de Bulhão Pato, de José Freire de Serpa, de Soares de Passos — aquella cabeça escandescente que se incendiou no proprio fogo — e de Julio Cesar Machado que escreveu sobre o Bussaco algumas paginas de folhetim, exuberantes de verdadeira poesia.

Entramos, emfim, á montanha.

III

O livro do snr. Forjaz — Nós em plena bucolica — O Calvario — A seismadora da floresta — De como alguem lhe chamou inglesinha — Se terá romance?

Iamos galgando monte acima como um rancho de creanças que sóbe fragas e se embetesga por atalhos a rir, a saltar, ao acaso — sem destino. Subiamos á ventura, sem itinerario e sem guia. Nenhum de nós, como mais previdente, se lembrou de levar no sacco-de-noite as *Memorias do Bussaco* do snr. Adrião Forjaz. Mas aqui muito á puridade cabe dizer-se que me regosijei extremamente com este descuido. O livro do snr. Forjaz, na parte descriptiva, é bastante árido, bastante monótono, pouquissimo divertido; — um livro que não se póde lêr no gabinete sem tomar folego muitas vezes; um livro que não póde servir de guia quando o tempo escassea para vêr, muito mais para se estudar tão detidamente, como nas *Memorias*, o que se ha de vêr. Vai o snr. Forjaz pela montanha arriba descrevendo com grande pausa e em

capitulo especial cada capella, cada ermida, medindo a extensão das avenidas, calculando a idade dos cedros maiores e mais velhos da matta, fazendo, a final, um livro pouco deleitoso, apesar de escrupulosissimo na parte historica.

Queriamos o espectaculo da natureza, natureza bordada a mil côres, a natureza de Theocrito, de Virgilio, de Castilho. Por isso, enxame inquieto, atravessamos de relance a escura austeridade do mosteiro, como para não darmos tempo á tristeza de se desprender dos angulos do claustro e cahir sobre as nossas almas... Se nos parecia que d'uma rocha mais alta se havia de gosar um panorama formoso, um idillio surprehendente, trepavamos a ella, com muito custo, com muita difficuldade, anciosos de vêr e admirar a amplidão do horizonte. Os pais, os compostos commandantes do nosso descomposto regimento, manietados pelo rheumatismo, ficavam sentados á nossa espera, e quando nos viam descer do topo d'uma fraga, saudavam-nos indecisos entre um tregeito de susto e um sorriso d'alegria. Depois, quando lhes caíamos nos braços, pediam-nos, frementes d'enthusiasmo, a descripção do que viramos, se tinhamos descoberto o mar através do vapor azul, se tinhamos divisado algum ribeiro a scintillar por entre as ramagens, se tinhamos conhecido os montes que avistamos, quantas capellas enxergamos ao longe, quantas aves cortaram o céo lucido e sereno da paisagem... Até elles, os velhos marechaes da milicia humana, que a maior parte das vezes discutem renhidamente uma

regra do voltarete e as receitas do Raspail, e d'outra coisa não curam, quasi se sentiram poetas no Bussaco, e já que não podiam vêr de cima d'uma rocha um quadro admiravel, queriam que lhes contassemos tudo, para reconstituirem o panorama na visão interior...

Uma porta coberta de embrexados, que dá entrada para um adro oblongo, annunciou-nos emfim o *Calvario*. Saudamol-o com uma interjeição de surpresa, com um grito d'alegria. Alli, sabiamos nós que nos esperava um dos mais graciosos trechos da matta; além d'isso descobrimos á primeira vista um agradavel pouso n'aquella sonora floresta que ensombra o adrosinho.

Faziamos lembrar um bando alegre de aves, que, fatigadas de voar muito alto, andam procurando um ramo para descansar. Sombra que deliciasse, aves que soubessem musica, eis tudo o que nós queriamos, tudo o que procuravamos, tudo o que encontramos finalmente. Cada um se sentou na primeira pedra que viu, mas com tanta rapidez, com tal ligeireza, que n'um momento, n'um abrir e fechar d'olhos, todos apparecemos sentados, a rir, a rir, de contentes e felizes.

Um de nós, olhando ao acaso para a parte superior da montanha, descobriu um vulto de mulher recostada n'um rochedo, ao sopé d'um freixo sombrio, curvada como se estivesse lendo, com os fartos cabellos loiros livremente cahidos sobre os hombros.

O frémito das nossas azas — estas azas inquietas que a mocidade empluma — perdera-se na grandeza da montanha e não lhe havia ciciado aos ouvidos.

Estava lendo — decorando de certo — algum poema d'amores, espelho da sua alma, talvez.

Aventou alguem da caravana que, a julgar pelo formoso perfil, era inglesa. Inglesa! Se era, estava lendo o seu Byron, depois de haver procurado o mais sombrio da floresta, como se quizesse encontrar em Portugal o céo da sua patria, tão melancolico e carregado.

Quando desalojamos, os mais ousados do rancho aproximaram-se da visão.

Ella estremeceu, levantou de golpe a sua gentil cabeça e relanceou o mais vaporoso e azul olhar d'uma inglesa pela caravana. Affastamo-n'os; curvou-se e recomeçou a lêr. Estava effectivamente a lêr. Oh! quem nos soubera o nome e a historia da pensativa inglesinha! A idade essa adivinhava-se; dezoito annos, pouco mais. Todos os dezoito annos teem um romance, e o romance era o que nós queriamos saber. Quem nol-o contará? A sua familia ha de certo estar hospedada no mosteiro e investigaremos, perguntaremos, saberemos... Esperemos monção de matar a curiosidade. Está-me dando rebate o coração; ainda havemos de saber o romance da inglesinha.

IV

A Cruz Alta — Coimbra e o Mondego — Poesia — O mar.

Um pouco fatigados da subida ingreme da montanha, comquanto houvessemos descansado no Calvario, iamos subindo vagarosamente, ora estanceando á sombra d'uma arvore, ora parando para tomar folego e gosar o deliciosissimo panorama a que tinhamos de voltar as costas por causa da subida. Nós, os rapazes, e as senhoras, iamos na vanguarda do nosso alegre batalhão, de braço dado, a fallar de tudo o que, ao acaso, nos lembrava e apetecia. Os pais, respeitabilissimos generaes cujos bastões eram as bengalas da India, iam na rectaguarda a conversar alegres, cuido que por a simples razão de nos não verem tristes. De repente, apenas descobriamos uma boa sombra e uma boa arvore para descansar, sahiamos da fórma verdadeiramente militar, porque subiamos aos pares e em columna, sem que os nossos generaes nos houvessem dado voz de descanso. Isto prova em verdade a nossa pouca disciplina, apesar de a aparentarmos na marcha.

*

Fômos pois marinhando pela montanha até que finalmente ganhamos a *Cruz Alta*. «A cruz alta, a cruz alta! eil-a emfim!» gritamos loucos de enthusiasmo e alegria. E ella lá estava, a cruz de cantaria, erguida sobre largos degraus, pouco mais baixa que o céo, no cume da montanha. Se não nos amparassemos, cahiamos: uma vertigem nos perturba de repente quando relanceamos os olhos em redor. O quadro é immenso, a vista não o abrange e a gente sente-se estonteada.

Como em todos os panoramas mais bellos, não falta o mar ao fundo, uma grande porção de mar, montanhas e campinas, tudo como a capricho d'um pintor ideal, mas tudo sublime, surprehendente, assombroso.

Terras de sete bispados se alcançam da *Cruz Alta;* de lá se vê tambem o Mondego, o rio dos poetas e dos amores, de Almeida Garrett, de Castilho, de Soares de Passos, de Thomaz Ribeiro, de João de Deus, de Silva Ferraz, de todos estes cantores de alado genio e grande alma que lá colhêram inspirações á sombra dos salgueiraes.

Quem já se andou recreando no Cávado, quem estanceou á sombra dos salgueiros do Ave e tem navegado Douro acima, devia de ter saudades do que nunca viu e conheceu, do poetico Mondego; e tive-as então, muitissimas foram ellas. N'aquella occasião quizera poder ir frequentar em Coimbra o curso d'amenidades, que lá se estuda mais do que qualquer outro, até que o Mondego me désse grau de poeta.

Quem se deixasse ir a fallar da *Cruz Alta* havia de encher um livro, e ter dito muito pouco ainda.

Por mais que se falle, por mais que se diga, não se dá uma pallida ideia d'aquelle maravilhoso panorama. Tudo o que é grande e sublime é indefinivel. Vão lá dizer o que é o mar a quem nunca o viu! Com a *Cruz Alta*, no Bussaco, succede exactissimamente o mesmo. E' preciso ir lá receber as impressões do quadro, para o comprehender. Póde-se dizer que é um panorama encantador; do que se não póde dar a menor ideia é da variedade e combinação artistica das tintas, da disposição graciosissima dos montes, dos valles, dos rios, e das arvores... Não sei o que se passava na minha alma quando eu alongava os olhos e perdia o olhar no infinito. A vista cansa-se, mas a gente não se enfada de vêr.

Sentamo-nos todos nos degraus do cruzeiro, extasiados, absorvidos deante d'aquella belleza enorme e immensa.

Não se ouvia sequer a respiração de nenhum de nós, ninguem fallava, ninguem se movia, só os olhos se volviam em direcções diversas.

V

A lenda do frade encantado—A Fonte Fria—Versos—Castilho, a proposito—Uma nesga de mythologia por se fallar nas arvores—Saudades e adeuses.

Conta-se a lenda d'um frade que por encantamento passou esquecido trez seculos a ouvir uma ave palreira, e de tal modo enlevado, que para mais nada vivia. Quando finalmente voltou ao seu mosteiro, achou-o muito outro do que o tinha deixado, e cheio de frades que não conhecia. Pondo de parte a ficção da lenda, muito de molde vem ella para explicar o enlevo de quem visita o Bussaco, onde as horas correm despercebidas, sem que a gente dê tempo do tempo que lhe foge.

Descemos a montanha já um pouco aturdidos pela saudade de cada palmo de terra, cada arvore, cada fonte, que eramos obrigados a deixar.

Faltava-nos ainda visitar a *Fonte Fria*, paizagem d'ineffaveis doçuras, tão cantada e tão conhecida. Tinhamos porém entrado á montanha sem itinerario e

sem guia, sem o livro do snr. Adrião Forjaz, sequer, como já se disse. Fômos pois em procura da fonte nevada, que vai bordando de scintillações argenteas as verduras da serra, como escreveu a poetisa das *Soledades:*

La Fuente fria es aquesta,
Que com su corriente, elando,
Todo lo que toca, dexa
De plata un valle hordado...

Eil-a emfim, a poetica *Fonte Fria*, notavel entre as demais da matta, tanto pela amenidade do sitio como pelo cristal e frescura de sua agua. Que deliciosissima sombra se não gosa alli!

Borbulha a fonte debaixo d'uma lapa, que o cinzel abobadou, abrindo-a em arco e alindando-a d'embrechados e lavores. Foram-se os musgos apegando á lapa e trepando viçosos, até que entreteceram uma nova abobada toda verdura, e engrinaldaram o arco com festões de verde esmeralda orvalhados, quasi sempre, de perolas de agua.

Convidam a descanso e boa sombra dois canapés rusticos, que ladeam a fonte, onde a gente se deixa cahir quasi insensivelmente, ao abrigo d'uma outra arcaria murmurante e cheirosa, com seus obeliscos de silvado.

Soava a ultima badalada do meio dia nos sinos do mosteiro, quando a nossa caravana alli chegou.

Sentaram-se uns na relva que atapéta o chão, outros nas pedras musgosas que por alli se encontram,

e alguns, em cujo numero entrei eu, nos canapés, aos lados da fonte.

O sol abrasava n'esse dia, que era um dos primeiros do estio. «Ai hora incendida e imperiosa de um meio dia de verão! hora em que os passaros se calam a dormitar a sésta debaixo das folhas mais espessas.» [1] Aquelle nosso acampamento, alli, á sombra das arvores, tinha um ar de festa e alegria, que me hão de lembrar toda a vida, penso eu.

. . . . . .

As aves da floresta vieram-nos fazendo cortejo, cantando sempre, mas accentuando o canto com uma expressão de saudade suavemente dolorosa. As dryades, consternadas, punham a cabeça fóra da sua gelosia de folhagem e diziam-nos adeus, tornando a recolher-se ao tronco da sua arvore lacrimosas e entristecidas.

E as arvores seculares e gorgeadas deixavam cahir uma chuva de sons sobre as nossas cabeças, dizendo-nos com um geito de magua, que tinha o que quer que fosse de elegia: «Não mais, talvez, as nossas sombras cobrirão os vossos corpos. Ide, mas dizei-nos adeus, que nós ficamos tristes. Deveis todos ser-nos gratos, porque ficamos cuidadosas a guardar os vossos segredos, os vossos nomes e dialogos, a data d'este dia feliz, a memoria d'estas horas saudosas, com uma inviolabilidade inquebrantavel. Só a mão de Deus, quando se

[1] Castilho — *Chave do enigma.*

erguer para nos derrubar, levará dos nossos troncos, da crusta de cem annos que nos serve de arnez, os geroglyphos mysteriosos que nos confiastes. Adeus! Nunca vos esqueçaes de nós, das nossas sombras, nem das aves que nos confiaram os seus ninhos, como vós os vossos segredos. Adeus!»

VI

De como se soube a historia da inglesinha — Quem era — A pintura e a musica — Origem da pintura

Perto do mosteiro encontramos o snr. T. G. negociante britannico no Porto.

O amavel inglez, tendo lido os nossos nomes no album dos viajantes que está no mosteiro, onde elle se hospedára, veio procurar-nos com a extrema affabilidade que o caracterisa.

Este incidente mais alegrou ainda a caravana inteira, e a mim deu-me uns vislumbres d'esperança...

Esperança de que?

De saber o romance da *inglesinha,* que era de certo familiar ou conhecida do snr. T. G. Familiar averiguou-se que não era; conhecida sim, e tão conhecida, que jantavam todos á mesma mesa. O snr. T. G. tinha ido ao Bussaco por acompanhar o seu amigo R. W. pai da nossa Fada.

Isto já era saber muito, mas não era tudo ainda. O romance, venha o romance; tinha-o, se o tinha!

Contou-o elle muito á puridade; eu ouvi-o si-

lenciosamente respeitoso, e vou reproduzil-o *mutatis mutandis.*

Miss Adelina (que importa não ser este o nome?) era rica, fabulosamente rica, o que de certo lhe teria permittido não ser formosa.

Pois era, e estou em dizer que era mais formosa do que rica... Correu-lhe a infancia embalada em berço de cambraias finas; mas se a infancia fosse consciente, ter-lhe-iam banhado as faces prantos de saudade materna.

Teve professores de harpa, concertina e piano: uma variada educação musical.

Depois da musica devia vir a pintura, pois se completam uma pela outra, porque a musica é a voz, e a pintura o corpo.

A pintura nasceu do amor. Não se admirem, portanto, de que muitas vezes ande um tão perto da outra, que cheguem a confundir-se. Façam reparo n'esta phrase que deixo escripta; mas tarde lhes darei a explicação.

Mas é preciso dizer-lhes como a pintura nasceu do amor. Ahi vai a tradição grega. Polémon, antes de partir para a guerra, foi despedir-se de Dibutáde, a esposa promettida. Prolongou-se a despedida em transportes vehementes. Desceu a noite e, quando soou a hora fatal, Dibutáde accendeu uma lampada e acompanhou Polémon até á porta. O vulto do moço guerreiro projectava-se no muro. Occorreu a Dibutáde uma ideia encantadora: desenhar os contornos da sombra d'elle na parede para ter bem presente o seu noivo a toda a hora...

E d'aqui, do amor, nasceu a pintura, dizem.

VII

Continua a historia da inglesinha—Cintra e o Bussaco
Fica a historia incompleta

Eu que li a *Chronica de carmelitas descalços* aguilhoado pela recordação saudosa do Bussaco, que puz em verso algumas das tradições do sitio, uma das quaes o leitor encontra transcripta, por honra para mim immerecida, no *Guia historico do viajante em Coimbra,* do snr. Simões de Castro, eu, confesso que tenho sentido guinadas de começar a fazer escavações historicas pondo de parte o romance. Mas iria cahir no peccadilho do snr. Forjaz, ahi começaria a tornar-me ainda mais fastidioso, ahi principiariam as leitoras a querer-me fugir como andorinhas deante das brumas pesadas do outono.

O romance da *inglesinha* é que se quer. Pois venha o romance.

Chamou-se um mestre de desenho, o artista mais em voga em Londres, a esse tempo, um rapaz gentil,

coração dominado pela arte, poder-se-hia até dizer completamente dominado, se não houvesse ainda um lugar, vasio para o amor... Visto que o amor anda de mãos dadas com a pintura, hão de acreditar que este amor, de que lhes vou fallar, nasceu da pintura, como a pintura havia nascido do amor...

Passou-se tempo.

O mestre, um dia, no seu *atelier*, esboçou um perfil encantador — a discipula.

Miss Adelina debuxou a occultas uma gentil cabeça d'artista — o mestre.

Não é bem o caso de Polémon, mas não é menos encantador, decerto...

O amor é chamma, manifesta-se, presente-se... Sir R. W. suspeitou, investigou, e alguma coisa soube.

Quando mais não fosse, bastava para denuncia um ramo de flores, todos os dias renovado pelo artista, que perfumava o gabinete aristocratico de miss Adelina.

Eu em vendo flores desconfio logo do áspide — o amor.

Sir R. W. parece que tambem era assim, e resolveu viajar.

Veio a Lisboa, e demorou-se em Cintra mez e meio, no «hotel Lawrence».

A esse tempo estava Lisboa em Cintra, e tamanha fama de riqueza precedêra o pai e a filha, que o nosso inglez tratou de procurar um sitio onde não coubesse uma cidade inteira. Jornadeou para o Bussaco. Ahi

os encontramos nós — ahi vimos a formosa e solitaria inglesinha.

Está contado o romance, que é d'estes romances incompletos, porque não chega a morrer ou casar ninguem...

VIII

Partida — Derradeiros adeuses.

Tivemos de partir; a *inglesinha* ainda ficou.

Dissemos adeus á floresta sagrada.

Oh! Bussaco! continúa a abrir o teu seio, como enorme sudario, ás lagrimas dos infelizes que forem contar ás tuas arvores o segredo da sua dôr. Ouve-lhes os queixumes e guarda-os bem, de sorte que nem as brisas os escutem, nem os eccos os venham a saber; que se as brisas os ouvirem, logo os irão contar aos eccos...

Domina eternamente as solidões do mar e da terra, sagrada montanha, que não ha tempestade que possa abalar o teu solio, nem tufão que derrube os teus cedros, que parecem rasgar as nuvens...

E as gerações, á medida que renascerem, hão de vir perguntar-te uma das mais brilhantes paginas da historia portugueza, e tu responderás a todas mostrando-lhes o teu manto de verdura não rasgado pelos canhões da artilharia franceza.

E verás, lá do alto em que te assentas, monarcha da solidão, as sociedades esmagadas por embates e cataclismos e has de permanecer de pé, immovel, altivo, sublime!

E a mão iconoclasta do tempo ha de apagar memorias e aniquilar monumentos, e tu has de ficar erguido como livro aberto, epopea de rocha e verdura, a historiar ao mundo a chronica das glorias nacionaes.

Quem sabe se adeus para sempre...

IX

Companheiros de viagem — O nervoso e o classicismo — O frasco d'anti-hysterico — Alphonse Karr — Nas Devezas.

No wagon em que entrei na Mealhada, vinham apenas duas pessoas. Um homem d'oculos verdes, guedelha de melenas brancas, collête d'orelhas, e calças pegadas á pelle: typo de bibliomaniaco, que gosta de lêr Filinto Elisio e pragueja contra os propagadores de francezias que vão minando a pureza da lingua patria. O outro era um sujeito pallido, de lunetas fôscas, corrente com berloques, cabello anediado, *frak*, sacco-de-noite, e *bonnet* de gomos: jornalista lisboeta, com fama de litterato, que vem ao Porto passar trez dias em casa d'um parente ou d'um amigo.

Pouco tempo depois de me installar, recomeçaram os dois a conversa, que por minha causa interromperam provavelmente.

— N'esta epoca de *crinolines* — dizia o sujeito pallido — em que todas as senhoras são *coquettes* e perfumam o seu *boudoir* com *patchouli;* agora que os

homens teem uma apresentação *chic* e substituiram a bengala de canna por uma *badine*, a casaca de cabeção pelo *frak*, n'esta epoca, dizia eu, exploram-se todos os veios da intelligencia e do trabalho, erguem-se á luz os grandes genios e os grandes homens, descobriu-se o caminho de ferro e a telegraphia electrica, appareceram os jornaes em todos os angulos do mundo, os romances que preenchem as horas d'ocio, e o folhetim, *le feuilleton,* que se lê no botequim, a conversar com os amigos, emquanto se espera pelo café ou pela cerveja... — »

O d'oculos verdes, a cada gallicismo do sujeito esgrouviado, carregava o sobr'olho e inflava as ventas como um perdigueiro.

— Triste progresso é esse, meu caro senhor, triste progresso é esse, atalhou elle para dispeitorar o odio votado aos francelhos e ás francezias — odio que se não fosse desentranhado n'aquella occasião seria causa efficiente d'uma apoplexia fulminante. Verdade é que o progresso nos trouxe alguma coisa util; mas se o progresso foi a causa d'este fallar e escrever afrancezado, que hoje se usa, o progresso, meu caro senhor, levou da nossa lingua o *bom* e *melhor* que tinhamos, senão o *optimo.* »

Fiquei então sabendo que o sujeito d'oculos verdes entendia de grammatica e escalonava correctamente os graus de significação dos adjectivos; quiz-me parecer por isso que seria professor d'instrucção primaria ou de grammatica latina.

— Oh! meu Filinto! continuou elle, o teu *portuguex*

brando e sonoro, segundo a tua propria expressão, perdeu toda a suavidade, toda a graça, a musica toda, que era tão sua d'elle! Onde encontra o senhor melhor logica e mais gracioso e escorreito dizer do que no padre Vieira? Onde afinação e suavidade taes, que façam esquecer frei Luiz de Sousa?

Já não ha fallar portuguez em Portugal! Pouquissimos o fallam hoje correcta e correntemente:

Apparent rari nantes in gurgite vasto,

disseste tu, ó poeta de Mantua, ó mestre sublime de Camões.

João de Lucena, Antonio Vieira, João de Barros, Manoel Bernardes, vós todos, mestres dos mestres, *post tantos tantosque labores,* vistes, n'um momento, ruinas e pó a fabrica grandiosa, que muitissimos annos vos levára a cinzelar. *Sic transit gloria mundi!* E isto, meu caro senhor, vai tudo assim correndo á revelia...»

De repente suspendeu a phrase e arregalou os olhos, encarando n'um carregador de blusa, que, engalfinhado na porta do wagon, alongara o pescoço até lhe roçar pela orelha esquerda, gritando a toda a força dos pulmões — Aveiro! Aveiro!

O de Lisboa, que durante o tempo que o outro arengára se tinha entretido com os berloques da corrente, para se furtar, talvez, ao desgosto de continuar por mais tempo o dialogo abriu o sacco-de-noite e tirou um livro — era o *En fumant* d'Alphonse Karr.

O d'oculos verdes puxou do lenço vermelho, tossiu, e deitou um olhar de soslaio ao livro do outro, a ver se podia enxergar o titulo ou o nome do auctor. Cuido que pôde lêr ambas as cousas, porque as narinas ainda se lhe dilataram mais, — caninamente. Abriu em seguida a mala que levava, e eu pensei que elle, por despique ao outro e amor ao classicismo, se poria a lêr a *Vida de S. Francisco Xavier*, de Lucena, ou as *Cartas espirituaes* de frei Antonio das Chagas. Nada d'isso! Tirou da mala um frasquinho, que destapou e levou immediatamente aos labios: era um vidro d'anti-hysterico. Estava horrivelmente incommodado do nervoso. Passado pouco tempo, quando ia a guardar na mala o frasco, estremeceu de novo: era outro corregedor a annunciar — Estarreja.

Mais um gole d'anti-hysterico e maior dilatação das narinas. Só quando o de Lisboa, ao chegarmos á Granja, fechou o livro, guardou o nosso puritano o frasco com que se medicamentara; d'ali até ás Devezas não soffreram alteração digna de chronica as ventas do narigudo professor.

Volto a apostrophar-te, Garrett, musa delicadissima das viagens. Saudei-te ao começar; quero saudar-te ainda ao concluir. Bem te vejo a rir de mim, que me arrastei insipidamente pelo trilho por onde tu ias floreando gentilmente a tua chibatinha de *touriste*. Tens muito que rir, bem sei. Já lá te devia chegar o pruido

d'uns que andam a dizer que tu só tinhas intuição poetica, litigando, em pleito de competencias, o teu genio, o teu peregrino genio.

Só se deseja o que se não tem.

A estulticia vai de foz em fóra, mas as tuas *Viagens* vivem e hão de viver, e tu viverás com ellas. Depois de te rires d'elles, ri-te de mim; depois de os espalmares, como espalmaste o *barão,* toma-me contas, porque a minha culpa é secundaria, visto que eu não te insultei por me não poder medir com a tua grandeza.

Chego ao termo da viagem tão pobre como fui. Tu, quando apeaste, trazias comtigo a tua gloria e a musa com que jornadeaste alegremente. N'isto é que está a differença. Tu foste um grande homem; eu sou um mau viajante. Adeus. Respeito e gloria ao teu nome.

COROA DE PERPETUAS

Á memoria de Francisco de Paula Mendes

JORNALISTA PORTUENSE

Só agora é licito fallar d'elle. Aquelle espirito radioso de tão deslumbrantes auroras verdadeiramente se melindrava quando nos assomavam aos labios sinceras expansões de reverencia.

Aquecia-se e illuminava-se aquella alma, sem o perceber, com a propria luz dos seus fulgores, e obrigal-a a escutar a phrase que os homens se mutuam era apeal-a do pedestal esplendido em que se estava deliciando sem consciencia da sua felicidade.

Esta ditosa ignorancia do proprio valor, denominada modestia, é tão raro topal-a hoje no caminho da vida, quanto é frequente encontral-a na apparencia, vedando a olhos menos investigadores o medirem a profundidade do amor-proprio em que um espirito fatuo se póde abysmar.

Em Francisco de Paula Mendes a modestia era um sentimento innato, um como outro *eu* que a Pro-

videncia collocára ao lado da sua alma para a livrar, com a solicitude d'um anjo da guarda, de desplumar as azas candidas nos silveiraes das ambições mesquinhas.

É preciso encarar Francisco de Paula Mendes pela triplice face que a sua personalidade revestira: homem, sacerdote e periodista.

Estas trez existencias, consubstanciadas n'uma unica, tão identificadas viviam pela communhão de principios sãos e inabalaveis, que entre si repartiam fraternalmente o commum peculio de virtudes sobremodo apreciaveis e não vistas.

Homem, rasteae-lhe a estrada percorrida desde o berço ao tumulo, que só n'ella encontrareis vestigios das lagrimas enxugadas pela sua caridade, e só n'ella ouvireis remurmurar em ecco saudoso as orações das muitas pessoas que devem á sua memoria os juros da felicidade a que o seu bom conselho as encaminhou e conduziu.

Sacerdote, tinha na alma thesouros de bondade, de doçura e de resignação, que não só choviam influxos beneficos nos corações desconfortados que se abeiravam d'elle, mas até lhe foram consolo n'aquelle lento e tranquillo resvalar para o tumulo.

Periodista, foi um talento vigoroso, um polemista adestrado; e, vencedor, trocava a sobranceria da victoria pela cortezia de esmerada educação.

Questionou sempre a impulsos da consciencia e da razão, e nunca deixou de defender principios para esgrimir contra personalidades; nunca desceu do de-

bate honrado e leal ao ataque directo ou á questiuncula facciosa.

A sua doutrina era esta:

«... Que importa porém a divergencia? Não é porventura no embate de opiniões oppostas que mais luminosa resalta ás vezes a centelha da verdade? »

(*A questão do casamento — Jornal do Porto*, 24 de janeiro de 1866, n.º 18.)

«Ratificamol-as (as opiniões sobre o casamento civil) ainda hoje em nome dos principios da tolerancia e liberdade, sem quebra dos nossos sentimentos catholicos; mas não obsta isso a que abramos o campo a uma opinião diversa.

O *ipse dixit* não o admittimos para nós, e ainda menos o impomos aos outros.»

(*Jornal do Porto*, 28 de dezembro de 1865, n.º 295.)

A sua phrase tinha um geito verdadeiramente portuguez, e o seu estilo sempre ataviado, sem presumir de classico, com igual facilidade se temperava em dialetica cerrada ou se amaneirava com singela elegancia relampagueando faiscas de humorismo.

Do primeiro asserto póde dar eloquente prova o seguinte fragmento d'um artigo politico do *Jornal do Porto* em questão com o *Jornal do Norte — sobre o direito de representação:*

«Não está expressamente garantido ás corporações o direito de petição. — Mas haverá por ventura alguma lei que lho vede?

Não ha lei que o prohiba; mas ha um argumento do *Jornal*

do Norte: Os cidadãos que elegerem as camaras pódem exercer amplamente o direito de petição; mas as camaras municipaes não pódem, por que foram eleitas «com o fim de velarem pelos interesses *particulares* do municipio.»

Dar-se-ha porem que as camaras que representaram contra os projectos chamados de reforma administrativa e economica tivessem em vista outra coisa que não fosse o zelar os interesses dos seus respectivos municipios? — Não é fóra de duvida que os referidos projectos alteram sensivelmente as condições da administração e economia municipal? — Não será licito portanto aos municipios o representarem ou peticionarem ácerca do que tão de perto lhes diz respeito?

Não é licito, contende o *Jornal do Norte*, porque os projectos reformadores não dizem respeito a este ou áquelle municipio em especial, mas a todos em geral. — Pois por isso mesmo entendemos nós, póde e deve cada um *representar* por si, para excitar a attenção de quem tem a seu cargo *representar* os interesses do paiz, que os abrange a todos.»

(*Jornal do Porto*, 24 d'abril de 1867, n.º 92.)

Do segundo asserto — da elegancia folhetinistica com que lhe affluia a phrase, muitas provas poderiamos deixar consignadas, mas contentar-nos-hemos com as que se seguem, sendo a primeira respigada em um artigo politico do *Jornal do Porto*, ainda em referta com o *Jornal do Norte*, sobre os tumultos portuenses d'abril d'esse mesmo anno:

«Não queremos authoridades que se debrucem á janella a espalitar os dentes, quando lhes cumpre manter a ordem; mas não queremos tambem que ellas venham para a rua fazer o chylo, descarregando pranchadas sobre os cidadãos inoffensivos.

Queremos authoridades que prevejam e provejam, que

acalmem e não irritem, que mantenham a ordem e não aticem a desordem.»

(*Jornal do Porto*, 27 d'abril de 1867, n.º 95.)

Fragmento d'uma noticia inserta no *Jornal do Porto*, de 24 de novembro de 1868, n.º 270:

Em louvor dos sinos, e sob o titulo de *Les cloches*, lembram-nos duas dissertações magnificas, uma de Chateaubriand, e outra de Victor Hugo.

O author do *Genie du Christianisme* conta-nos que Pythagoras applicava com especial prazer o ouvido, para escutar o retumbar do malho do ferreiro em cima da bigorna, porque não conhecia ainda o prazer incomparavelmente mais delicioso de escutar um festivo repique de sinos por mão de mestre. Rendemos o preito da nossa admiração ao fino ouvido de Pythagoras!

O author de *Notre Dame de Paris* compara tambem a uma symphonia gigante o badalar dos sinos em alegro de bravura; mas, antes de entregar a Quasimodo a batuta d'essa estrondosa orchestra, teve a prevenção de o fazer surdo, e não andou mal.

Ás pessoas porém que não teem o ouvido de Pythagoras nem o de Quasimodo, não é possivel agradar a musica atroadora com que ahi nos mimoseam tantas vezes os sineiros, mormente em commemoração de finados.»

Da apreciação litteraria sobre dois trabalhos academicos do snr. dr. Gonçalo Garrett, copiamos do noticiario do *Jornal do Porto:*

«Pelo que nos é dado inferir o snr. dr. Gonçalo X. de A. Garrett não foi procurar na mathematica um contra-veneno para empeçonhamentos poeticos; tomou-a como alimento sadio, muito digerivel e assimilavel á substancia das suas faculdades; não

sustou a marcha zangado, proseguiu perseverante e percorreu briosamente o estadio mathematico, ao fim do qual, em vez d'um soneto (como fizera e devia fazer seu tio, que havia nascido para grande poeta e não para mathematico) fez uma oração doutoral, em que procura devassar na vastidão do espaço os mysterios de Urania.»

(*Jornal do Porto*, 20 de julho de 1869, n.º 161.)

Francisco de Paula Mendes, considerado como escriptor, não era apenas o publicista amestrado nos mais arriscados golpes da esgrima jornalistica; era tambem um litterato sobremodo conhecedor da lingua patria e das estranhas, dotado d'um discernimento e aptidão notaveis.

Pouco tempo antes d'elle embarcar para a Madeira abri casualmente o volume da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, que lhe pertencia, e no qual estavam apontadas não só as phrases exemplares de pureza e propriedade, mas até certas passagens pittorescas que eloquentemente denunciavam a competencia de quem as annotára.

Eram-lhe conhecidos todos os prosadores e poetas portuguezes já hoje enfileirados na galeria classica da nossa litteratura, e apesar das lucubrações quotidianas lia tambem os escriptores contemporaneos que lhe deliciavam o espirito com as amenidades a que era affeiçoado.

Antes de partir para o Funchal, obrigado á reclusão por falta de forças e de iniciativa propria, queria enganar as longas horas de soffrimento physico e moral

com livros suaves que o não compellissem a demasiada attenção.

Foi então que leu os *Contos do tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino, livro que sobremaneira lhe captivára o espirito, de natural inclinado áquelle genero d'escriptos.

Para elle era o germanismo tresnoitado, revestido de nevoas impenetraveis, a mais detestavel aberração litteraria dos tempos modernos; por isso, quando topava campo não damnificado pelas inundações do idealismo do Rheno, comprazia-se em andar forrageando larga colheita de assumptos e dizeres entrajados á portugueza.

O idioma latino, que preleccionára, jogava-o Francisco de Paula Mendes com facilidade e correcção: d'este internar-se pela litteratura romana resultou profundar a verdadeira estructura da lingua patria, sem comtudo eivar o seu estilo de um geito archaico que é a pecha contumaz dos grandes latinistas.

Uma coisa realmente para admirar-se era a extrema facilidade com que assimilava um assumpto por mais estranho que fosse ao labutar de todos os dias. Não houve para elle proeminencias que a sua aptidão não alhanasse até as reduzir a plano e convidativo estendal.

Era preciso remontar-se para deletrear maravilhas na abobada cristallina onde os astros, á luz de si mesmos, se estão offerecendo á admiração e ao estudo dos homens?

Subia, e era astronomo.

Carecia mergulhar-se nas profundezas da terra para descortinar os mysterios das grutas sombrias que a natureza minou nas entranhas do globo?

Igualava-se ao geologo.

Era obrigado a sentar-se nas ruinas dos emporios que desabaram, para desenterrar as velhas chronicas sociaes subvertidas pelo cataclismo?

Sabia ser historiador.

Compellia-o o momento a nortear o baixel da politica estrangeira por mares longinquos e a visitar, em romagem, os mais remotos continentes?

Era geographo.

Tinha d'estudar o segredo da vida no tecido vegetal e nas graças da flor? nos orgãos microscopicos do zoophyto? nas irradiações esplendidas da alma humana? nas leis que regulam os phenomenos physiologicos ou ainda nas relações biologicas, analysando simultaneamente o corpo e a alma?

Era naturalista e philosopho.

E quantas vezes, elevando-se, em arrojado vôo, á contemplação do creador, não descobria na causa primaria o foco da luz unica que no prisma da creação se decompõe e divide em assombrosas maravilhas?

Então era poeta.

A multiplicidade dos seus conhecimentos permittia-lhe variar agradavelmente a expressão com graciosas imagens e periphrases pinturescas.

Cumpre advertir que Francisco de Paula Mendes manejava a penna com estrema ligeiresa. Nós — e todos os que o viram trabalhar na tarefa diaria —

admiravamo-nos da riqueza d'aquelle espirito que tinha mananciaes de thesouros para todas as horas e para todos os generos de labutação.

Quando no escriptorio da redacção do *Jornal do Porto* se suscitava uma duvida ácerca da propriedade ou da orthographia d'um vocabulo, o mestre, que era sempre consultado, esquivava-se timidamente a emittir a sua opinião, apontando o exemplo d'um auctor de boa nota: d'esta maneira encaminhava o collega perplexo, lançando á conta do escriptor citado a proficuidade do conselho.

Veio finalmente a molestia roubal-o ao exercicio jornalistico e á companhia de todas as pessoas que proveitosamente visinhavam d'elle.

O ter de recolher o seu espirito das regiões por onde o distrahia a vida jornalistica a constante intuspecção motivada pela inactividade, augmentára ainda mais a irresolução que lhe era ingénita.

Então foram precisas as instancias de pessoas amigas, que o aconselharam a retirar-se a paragens onde o ar saudavel dos campos pudesse retemperar-lhe a saude, deteriorada consideravelmente.

Entre estas pessoas amigas, por ser justamente a que mais procurou remover obstaculos e minorar os muitos soffrimentos do pobre doente, merece especial menção o nome do snr. A. R. Cruz Coutinho.

Intencionalmente toco de passagem n'este ponto, para não offender a modestia de quem soube ser amigo generoso e dedicado em tão dolorosa crise.

Foi o doente procurar o remanso do velho lar, mas

os perfumes das várzeas, que aformosentam o seu torrão natal, não lhe espiritaram vida nova e nova seiva.

A obra da fatalidade proseguia.

Voltou ao Porto, mas o Porto não reunia as condições climatericas aconselhadas pela hygiene.

Relampaguearam então lampejos de derradeira esperança com que os seus amigos se queriam enganar a si mesmos.

Francisco de Paula Mendes, para cumprir o dever da propria conservação, teve de quebrar as amorosissimas cadeias que o prendiam á familia e á sociedade.

Devia de ser cruelmente doloroso aquelle lance, aquella lenta despedida das duas solicitas enfermeiras que eram suas irmãs, dos seus dedicados amigos, dos seus collegas, dos seus livros queridos, da sua banca de trabalho, do sol do Porto que lhe tinha allumiado as lucubrações de todos os dias.

E todavia curvou-se resignado ao peso da desgraça que nol-o roubava, denunciando apenas a molestia na maceração da face e na ancia que lhe offegava a respiração.

Partiu emfim.

Nós — os que todos os dias olhavamos para o sitio onde elle costumava trabalhar — a cada momento sentiamos no coração o espinho d'uma recordação pungidora.

Pelo que diz respeito a elle, o segredo das angustias que precederam o occaso da sua existencia pertence á sepultura.

Sendo-lhe extremamente doloroso o escrever, não só pelo trabalho manual como por se vêr de certo obrigado a diluir o coração n'um mar de lagrimas, nunca tão jovial se mostrou como nas cartas que dirigira para o Porto na véspera do dia em que falleceu.

Essas cartas trouxe-as o paquete com a noticia do seu tranquillo passamento.

Á beira do tumulo serenamente lhe illuminaram o espirito os clarões da eternidade.

O homem virtuoso deixou de si exemplo edificante na vida e na morte.

PALOMA

Era na vespera de S. João...

O luar parecia pendurar-se dos oiteiros n'uma especie de nevoeiro translucido. As raparigas cantavam, bailavam, e saltavam as fogueiras no quinteiro. Tudo era alegria, franqueza, festa. Ficava perto o laranjal e a janella de Paloma, que tambem andava nos folguedos. Quem era Paloma? Uma rapariga do sitio, meiga e formosa, filha natural do morgado.

Certo almocreve da raia, que costumava passar pela aldeia, não podia ouvir chamar-se-lhe Comba que era o nome d'ella. Meneava a cabeça e replicava corrigindo:

— Paloma.

Explicada pelo almocreve a significação da palavra, ninguem lhe chamava d'outro modo. Dizia-se sempre — a Paloma. A Paloma era ella.

O morgado, cuja casa estava consideravelmente esbanjada, não pensou em educar a rapariga, mas o

abbade, coração de oiro, encarregou-se de lhe lustrar o espirito com certa instrucção litteraria e religiosa. Era coherente este morgado — como todos os morgados. Não dava á filha o que lhe não deram a elle — cultura intellectual.

Não sei se as pombas são tristes; ella era, e muito. Ás vezes, do fundo sombrio do laranjal rompia uma canção melancolica.

Era ella que cantava; era o arrulhar da Paloma...

*
* *

Amaria?

Amava, sim.

Por que? Porque cantava.

Um caçador d'uma aldeia distante viu-a d'uma vez n'uma feira. Ella viu-o tambem. Amaram-se, isto é, começaram a soffrer. O caçador era filho d'um empregado do concelho, e estava destinado para uma prima rica. O morgado tinha d'olho o feitor da casa para lhe dar a mão de Paloma.

Viam-se poucas vezes, que o morgado trazia espiões, mas escreviam-se bilhetinhos e trocavam-se flores por um pastorsito que passava alli com o seu rebanho.

Isto era meio fallar e meio vêr. O resto dizia-o ella nas trovas, e elle no errar por serras d'onde pudesse avistar a aldeia.

*
* *

Chegára a primavera. O laranjal estava opulento de sombras e murmurios. Parecia-se com o coração de Paloma, que tambem tinha nuvens de lagrimas, canticos de saudade.

E todavia estavam ambos em plena primavera. Paloma tinha vinte annos; o laranjal engrinaldava-se com as folhagens de maio.

As trovas eram cada vez mais saudosas... Compunha-as ou ensinaram-lh'as? Lera-as de certo n'algum livro de saudades... A toada melancolica, essa, era d'ella.

Por que não havemos d'ouvil-a suspirar? Caláram-se os rouxinoes; canta ella:

Dizem que uma folha verde
Não se despega, não cae!
Pois a esp'rança que se perde,
Não é verde, e não se esvae?

Toda a esperança tem seiva,
E quando a impelle o sulão,
Mais ella se abraça á leiva,
Mais se prende ao coração...

Vive toda a esp'rança verde,
Verde até que alguem a córte...
Toda a seiva deixa e perde
Na mão que lhe trouxe a morte.

A rosa da minha trança
Cáe já depois d'amarella.
Morre inda verde a esp'rança,
Não se parece com ella...

Ai! como a esp'rança se perde,
E foge d'alma n'um ai!
Não digam que a folha verde,
Não se despega, não cae...

E o que ficava por dizer englobava-se n'uma unica nota, n'um — ai — agudo e vibrante.

Era esperança que fugia...

*
* *

Destinára o morgado que se realizasse o casamento no dia de S. João. Estava á porta o mez de junho, o das festas, das noites de cantigas e bailaricos.

Paloma, a costurar no escasso enxoval, parecia mais uma viuva do que uma noiva. A agulha, como se fosse de chumbo, não voava; é que o braço cahia inerte as mais das vezes...

E todavia cantava...

Quando o abbade passava perto e lhe conhecia a voz magoada, ia murmurando com os olhos marejados de lagrimas:

— Pomba ferida!

D'uma vez, morgado e abbade encontraram-se, e descahiu a conversa no casamento de Paloma.

— Casar por calculo, disse o parocho, é architectar o futuro sobre o mau sentimento da ambição...

— E que será — contestou o morgado — edificar sobre a pobreza?

— É confiar em Deus.

O morgado sorriu; o abbade apartou-se.

*
* *

Todos os dias, ao entreluzir da manhã, passava na aldeia o pastorinho com o seu rebanho; Paloma via-o e recebia a occultas a mysteriosa correspondencia.

O pegureiro ia seguindo seu caminho; Paloma ficava a chorar.

O que leria ella?

Lia palavras de desconforto e saudade, e mais que nas palavras lia nos vestigios das lagrimas que mareavam o papel.

— Sempre te casas no dia de S. João? perguntavam-lhe as raparigas.

— Sempre.

— Que lindo dia! Deves ter sorte nas bodas.

Paloma não respondia. D'ahi a pouco, quando o rebanho do pegureiro andava pendurado das alturas d'uma serra proxima, começava ella a cantar:

Dizem que uma folha verde
Não se despega, não cae!
Pois a esp'rança que se perde,
Não é verde, e não se esvae?

*
* *

Chegou finalmente a véspera de S. João.

Alvoroçou-se a aldeia. As raparigas exultavam. Por que? Porque dizem que esta noite tem condão, e andam no ar uns philtros amorosos que embriagam...

O morgado e o feitor vieram assistir ás fogueiras. Paloma veio tambem, mas não dançava, nem cantava, nem sorria...

— Que noiva! — cochichavam as raparigas — Que noiva!

— Não saltas as fogueiras, Paloma? perguntava uma.

— Hei de saltar.

— Quando?

— Mais logo...

E crepitavam as chammas e rompiam vozes em côro:

S. João, olhae que as moças
Não vos accendem fogueiras,
Porque vós não as tiraes
Do estado de solteiras.

D'ahi a momentos nova pergunta:

— Não vens?

— Já vou.

— Olha que a noite foge...

— Bem sei.

*
* *

Paloma affastou-se por um momento. Entrou em casa, foi direita á sua arca, e aconchegou do seio um macinho de cartas e flores seccas.

Depois voltou ao quinteiro.

Havia já no levante uma vaga claridade que annunciava a aurora.

— Viva a noiva! gritou uma rapariga.

— Agora é certo! clamaram outras.

— Has de saltar. Nem pareces noiva!

— Antes que morram as fogueiras...

— Emquanto não sae o dia.

E recomeçaram as danças, os saltos, as trovas—a folia.

Paloma parecia subitamente alegre, doidejante, febril. Ninguem bailava melhor.

— Viva a noiva!

De repente ella, ao cruzar as chammas, soltou um grito agudo e lacerante.

— Que é? interrogaram muitas vozes.

— Não é nada... Saltou-me lume ao braço...

Ao coração, devia ella dizer. N'esse momento tinha deixado cahir á fogueira as cartas e as flores seccas; sepultára nas chammas os restos do seu amor...

UM ESCRIPTOR PORTUGUEZ... SANTO

Não são por via de regra felizes os escriptores portuguezes. Muitos d'elles choraram nas plagas do exilio e na solidão do carcere; outros agonizaram carecidos de pão e de leito, entre quatro paredes negras e humidas.

Felizmente, depois que se abriram em Portugal as secretarias d'estado e as repartições publicas, os litteratos puderam fazer rosto á miseria, dividindo o tempo de modo que as funcções burocraticas não prejudicassem os trabalhos de gabinete.

Tão vulgar se tornou isto, que chega hoje a duvidar-se do senso commum do litterato que não entrou ainda á ante-camara de um ministro, ou que lhe não varou a reputação n'um jornal de opposição com trez ou quatro descargas de virulentas diatribes.

Com excepção á regra geral, alguns escriptores ha, e houve, não desfavorecidos da fortuna; se bem

que outros teimem obstinadamente em viver distanciados da sociedade que os aprecia.

Dos que chegaram ao apogeu das honras, lembra-nos Almeida Garrett, elevado á grandeza do viscondado e mais tarde par do reino e ministro; bem como José Freire de Serpa Pimentel que morreu visconde de Gouveia, e par do reino.

Entre os que porfiam em recusar pergaminhos e mercês, avulta o snr. Alexandre Herculano, que estabeleceu a sua residencia na quinta da Val-de-Lobos creio que por saber que ha em Lisboa ministros — tão pouco os tem incommodado.

Camillo Castello Branco é hoje o que era ha dez annos — simplesmente o primeiro romancista portuguez.

Estes exemplos bastam.

Entre os escriptores independentes, e justamente reputados como taes, um houve, coração nobilissimo, que já hoje é da terra — João Joaquim de Almeida Braga.

Fallei duas ou trez vezes, em epocas differentes, com o escriptor bracarense a que me refiro.

Costumava Almeida Braga apparecer ao fim da tarde debaixo da arcada do Campo de Sant'Anna, e entrava habitualmente no café — Vianna — para lêr os jornaes e conversar os estudantes de theologia, e os professores do lyceu e do seminario, que frequentavam o botequim.

Cuido que lhe fui apresentado, ahi por 1865, pelo snr. Gonçalo Antão, que é hoje[1] primeiro bibliotheca-

[1] Fallecido ha já muitos annos. *Nota da presente edição.*

rio em Braga, e que então redigia o *Progresso*, jornal politico.

Almeida Braga vestia modestamente, e tinha franca apresentação. Logo ao principio da noite retirava-se, e corria voz de que recolhia ao seu gabinete a recomeçar os trabalhos litterarios que pouco antes havia interrompido. Admirei sobremodo a intrepidez e persistencia d'um escriptor em terra tão escassa de incentivos e de elementos de trabalho. A não se fallar da bibliotheca publica, archivo de valiosissima erudição classica, havia apenas em Braga uma livraria — a do Germano — quasi desprovida de livros modernos que pudessem aquilatar o movimento febrilmente progressivo da litteratura extrangeira, á qual já então se deviam muitos livros de philosophia religiosa, materia que Almeida Braga particularmente versava. Escriptores, que estabelecessem rivalidade, não os havia em Braga. A esse tempo vivia ainda um que merecêra os respeitos de todo o reino, e a amizade dos grandes homens do paiz. Era Manuel Rodrigues da Silva e Abreu. Mas já então estava morto para as lettras; vacillava entre a velhice e a morte.

Almeida Braga podia, pois, dizer-se o unico intellectual activo e benemerito que porfiava em mostrar que tambem havia litteratura nos burgos provincianos de Entre-Douro-e-Minho. O seu talento era reconhecido e justamente estimado. Camillo Castello Branco escreveu d'elle nas *Memorias do carcere*:

«... poesias do snr. João Joaquim d'Almeida Braga, poeta bracarense, que eu já conhecia como

mancebo de muito boa indole litteraria e incansavel estudo de livros uteis.»

A estima e sympathia, que o snr. Innocencio Francisco da Silva tinha por este escriptor, resalta das seguintes linhas do *Diccionario bibliographico:*

«Tenho seguido até gora como regra invariavel o preceito, a que voluntariamente me sujeitei, de não apresentar no Diccionario juizo ou opinião propria, com respeito ao merito ou demerito das producções litterarias de auctores existentes. Esta consideração me obriga a deixar de parte o que poderia dizer ácerca das poesias d'este nosso contemporaneo; tanto mais que os sentimentos da sympathica affeição, que consagro ao moço poeta bracharense, seriam já de per si motivo para que a critica mal-avisada pretendesse achar parcialidade nos louvores, embora merecidos, que eu aqui lhe tributasse.»

Á consideração pelo litterato sobrelevava, porém, um geral respeito pelo homem.

Almeida Braga tinha uma vida exemplarissima, notavelmente honesta, quasi excepcional. Toda a gente sabia em que doce tranquillidade elle vivia familiarmente. Do seu passado de rapaz não ficaram manchas que o publico pudesse apontar; o escriptor é que denunciava uns escrupulos que devemos tomar á conta d'excesso de severidade para comsigo mesmo.

Diz o poeta, consagrando um hymno á *Verdade:*

Se nos meus passados cantos
Diversos d'estes cantei,
Foi um sonho como tantos,
Hoje do sonho accordei;
Nem d'elle quero as saudades,
Quando aqui ponho as verdades
Que tenho no coração:
Se tinha culpas passadas,
Quero-as vêr todas lavadas
Nas aguas d'este Jordão. [1]

Timbrava em ser portuguez e catholico; a sua lyra inspirava-se da patria e da religião; raras vezes do amor ideal dos poetas:

Portuguez nasci n'aquella
Terra do grande cantor;
Sei o que deve por ella
Quem nasce aqui trovador:
Deve cantar n'esta vida
A sua terra querida
E a sua religião;
Hei de cantal-as na lyra,
Cantal-as, e sem mentira,
Cantal-as do coração.

Cantem outros a indiff'rença
Com que o sceptico sorri,
Que os meus cantos á descrença
Não darei, que não descri. [2]
....

[1] *Melodias*, cantos da adolescencia por João Joaquim d'Almeida Braga, Braga—1859.

[2] Idem. *Deveres do poeta.*

Como poeta religioso é especialmente que nós queremos encarar Almeida Braga: debaixo d'este ponto de vista não podemos deixar de citar o mais formoso cantico da sua lyra, dedicado — Á inauguração do monumento da Immaculada Conceição no monte Sameiro.

A poesia do christianismo exalta a Virgem, porque foi Ella que esmagou a serpente do mal e gerou o libertador da raça humana. Eva symbolisa a queda da humanidade; Maria é a fonte do bem, o ideal da summa perfeição que divinisa a mulher e resgata o homem. As religiões antigas faziam da mulher a escrava do destino; o christianismo levanta-a sobre a esphera do mundo e faz d'ella o symbolo da redempção.

Ha mais de cinco seculos que Dante vibrava na lyra este canto sublime: «Virgem mãe, filha de teu filho, humilde, mas superior a toda a creatura, termo fixo da vontade eterna, de tal modo ennobreceste a natureza humana, que o proprio Deus não se dedignou converter-se em sua mesma obra.» [1] Desde então até hoje a poesia do christianismo tem-se levantado em extasis de suavissima doçura para impregnar as azas candidas nos perfumes que rescende o altar da Mãe de Deus.

O canto d'Almeida Braga diz assim:

[1] Vertido d'uma edição franceza da *Divina Comedia*, publicada por Artaud de Montor. — *Paraiso*, canto XXXIII.

Eil-a, emfim, sobre o alto monte!
Cingem-lhe as nuvens a fronte,
Descobre-a largo horizonte,
De longe o viandante a vê!
E logo que a vista a alcança,
Iris d'eterna bonança,
Cresce mais firme a esperança,
Surge mais vivida a fé!

Eil-a! augusto monumento,
Lábaro soltado ao vento,
Eil-a! dos tibios alento,
Eil-a! solemne pregão:
Do excelso dogma memoria,
De todo este povo gloria,
Dos nossos preitos historia,
Das nossas crenças brazão.

. . . . . .

Nem a natura se esquece
D'unir seu preito a esta prece:
O campo offerta-lhe a messe,
O monte, o roseo matiz;
O roble inclina-lhe a coma,
A flor envia-lhe o aroma,
E o sol d'alem quando assoma,
Tu és mais bella, lhe diz.

Ha em toda esta composição um notavel ardor de poesia religiosa ao mesmo tempo dulcificado por uma suave fragrancia d'alma christã. De Almeida Braga não conhecemos melhores versos, dizemol-o affoitamente. Não é o mysticismo ascetico de Frei Agostinho da

Cruz modelado pela escola de Petrarcha; é o lyrismo religioso da escola romantica, e quão mimoso lyrismo devemos confessal-o.

O snr. Alexandre Herculano levantou com mão de mestre o formoso peristylo do templo consagrado á futura poesia religiosa. A *Harpa do crente* ahi se ergue de pé augusta e solemne, mas a mocidade do nosso tempo parece envergonhar-se de carrear materiaes para a continuação da obra santa.

Almeida Braga deixou um exemplo, que prouvera a Deus fosse incentivo tambem. Elle sim que descobriu o seu peito offerecendo-o em tranquillo holocausto ás vaias do racionalismo.

A verdadeira glorificação do escriptor bracarense começou depois da sua morte, facto vulgar entre nós, e muito mais se attendermos ao prestigio que as suas crenças religiosas exerciam em milhares d'almas sinceras.

Talvez que os funeraes d'Almeida Braga venham ainda a originar uma lenda nacional entre o povo do Minho. A sepultura attrahe o maravilhoso, porque a sepultura é a ponte lançada entre dois mundos. Para além da sepultura tudo é mysterio. Todavia a intuição poetica do povo é audaz e creadora — quer penetrar os segredos d'além-tumulo, perscrutar os mysterios da eternidade.

Quando a sepultura encerra o cadaver d'um justo, em cuja fronte lampejava o resplendor da virtude, a lenda tende para o sobrenatural e acceita então o milagre. Da sepultura de S. Pedro Gonçalves res-

sumbrava um oleo com virtude curativa para toda as enfermidades; a sepultura de Santa Iria diz a tradição que era *formosa e lavrada por mão dos anjos;* a de S. Clemente, cujo cadaver foi lançado ao mar, transformou-se em capella no meio das aguas.

Quando o cadaver não é d'um justo, mas d'um heroe, cujos feitos pareciam inspirados e protegidos por Deus, a sepultura não reveste o maravilhoso do milagre; mas inspira uma devoção commum. O povo de Lisboa bailava e cantava á roda da sepultura do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, levando flores e cirios.

Ao cadaver do suicida nega o povo sepultura, como se quizesse significar que deve ser defesa a ponte da eternidade a quem não póde entrar na bem-aventurança. Isto deu causa á tradição das almas que andam penando em doloroso fadario. Os cadaveres dos naufragos, que fluctuam errantes, suscitaram outra superstição — não podem entrar no céo porque não teem sepultura. Ainda não acharam a ponte que os encaminhe ás regiões da eternidade. Segundo a lenda, transformam-se em aves que por noite morta gemem lamentos afflictivos esvoaçando em torno dos navios.

A antiguidade pagã sentia-se dominada d'um instinctivo respeito pelos tumulos, agradavel aos manes; é assim que se explica a tradição de terem os romanos cada urna funeraria coberta de flores, n'uma primavera eterna, como diz Juvenal:

Spirantesque crocos et in urna perpetuum ver

e a intenção que os levava a gravar, nas lousas sepulcraes, epitaphios como este: *Sparge, precor, rosas supra mea busta, viator.*

Entre as flores era preferida a rosa, porque representava um symbolo de que mais adeante nos occuparemos.

Volvidos annos, é de presumir que o guarda do cemiterio publico de Braga indigite ao viajante o tumulo do *escriptor santo,* recamado de boninas fragrantes, dispostas ainda na véspera pelos romeiros que porventura affluam, em piedosa peregrinação, a reverenciar o tumulo de Almeida Braga, como o povo de Lisboa reverenciava a sepultura do condestavel em signal de respeito ás suas nobilissimas virtudes.

Pode bem ser que o viajante não penetre de prompto o maravilhoso da lenda creada pelo fanatismo do povo do Minho e por elle perpetuada, muito mais se acontecer que o espirito culto da sociedade futura risque do catalogo dos escriptores portuguezes o nome d'Almeida Braga, por julgar somenos, no confronto com racionalistas e hereticos, o merito do auctor do *Christianismo e o Seculo,* do *Prestigio das palavras* e do *Jesus Christo em face do mundo.*

Seja como fôr. As ultimas paginas da vida de Almeida Braga offerecem um colorido legendario muito para se pôr em chronica.

Depois de rezados os responsos funebres por sua alma na igreja do Carmo em Braga, foi o cadaver con-

duzido ao cemiterio publico. A numerosa multidão que assistia aos funeraes cobiru o féretro com rosas brancas e dias depois, segundo o testemunho d'um correspondente fidedigno[1], havia empenhos para obter uma pétala das rosas e camelias desfolhadas sobre o féretro, se bem que pessoas mais supersticiosas tambem se disputassem fragmentos da mortalha.

O povo bracarense foi coherente com a tradição. A rosa é o symbolo da vida, por isso que tem uma existencia breve e, sendo branca, toma-se tambem como emblema da innocencia e da virgindade.

Malherbe assignalou n'estes versos a intima similhança que ha entre a brevidade da existencia humana e a da rosa:

Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace du matin.

Na Turquia, em razão do mesmo symbolismo, esculptura-se uma rosa sobre a tampa do tumulo.

Como representação da innocencia e da candura, cobrem-se de rosas brancas na Polonia os esquifes das crianças, e em França, como na peninsula, entretece-se de rosas brancas a capella das virgens mortas. Em Poitiers, na abbadia de Saint-Croix, havia antigamente uma columna que commemorava o milagre de ter nascido uma roseira cheia de rosas sobre

[1] *Jornal do Porto* — Correspondencias de Braga de 15 e 22 de fevereiro de 1871; numeros 39 e 44.

a sepultura d'um homem virtuoso e casto no dia immediato ao do enterro. [1]

Escreve ainda o correspondente citado:

«Qualquer escripto attribuido ao finado, ou coisa que elle escrevesse, é tudo tido em summo apreço como se fossem as mais preciosas reliquias vindas da Palestina por um romeiro de virtude reconhecida, que alli fosse adorar os logares santos.

«Effectivamente era virtuoso, era christão e era de boa vida o escriptor bracarense.»

A maviosa candura da crença popular reveste de roupagens celestiaes a biographia d'Almeida Braga.

Quizemos apenas tocar n'este ponto, que nos estava namorando pelo maravilhoso que offerecia. A justissima tarefa de historiar a vida do escriptor bracarense já a tomaram sobre os hombros dous dos seus amigos, um de Lisboa, outro de Braga. Segundo me consta particularmente, não se farão esperar muito as duas biographias. Que as palavras que deixamos ditas sirvam ao menos de mover a proxima publicidade de suas investigações as pessoas que as estão recolhendo.

[1] *La rose, son histoire par Loiseleure Deslongchamps.* Pag. 22-23.

UM EPISODIO DA VIDA DE CASTILHO

(CARTA AO PROPRIETARIO DO «ARCHIVO POPULAR») [1]

Pede-me v. coisa de minha lavra para uma das paginas do seu interessante semanario e eu, se o pedido não viesse firmado pelo seu nome, esquivar-me-hia com razões sobejas para justificar a desculpa.

De poesia deve v. ter farto peculio, que, mercê, da Providencia, parece que o purissimo azul do nosso bello céo se espelha em toda a sua formosura na alma da nova geração. Não ha melhor nem maior inspiração, e isto cabalmente explica o vigor com que a poesia lyrica portugueza está bracejando frondes e desabrochando flores.

A prosa, postoque sejam annos d'ella, melhor se dá com quem está costumado ás lucubrações da imprensa periodica, e ha de por isso dignar-se v. acceitar este retalho de litteratura, que lhe mando, e que não

[1] Era um jornal portuense, com o mesmo titulo que tivera outro de Lisboa em 1837. — *Nota da presente edição.*

roubará ao seu periodicosinho muito do terreno que póde ser cultivado por mais competente collaborador.

No muito que se tem dito e escripto do snr. visconde de Castilho não topei ainda o ligeiro episodio que vou apontar.

Em casa do violinista Marques Pinto encontrei uma tarde a mais alegre velhice que jámais conversei. O snr. Antonio Gomes de Moraes, natural de Magdalena, reune aos seus muitos conhecimentos litterarios uma prodigiosa memoria, que lhe permitte recitar discursos inteiros de auctores classicos e contemporaneos. O mais leve incidente, que possa occorrer n'uma conversação familiar, é-lhe thema para refeir *a propositos* com a fina graça d'um verdadeiro folhetinista de cabellos brancos, não com a gorda e causticante erudição d'um frade benedictino.

As estancias dos *Lusiadas* conhece-as elle como o jardineiro conhece as suas flores e sabe onde ellas estão.

A suavidade de frei Luiz de Sousa, a melopea de Bocage, as simplezas bucolicas de Bernardim, Lobo e Fernam Alvares—tudo assimilou a prodigiosa memoria do snr. Moraes, e tudo assimila ainda, se é que póde haver litteratura nossa que lhe seja desconhecida.

Com memoria e reminiscencia assim prodigiosas, poderia o sr. Moraes, dois seculos atraz, defender theses de *Omni scibili*, como fez em Veneza o celebre frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, de preconisada memoria.

Foi o caso que visitando ha annos o snr. visconde de Castilho, precedido pelo ecco dos seus muitos talentos, combinaram os dois encontrar-se á noite no theatro do conde de Farrobo, onde se reunia n'esse tempo a flor da aristocracia lisbonense.

Succedeu entrarem ambos ao mesmo tempo e ficarem a conversar nos jardins por onde se espreguiçavam as harmonias da orchestra composta pela nobreza artistica da capital.

Veio a geito fallar-se dos *Ciumes do bardo* e, testemunhando o snr. Moraes o seu enthusiasmo pela mais formosa lucta de amor e ciume que se tem posto por obra em linguagem vernacula, não quiz terminar sem alcançar licença para recitar os trechos que tinha confiado á memoria.

Era de luar a noite, e em noites assim é dado deixar a gente inflammar-se a alma nos incendios d'este Phaetonte mysterioso que se chama *Poesia.*

O snr. Moraes recitou com tal vigor, com tamanha correcção de inflexões, e, para que se diga tudo, com tamanha mocidade, que nem elle pôde abster-se de concluir a recitação do poema todo, nem o snr. Castilho deixou de sentir renovar-se a inspirição caudal de que brotou a admiravel composição.

Procurei no espirito do snr. Castilho as recordações d'essa noite, e achei-as ainda avivadas pela saudade e coloridas pela imaginação.

Melhor o dirá o sr. Castilho do que eu, e sejam as suas palavras a chave de ouro com que se fecha este desvalioso artigo:

«Deu-me v. não pequena satisfação trazendo-me á memoria o agradavel serão que eu passei na Quinta das Laranjeiras com o meu bom amigo Moraes, bom homem, do mais aprazivel tracto e de mui bem cultivado entendimento. Recordo-me, sim senhor, e não podia deslembrar o como elle realçou com o seu enthusiasmo a recitação que á sombra d'aquellas arvores me fez dos *Ciumes do bardo*, emquanto lá dentro, no theatro do Conde de Farrobo (já hoje defuntos ambos, conde e theatro!) se executava perante muita côrte uma opereta franceza.»

O PIANO D'ELVIRA

Reconheci-o immediatamente, mal o vi na loja d'um adelleiro, coberto com o mesmo panno de *crochet* que tinha na salêta d'Elvira. Aproximei-me silencioso e tomado de subito respeito. Pedi que o descobrissem, que o abrissem, que m'o deixassem vêr. Ao levantarem o panno, resaltou-me d'entre florões em relevo a inicial d'Elvira, que ella mesma fizera durante os serões do inverno passado. Como quer que a longa cobertura se baloiçasse um momento entre as mãos das pessoas que a suspendiam, affigurou-se-me um immenso sudario fluctuando sobre um cadaver querido que nos foi arrebatado pela corrente do destino.

Abriram finalmente o piano. Era elle, o mesmo *Collard,* triste, concentrado, deixem-me dizer — pensativo. Aproximei-me mais, o adelleiro affastou-se, e senti resoar-me aos ouvidos um murmurio saudoso que parecia dizer:

«Aqui estou, aqui cheguei arrastado por mysteriosas correntes, como os homens que passam na onda da vida, como as flores que vão rolando á superficie dos córregos. Deixei o meu ninho de amor, onde me era summa delicia escutar-me a mim mesmo nas noites de luar. Á presteza das mãos correspondia não menos prompta a vibração sonora. Havia sempre perto de mim, no toucador fronteiro, duas jarras com flores. D'ellas, sim, que tinha ciumes, quando as via pendurarem-se para afagarem as mãos rosadas d'Elvira. Por isso, mal a sentia percorrer o teclado, mandava os sons desabrolharem-lhe sob os dedos, em revolto enxame, se ella estava alegre, em cadencia suspirosa, quando lhe adivinhava tristezas. Estou a vel-a, a pobre Elvira, no momento em que se despediu de mim — para sempre talvez. Tinha os olhos afogados em lagrimas e as faces esbatidas n'um pallidez cadaverica. O quarto, onde o pai tomava uma réstea de sol n'uma d'aquellas grandes cadeiras de todos os entrévados, ficava no compartimento opposto.

«Deteve-se ella a olhar para mim alguns momentos, sem ter coragem de se aproximar. Depois, como obedecendo a um mobil mysterioso, levantou delicadamente o *crochet* que me cobria. Viu-me espelhante, mimoso dos seus cuidados, orgulhoso do seu dominio, e rompeu em chôro torrencial.

«Senti sobre as teclas algumas lagrimas candentes. Recolhi-as. Depois, quando teve força para dedilhar um adagio mavioso, restitui-lh'as em maguados queixumes. Comprehendeu-me; entendeu a linguagem

cariciosa em que eu lhe estava fallando. Aproximava-se a hora fatal. Dirieis dois amantes que se separam n'um momento de lacerante afflicção.

«Após as notas cadenciadas romperam as notas febris, ardentes, estuosas. Era o delirio, a saudade, o derradeiro adeus. Badalejaram estrepitosamente á campainha. Já não havia enganar-se. Eram uns homens brutaes que tinham de me arrastar para aqui. Elvira empedrou deante do doloroso espectaculo. Parecia mais uma estatua do que uma mulher.»

Calou-se. Entrava na loja um homem corpulento, provinciano dos quatro costados. Esse desconhecido quedou-se, como a contemplar o piano e, passados momentos, passeou os dedos pelas teclas com manifesta ignorancia musical.

O adelleiro estava sentado á sua escrevaninha, no fundo da loja. O provinciano dirigiu-se a elle, provavelmente para entrarem em ajuste.

Senti um novo murmurio, mais dolorido talvez:

«Sim, aqui estou, como o cadaver na mesa marmorea do theatro anatomico. Ricos do mundo, despedaçae-me á vontade com o vosso escalpello doirado. A minha vida já não é minha, e não póde ser vossa tambem. Eu sou como o coração de certos proscriptos que vive separado do arcabouço em que pulsa.»

O bacharel Luiz Alvares suavizava a saudade indelevel da viuvez no delicado affecto com que se en-

levava a miude no terno esplendor dos olhos da filha. O seu coração, costumado a viver da propria seiva, não transigia com a fraternidade postiça das relações sociaes. Era raro vêr o bacharel e a filha nos theatros, nos bailes, nos passeios, n'estas grandes exposições de bom tom onde a gente chega a esquecer-se da propria individualidade á força de confrontar um sem numero de typos differentes, que perpassam inchados de sua mesma vaidade. O espirito do homem tem alguma coisa de pintor embellezado na contemplação d'uma galeria de quadros, quando sai de si para viver dos outros.

D'este exame resultam sentimentos diversos, mas raras vezes placidos. O bacharel conhecia de sobra o coração humano para se não furtar a desgostos que estava em tempo de remover. Limitou pois as suas relações a um estreito circulo d'amigos intimos e sinceros, com quem discutia placidamente sem pleitear preeminencias. Recebia trez vezes por semana os velhos parceiros do seu voltarete alternado, por via de regra, com anecdotas e graciosos commentos. Ao bom humor d'esta alegre velhice correspondia o papear festivo d'umas avesinhas palreiras que estrepitosamente agitavam as azas em redor da mesa do serão, á luz do mesmo candieiro. Eram as amigas intimas d'Elvira, que seroavam com ella n'uns bordados de mimoso lavor. Umas noites por outras, como para incitar á tarefa, ia suspirando o piano emquanto as gentis cabeças das serandeiras pendiam curvadas sobre a costura. Era por via de regra uma alma feliz que

desvelava so seus mysterios na linguagem dulcissima da musica.

A felicidade trae-se muita vez sem o presentir. Quando Elvira sentia no coração assomos de suave labareda, levantava mão do bordado, todas as noites, para sentar-se ao piano.

As suas amigas olhavam para dentro de si mesmas, e comprehendiam-n'a. Os velhos do voltarete, absorvidos nas subtilezas do jogo, sentiam perpassar nos ouvidos a melopea, e não comprehendiam nada.

N'uma d'essas noites foi que Elvira começou a achar na musica do seu piano—do seu querido piano que representava talvez um sacrificio paterno—um encanto vago e indefinido que lhe deixava ante-gostar maiores delicias. Pouco a pouco foi-se concretizando, deixem-me assim dizer, o que se lhe mostrara vaporoso e indeterminado. Cada escala chromatica transmudara-se em abecedario; cada som representava uma lettra. Ella lia no seu piano como n'um livro aberto. Dizia-lhe elle, ou melhor, suspirava-lhe baixinho:

«Eu sou apenas a repercussão da lyra intima em que a tua alma vai desferindo um cantico d'amor. Dou vida aos teus devaneios, aos teus extasis, aos teus delirios. Mil pensamentos adejam rapidos e desordenados no teu espirito inquieto. Eu harmonizo-os, eu reproduzo-t'os com certa melodia que te embriaga, sem os desvirtuar, sem lhes roubar o que elles trouxeram do teu coração... O que tu estás dedilhando não são os impetos apaixonados de Leonor, de Violeta, de Adalgiza. É o que pensas, o que sen-

tes, o que sonhas. Eu sou o teu confidente unico — o unico que te sabe comprehender. Escuto os frémitos da tua alma, e restituo-t'os coordenados n'um rythmo correcto. Aproveito o thema do teu amor, e vou harpejando variações. Sou como o rouxinol do salgueiro que recebe uma inspiração mysteriosa e vai precipitando vibrações agudas e ligeiras, animando-se progressivamente, variando os sons, combinando-os, corrigindo-os, com uma volubilidade e uma nitidez prodigiosas. »

Era pobre e desprotegido o eleito da alma de Elvira.

Nunca tivera elle ambições, nunca se preparára para sahir abroquelado ao encontro do futuro. Um dia alvoreceu-lhe no coração a manhã do amor, radiosa, alegre, perfumada, similhando o despertar do viajante absorto n'uma floresta encantada. Era musica o que lhe ia na alma? Musica não era.

Mas um esvoaçar incessante, uma grandeza estranha, uma aspiração vaga, o revolutear infinito do mar dentro do peito.

Era a alma a emplumar-se para adejar, era o alor das azas que ensaiavam forças para um alto vôo...

Lia em tudo — uma unica palavra, uma só. Deletreava nas flores e nas estrellas, no ceu e na terra.

O espaço que medeia entre as boninas e os astros apparecia-lhe cheio d'encantos indistinctos e vaporo-

sos em que elle adivinhava alguma coisa sem a conhecer.

Era o cahos que precedia o genesis. Havia uma abundancia torrencial de luz que se despenhava em catadupas scintillantes. Estava cego; por isso não podia distinguir. A descommunal claridade não se tinha ainda circumscripto ao globo d'um unico sol.

A nuvem dos perfumes, que fluctuava na atmosphera, era estonteante. Elle presentia as flores, mas não via ainda o jardim. As harmonias vagueavam perdidas no ar, em turbilhões; a lyra d'onde jorravam estava occulta e ignota.

A gestação do mundo novo foi lenta. Os elementos agrupáram-se pouco a pouco. Os perfumes condensáram-se, a luz focalizou-se. Elvira era o sol, o jardim, a harpa divina.

Havia um orbe em acção, meio realidade, meio sonho, dentro da alma d'esse homem enamorado.

Elvira affigurava-se-lhe mais que mulher; era uma creação ideal de poeta.

Sonhava-a anjo, gnomo, visão.

A vida era o Eden.

A unica philosophia que conhecia era o pantheismo dos namorados: o amor em tudo.

Decorreram dias; a realidade das coisas tornou-se-lhe distincta.

O impalpavel volveu-se tangivel.

Elvira era uma alma toda amor; elle era o reflexo d'essa alma.

A realidade estava de permeio.

*

O trabalho é a maior das esperanças. Foi-se em procura d'essa esperança maxima. Partiu. O piano d'Elvira, suspirando ao luar, parecia dizer:

«Está distante, é verdade, mas eu aproximo-o. Quando me vibras, fallas com elle. Segredas-lhe; ouvel-o. É o grande milagre da musica. Enlouquecerias, se não chorasses. Vens pedir-me allivio. Fallo-te a linguagem melancolica da tua saudade. Choras: salvas-te. Ninguem me comprehende como tu; ninguem te conforta como eu. Fui a lyra dos teus amores; sou a harpa da tua saudade. A cada fibra do teu coração corresponde uma corda do meu. Agitas a minha alma com tamanha magua; eu opero milagres na tua com as minhas palavras só de ti comprehendidas. Sim; eu tenho alma e coração. Crês tu que eu podia fallar sem pensar? Que eu podia pensar sem sentir?

«No teu coração gira o sangue em movimento febril, porque estás offegante. No meu vai a grande circulação da harmonia, a systole e a diastole dos sons, porque estou sentindo por ti. Somos dois confidentes. A lua espreita-nos pela janella. O' amor! ó saudade! quem vos comprehende melhor que nós?»

Luiz Alvares foi atacado de paralysia. Os seus amigos eram homens dignos e pobres. Bastava dizer uma d'estas coisas para se adivinhar a outra. O bacharel era honrado demais para acceitar as compassivas mealhas da pobreza alhiea.

Antes queria morrer de fome que de remorso. O que era seperfluo vendeu-se; passou-se ao que era preciso; chegou-se finalmente ao que era indispensavel.

Duas coisas se respeitaram, que nem eram superfluas, nem precisas, nem indispensaveis: a bibliotheca de Luiz Alvares e o piano d'Elvira.

Melhor diriamos: a livraria do pai e a livraria da filha.

O bacharel chamou a occultas um livreiro para lhe propor a venda dos livros; Elvira offereceu em segredo a um adelleiro o seu *Collard* para poupar a bibliotheca do pai.

N'esta sacratissima lucta de dois sacrificios igualmente nobres e grandes, venceu o filial.

Luiz Alvares não podia levantar-se da sua cadeira de braços; Elvira, depois de ter escutado o derradeiro *adeus* do seu piano, viu-o sahir, amparando com a mão o coração que lhe saltava do peito.

Não era um piano que sahia; era um confidente que lhe fugia, um amigo que lhe levavam.

PARA OS INFELIZES

CARTA A THOMAZ RIBEIRO ÁCERCA DA «DELFINA DO MAL»

Começo por citar algumas palavras da carta-prologo de v. ex.ª com relação ao fim eminentemente philosophico que se propõe o poema.

Escreve v. ex.ª:

«Pareceu-me que um dos maiores males da humanidade hoje era o desalento, e, como consequencia fatal, a tendencia crescente para o suicidio.

«Não considerei o suicido como crime, nem perante as leis humanas, nem perante os preceitos divinos; tambem o não proclamei fraqueza, nem loucura; deixei tudo isso á esteril declamação dos physiologistas, dos philosophos, dos moralistas e dos canonistas; pareceu-me que o suicida era doente do coração, e dirigi para alli os meus cuidados.

«Foi outro dos meus intuitos pôr bem a nú as cha-

gas da miseria, e procurar que a poesia servisse a approximar d'ellas a caridade».

Confesso á puridade que jubilei sobremodo com estes dizeres de v. ex.ª

Hoje que a sociedade encara o suicidio como loucura ou cobardia, era bemvindo para mim um livro em que se chamava ao suicidio *uma molestia do coração;* um livro em que o seu auctor, tomando sobre si os encargos d'um medico extremoso, apontava á humanidade enferma o remedio para tamanho mal.

Este fim gigantesco a que v. ex.ª pretende chegar, desculpa até certo ponto, segundo penso, o que por ventura desgostará alguns leitores do livro, isto é, o não ser uma e unica a heroina do poema.

A paginas 196 da *Delfina*, como para prevenir os reparos da critica exigente, escreve v. ex.ª este verso:

Ha duas heroinas em vez de uma.

Declaro francamente que não vejo n'esta circumstancia grave senão, e eu explico porquê. Quer-me parecer que v. ex.ª pretendeu encarnar no typo da *leprosa* toda a ideia philosophica do poema; e se quiz, conseguiu-o.

É verdade que se divide a cada momento a acção, que por vezes apparecem em scena personagens differentes, que são muitos e variados os caminhos que levam ao fim do poema. Em todo o caso eu vejo na

Delfina o balsamo para todos os doentes d'aquella alta acrópole de Soffrimento e Dôr.

Enxergo na *leprosa* o planeta primario em torno do qual descrevem a sua orbita os desventurosos satellites que anciosamente lhe estão pedindo, a cada hora, um exemplo sublime de resignação evangelica.

Descubro na pobre *mulher do mal* a taboa de salvação a que se agarra, na hora extrema, Albano, prestes a naufragar nos tenebrosos pégos de aparcellada existencia. Só esta circumstancia bastaria para justificar a eminencia a que v. ex.ª levantou a infeliz mulher, que dá o nome para titulo do poema.

Delfina é para mim a unica heroina do livro.

Não nego que a acção seja por vezes diffusa. Mas todas essas ramificações da ideia principal são como diversos affluentes que fossem desaguar ao mesmo rio. Nem por isso *Delfina* perde nada da magestade que v. ex.ª lhe déra.

A pobre *Sagucha* é o sol esplendido a que se aquece o coração enregelado de um grande infeliz.

E' grande, é sublime, imponente o papel que ella desempenha n'este drama.

V. ex.ª metteu o escalpello da critica philosophica no coração humano, e achou-o infeccionado pelos effeitos morbidos d'uma grande doença moral — o desalento.

Olhou á roda de si a procurar um medico que valesse á humanidade enferma, e descobriu a custo, nas anfractuosidades da *Ucha*, a pobre mulher leprosa,

privada de pés e mãos, triste, só, desamparada, mas cheia de resignação infinita.

Viu-a e disse-lhe: — «Tu, que não tens esperança, vem dal-a aos outros. Tu que precisavas de balsamos para as ulceras do teu corpo, vem ungir as chagas d'estes Lazaros que se agrupam a teus pés. Tu, que não podes andar, caminha por esse mundo, que eu te servirei de bordão, e evangeliza aos homens as maximas de Christo! Vem, anda, caminha, que Deus t'o pagará.»

V. ex.ª encarou o suicidio como *doença do coração* cuja procedencia é o desalento, e abstraiu da criminalidade que possa ter o suicida perante o tribunal de Deus e dos homens.

Ora já que se tocou n'este ponto tantas vezes discutido, direi a v. ex.ª o que penso sobre o assumpto.

Não abstraio da criminalidade no suicidio. Acho que todos os suicidas são egualmente criminosos, e imploro a compaixão da sociedade para todos os que se matam, por isso que são homens e os impelle ao crime uma causa que está na mesma natureza humana: — causa que v. ex.ª chama *doença do coração* e que eu chamarei imperfeição inherente ao barro.

A sociedade, que mostra acreditar na existencia de Deus e na immortalidade da alma, assignala como causas do suicidio a loucura e a cobardia, algumas vezes, posto que n'outras o tome á conta de heroicidade, encarando nos vultos historicos de Catão e de Cassio.

Eu sei que os conspiradores de Cesar se deram

em holocausto á liberdade de Roma. Mas o crime é sempre crime. Catão e Cassio seriam ainda grandes no captiveiro ou no exilio, no patibulo ou na masmorra, como a sociedade, nos diz que se mostraram na morte. A mesma sociedade que respeita o suicidio em Catão e em Cassio, glorifica a resignação de Napoleão em Santa Helena.

Apesar d'esta glorificação, quer-me parecer que a sociedade teria juntado mais um louro á corôa do heroe d'Austerlitz, se elle houvesse morrido na mesma hora em que terminaram as conquistas da aguia franceza.

O exemplo d'isto está em Catão e em Cassio.

Cita-se, pois, a resignação de Napoleão, como já disse, apesar de se saber perfeitamente que o imperador tentára, por trez vezes, suicidar-se. [1]

Visto que a immoralidade ou a moralidade do acto está na intenção, Napoleão não póde deixar de ser criminoso. Basta delinquir uma vez para ser criminoso, creio eu.

O suicidio é sempre um crime, quaesquer que sejam as circumstancias que o determinem. Por que é pois que se vê em Catão um heroe, nada obstante ter morrido pela liberdade da sua patria? Ou o suicidio é um crime ou não é. Se não é, o homem que se mata não delinquiu e não merece o anathema da sociedade.

Mas a vida veio-nos de Deus e não é nossa. Esqueçamos o sophisma que diz: «— Olham a vida co-

[1] *Horas de paz* por Camillo Castello Branco, pag 34.

mo uma cousa que não é nossa, porque nol-a deram; por isso mesmo que nol-a deram, é nossa. — » [1]

Deixemos isto que é capcioso.

O homem é apenas um depositario da vida que lhe serve de instrumento para a realização do seu *fim*. Se não vai direito a esse *fim*, se não cumpre a missão que tinha a cumprir, se rouba o deposito sagrado de Deus, o suicidio é um crime e, se o é, todos os suicidas são igualmente criminosos. Os suicidas nem são heroes, nem cobardes, nem dementes; são homens, e isto basta para delinquir.

«Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia, escreve o snr. Camillo Castello Branco. O homem, que se mata, é responsavel da sua morte: é árbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue e d'aquelle sangue que derrama. — E continua o illustre escriptor: Julgaes que o materialista, enfastiado de viver, não é coherente com seus principios acabando com uma vida, que lhe não pesa? Não sabeis que os estoicos se matavam, raciocinando, quando viam ameaçada a republica pela espada de Cesar?»

Se o suicida fosse um demente, não seria criminoso perante o tribunal de Deus e dos homens.

O suicida, porém, commette um crime e commette-o porque é imperfeito, porque é propenso ao erro por uma tendencia da sua natureza, porque é homem n'uma palavra.

[1] Rousseau, *Nova Heloisa*, 3.ª parte, cartas, 21 e 22.

E porque o é, deixa-se arrastar no turbilhão das paixões, entregue a si mesmo. Vai luctando com as vagas da vida, sem outro leme que não seja a ideia que o domina, sem outra bussola que não seja o sentimento que o impelle.

E, todavia, em plena tempestade conserva-se porventura ainda acceso o pharol da sua consciencia. O suicida conhece que vai praticar um acto immoral e illicito; mas pratica-o porque a sua fraqueza é muita e porque não ha um braço amigo que o detenha.

Catão é o typo esplendido do amor da patria: eis aqui toda a sua heroicidade.

Deixa-se dominar por esta paixão que o arrasta ao extremo de matar-se, e, no momento em que se mata, deixa de ser um heroe para ser um criminoso.

O conselheiro Bastos [1], fallando do suicidio d'algumas personagens biblicas como Razias, Sansão, Eleazar, escreve o seguinte: «Querer, portanto, confundir o suicidio com a exposição ao martyrio, é querer confundir a mais repugnante atrocidade do crime, com o mais acrisolado heroismo da virtude. O suicidio é um attentado d'uma especie toda particular. Não ha cousa a que possa comparar-se, nem circumstancia que o possa justificar.»

E como ha de ser isto, agora? Pois o crime deixa de ser crime para ser virtude? Onde acaba então o crime e onde começa a virtude? Se não ha circumstancia que possa justificar o suicidio, como é que o

[1] *Meditações ou discursos religiosos.*

sacrificio d'Eleazar, pelo facto de romper através das hordas inimigas e de morrer debaixo do elephante que conduzia o chefe d'essas hordas, deixa de ser um crime para se tornar no *mais acrisolado heroismo da virtude?*

Se nenhuma circumstancia póde justificar o suicidio, como é que esta o justifica, e não só o justifica, mas até lhe dá um cunho de virtude?

Declaro francamente que não entendo.

Razias, Sansão, Eleazar são igualmente criminosos. Commetteram o crime de todos os suicidas: mataram-se. O motivo, que os levou á morte, sabe-se e é hoje da tradição. O motivo, as circumstancias, as vicissitudes, que levam milhares de infelizes a pôr termo á existencia, ignoram-se, desconhecem-se, occultam-se no seio da familia e da desgraça.

Lucrecia, affrontada por Sextus, convoca o tribunal solemne do marido e do pai e procura lavar a mancha da deshonra, matando-se.

Quantas pobres mulheres, impellidas pela paixão que as devora, põem termo á existencia, sem esta confissão solemne?

E o mundo apregôa o heroismo de Lucrecia e toma á conta de demente a mulher que se matou sem denunciar o escandalo, sem deixar transluzir a deshonra para fóra do recinto da familia!

A mulher que se arrepende, santifica-se: o exemplo está em Magdalena. Mas a mulher que procura na morte voluntaria uma desaffronta, voluntariamente delinquiu no suicidio: o exemplo está em Lucrecia.

Remir a culpa por um soffrimento perpetuo, seria uma virtude, no caso de Lucrecia.

Sansão, por exemplo, soffrendo pacientemente os tormentos dos Philisteus, *expor-se-hia ao martyrio* com uma virtude verdadeiramente edificante.

Isso entendia eu que era virtude. A isso chamaria eu sem rebuço *exposição ao martyrio;* a isso caberia o nome de heroismo.

Tito Livio refere um caso notavel de suicidio ou, melhor direi, de suicidios, cuja leitura é interessante [1].

Lamartine evoca, similarmente, um notavel caso da historia grega [2].

Entre milhares de suicidios celebres que poderiam citar-se, lembra-me outro da historia grega: É o de Sapho, que se precipita do rochedo de Leucate, desesperada pela indifferença de Pháon.

Perdoae vós, homens de coração que sabeis sentir, perdoae a todos os que se suicidam porque são criminosos e eram homens.

Como é que a natureza humana, sujeita ao jugo das paixões, se ha de resgatar d'ellas?

Todos somos homens e todos criminosos.

Homo sum; humani nil a me alienum puto,

é uma grande verdade encerrada n'um verso de Terencio.

[1] Livro 40, cap. 4.

[2] *Nouvelles meditations poétiques* — cinquième note.

O homem que respeita Catão como um heroe para tomar á conta de demente o suicida obscuro de hoje, o homem que não vê em todos os suicidios a responsabilidade d'um crime, esse homem, digo eu, está commettendo em seus juizos grandissima injustiça, commetteu hontem um crime, commetterá logo outro, e quem sabe se irá suicidar-se ámanhã?...

Santa Thereza de Jesus, que nascêra destinada para a gloria e para o altar, deixou-se ser fraca na solidão da cella e do convento, quando escrevia estes versos.

Ay! que larga es esta vida:
que duros estos destierros!
esta carcel, y estos hierros,
em que está el ama metida!
solo esperar la salida
me causa un dolor tan fero,
que muero porque no muero.

Estes versos revelam claramente desalento moral e ancia d'outra vida, que teriam levado a freira carmelita ao excesso de matar-se, se não a protegesse a estrella d'um destino sobrenatural.

Entrevejo n'estes versos uma ideia irreligiosa, não obstante o padre frei José de Santa Thereza dizer nas suas—*Flores del Carmelo*, escrevendo dos livros da poetisa santa e referindo-se ao nono volume: «El nono (contém) algunas relaciones de su espiritu,

mercedes que le hizo el Señor, y algunos vèrsos *devotos* que compuso».

Ao padre pareceram *devotos* os versos: a mim parecem-me menos que isso. E bom é estar o erro da minha parte, para que eu possa acceitar sem repugnancia a bulla de canonisação de Thereza de Jesus, assignada por Gregorio XV em 12 de março de 1622.

Quem ha ahi que se não enterneça a lagrimas ao lêr uma das mais maviosas paginas do *Raphael* de Lamartine?

Refiro-me á tentativa de suicidio de Julia e Raphael.

Era á hora saudosissima do sol-pôr. Os dois amantes bordejavam no lago, revendo saudades d'um passado delicioso. A natureza estava serena, e a tristeza começava a descer do céo com as primeiras sombras da noite. De repente Julia levanta-se em sobresalto e exclama para Raphael n'um tom de *serena e calma resolução,* como diz Lamartine: «Oh! morramos!»

Quizera repetir aqui esse monólogo apaixonado e sublime de Julia; é pouco mais d'uma pagina que vale indubitavelmente um poema.

Um crime de amor, como tantos outros; — mas um crime como todos os suicidios.

É para Raphael e para Julia, como para a legião dos infelizes d'este mundo, que eu imploro o vosso perdão e as vossas lagrimas.

No desfecho do *Abraço de morte,* poema em que

trabalho[1], ha um lance parecido com o do livro de Lamartine.

Refiro a historia de dois suicidios, que levaram lagrimas ao seio d'uma povoação inteira. Mas não são taes lagrimas as que vos peço agora; essas eram mentidas e falsas. A gente d'aldeia, que chorava hoje á beira de dois cadaveres abraçados n'um hymeneu de morte, essa mesma gente, já menos sensivel que na véspera, negava-lhes ámanhã sete palmos de sombra no recanto de um cemiterio...

Se o parocho chamasse o concurso dos fanaticos estupidos a uma catechese efficaz, não commetteriam elles, decerto, a ferocidade selvagem que por tanto tempo se commetteu e em muitas partes se commette ainda.

Na Siberia negava-se terra sagrada para enterrar um suicida. Em Metz abandonava-se o cadaver á corrente do Mozella.

«As legislações de diversos povos teem fulminado diversas penas contra este flagello das sociedades: taes são o cortamento da mão que perpetrou o crime; o abandono ignominioso do cadaver; o arrastamento pelas ruas; o supplicio posterior do patibulo; a infamia; a confiscação, etc.», escreve o conselheiro Bastos.

Não me parece isto grandemente razoavel.

[1] Este poema gorou ao nascer não sei por que atroz destino, que a posteridade chorará longamente, emquanto eu rio satisfeito do aborto. — *Nota da presente edição.*

Como é que ha de aproveitar a pena ao homem morto?

«O cadaver não se corrige. Todo o facto que não tiver por consequencia necessaria e immediata a correcção moral do sujeito culpado, não póde denominar-se pena». [1]

Se, porém, estes actos teem o fim de corrigir a sociedade, parecem-me infructiferos.

Para se impôr ao homem o dever de se não matar, era preciso impôr-lhe tambem a obrigação de alienar a sua natureza.

Quando elle vacilla no caminho da vida, em vez de recear a justiça da terra, deve lembrar-se do tribunal de Deus e abraçar-se á cruz do Redemptor para que o fortaleça e ampare.

Montesquieu, no *Espirito das leis* [2], attribue o suicidio em Inglaterra á influencia d'uma doença motivada pelo clima. O conselheiro Bastos escreve que as causas dos suicidios nos outros paizes são todas sociaes e moraes. O sr. Camillo Castello Branco, nas *Horas de paz,* attribue o suicidio á quebra das crenças religiosas e acredita na influencia da litteratura descrida da Allemanha, sobretudo na influencia do *Werther*. Não me inclino para ahi.

Não quero fazer a apologia de Goethe, apesar de ter lido recentemente uma obra franceza em que se

[1] *Discurso pronunciado na camara dos deputados a favor da abolição da pena de morte pelo sr. Ayres de Gouveia.*

[2] Livro VIX, cap. XII.

citam e reprovam muitas opiniões distinctas e valiosas a favor do auctor do *Werther.* [1]

O que me quer parecer é que muitos dos que se suicidam, se não todos, estão firmes em suas crenças religiosas, e quem sabe até se elles exclamarão n'essa hora fatal: «Perdoae-me, Senhor, porque eu vou commetter um crime!»

Emquanto á influencia da litteratura allemã, não me parece seja razão. Muita gente lê o *Werther,* sem que tenha, depois da leitura, a menor ideia de suicidio; outros nunca leram *Werther* e suicidam-se.

Para que se ampare, pois, a imperfeição do homem, são precisos livros que sirvam de lição á humanidade, e n'este caso está a *Delfina do Mal.*

Todo o homem deve abraçar-se á cruz da Redempção e dizer ao cadaver ensanguentado de Christo:

«Senhor! Não me deixeis chegar ao desalento a que me arrasta a minha natureza; não deixeis que o meu coração adoeça com essa especie de cachexia moral a que me leva a minha imperfeição. Senhor, eu sou homem e vacillo. Dae-me Vós força e esperança! Não me deixeis cahir.»

E o Senhor, apiedado dos homens, aponta-lhes para o vulto da Delfina, e diz-lhes:

«Tenho soccorrido a imperfeição d'aquella mulher com a minha misericordia; agora aprendei vós d'ella

[1] *Defense du christianisme historique par Chassay.* — Vol. 2.º

que vos está dando exemplos d'alento e d'esperança no meio de tamanhas desventuras.»

Abençoado, pois, o livro em que se adivinham estas palavras do Senhor. Bemvindo elle seja, que é um grande presente á humanidade[1].

1868.

[1] Relida hoje esta carta, pesa-me que ella obedecesse menos á inflexibilidade da argumentação do que ao intuito de mostrar copia de leitura. Mas se eu então queria significar que a piedade é a mais genuina religião das consciencias christãs, ainda hoje estou de accôrdo com o que escrevi em 1868. Thomaz Ribeiro, depois de lêr a minha carta, sorriu decerto ao vêr que eu, negando a influencia nefasta da litteratura no suicidio, fiava ao mesmo passo da litteratura a influencia benefica de o evitar. — *Nota da presente edição.*

RETALHOS DE FOLHETIM

D'aqui a pouco, quando se despovoarem as praias, quando o céo se cobrir de brumas e as arvores sacudirem as folhas seccas, o folhetim, este rapaz alegre de todos os dias, que se deixa enlevar por tudo o que a final não significa nada, ha de resentir-se da variante do tempo e quem sabe se terá de constipar-se e de sahir á rua como velho rheumatico, de sapatos de borracha e *cache-nez* de trez voltas.

Por emquanto o folhetim deixa-se passear descuidosamente á beira-mar, como que a despedir-se saudoso das solidões do oceano, aquecendo-se a um raio de sol, inflammando-se n'um olhar, arroubando-se no sorriso da Circe loira que passa. N'esta occasião ainda póde apparecer jovial, porque o sol é alegre e bonito, o horizonte claro e, no fim de contas, não ha melhor tempo para se passear á beira mar do que nas manhãs d'outono, quando são soalheiras e quentes e, sobretudo, doiradas por uma luz discreta mas alegre.

Por emquanto sois ainda condemnadas, ó mulheres formosas, ao supplicio do banho frio e da agua salgada.

Dizem que Venus sahira da espuma do mar; convenho. Mas ia jurar que n'esse dia um sol esplendorosissimo tinha aquecido a agua, e que o mar devia d'estar perfumado e placido como se quizesse preparar á deusa dos amores o banho tepido e rescendente d'uma huri.

Eu sei tambem que as nereidas teem os seus palacios encantados nas solidões do mar, mas rezam as boas tradições da mythologia que ellas apparecem á flor das vagas, com as tranças cobertas de perolas, no seu coche ceruleo tirado por delphins.

Oh! que se eu vos vira assim, como as fadas da Allemanha erguendo-se das aguas voluptuosas do Rheno, meio veladas pela nevoa azulada do rio, ou como as filhas de Doris sobranceiras ás vagas e cobertas de perolas e espumas, então, ó leitoras estremecidas, se eu vos vira assim, havia de abençoar do meu cantinho obscuro a prescripção do medico que tivera o delicioso capricho de vos tornar em fadas e nereidas. Mas eu sei, oh! eu tenho a infelicidade de saber que sahis da barraca com o vosso vestido de baêta e a vossa toalha de linho e, ao vêr-vos, adivinha a gente que ides todas procurar no mar a cura do vosso hysterico. Depois, quando a agua vos chega á orla do vestido, recuaes de temerosas e não entrarieis decerto, se a mão callosa do banheiro vos não obrigasse a proseguir.

E ha de pensar um homem, que nunca assistiu a este espectaculo das praias, que, ao entrardes no mar,

> Abrem caminho as ondas encurvadas
> De temor das Nereidas apressadas.

Não ha tal. São impiedosas as vagas que não respeitam o vosso corpo franzino como a haste d'um lirio.

Tropeçaes, cahis, redemoinhaes na ressaca milhares de vezes, e, quando Deus quer, uma onda commette a grosseria de vos soltar da rede de retroz preto uma indiscreta madeixa. Depois, vêr-vos sahir... Oh! eu peço que me deixem usar de reticencias para não ter d'escrever aqui o relatorio do Waterloo d'estes Napoleões das salas, que se chamam mulheres.

Quando no inverno vos encontramos no baile arrastando os vestidos talhados pelas senhoras Ferins [1], quando vos vemos aéreas e vaporosas como sylphides, então praza aos céos que nos não lembrem as banhistas engaravitadas e esguias, que tivemos a infelicidade de ver, na nossa vida, uma vez que seja.

Quando conversamos á beira do fogão, n'uma noite tempestuosa, com uma senhora de *espirito* ou com a mulher amada, *tête-à-tête,* separados pela mesa de charão em que nos serviram o chá, se nos

[1] Eram então as mais celebres modistas do Porto, tias paternas do actual livreiro lisbonense do mesmo appellido. — *Nota da presente edição.*

occorre a ideia fatal de a termos visto entrar no banho, sentimo-nos cahir do setimo céo e não acreditamos facilmente que não seja ella uma creatura muito differente da outra.

Deve de ser admiravel, no fastos da *toilette,* a pagina que diga respeito á *badine.* Longe de mim querer escrever essa pagina; era loucura tentar conter o oceano no alveolo d'um dente. A difficuldade mesma do assumpto explica o silencio dos homens de lettras a este respeito.

Falla-se dos punhos de Buffon, do collete de Robespierre, do cachimbo de Milton, do guarda-chuva de Luiz Fillippe, e não se citaria a bengala de Franklin, se elle não a tivesse offerecido a lord Washington.

Tem-se escripto muitissimo ácerca dos leques, que florescem desde o reinado de Henrique III e que foram introduzidos na Europa pela França, mas não se tratou ainda cabalmente da *badine,* que é para os homens o que o leque é para as mulheres — a espada nas mãos d'Alexandre Magno.

De petalas se fórma a flôr; de paginas se compõe o livro: sirvam, pois, estas linhas para a futura historia da *badine*, que outrem mais competente escreverá algum dia.

Ácerca da *badine* ha muito que esclarecer e muito que indagar.

A que tempos remonta a sua origem nebulosa?

Qual foi o primeiro homem que a usou? De que arvore a cortou? Que feitio lhe deu? Tudo isto é um enygma. O que não soffre duvida, porém, é que o primeiro tropego do mundo, na impossibilidade de andar desamparado, chamára um rachador da floresta, o qual rachador, depois de brandir largo tempo o machado, e de fender o tronco lentamente, conseguiu arrancar uma acha grosseira e disforme.

O pinheiro de Polyphemo é um ficção de Virgilio:

Trunca manum pinus regit et vestigia firmat;

para um gigante só um pinheiro podia servir d'apoio; a um homem de regular estatura bastava um vara de regular comprimento.

Os visinhos murmuravam do rheumatismo do tropego sujeito que se via na necessidade de mandar devastar uma arvore para ter mulêta, mas foram apanhando as lascas e a cortiça, que o lenhador deixára na floresta. O tropego era, porém, dorido das mãos e a acha rasgava-lhe a pelle. Chamou um carpinteiro seu conhecido, a quem mandou alisar um pouco a superficie da acha. D'esta feita ficou o bordão, que floresceu no tempo dos eremitas. Acabaram os eremitas e a moda transmittiu-se aos abbades.

Depois do descobrimento da India, começou Portugal a importar os productos orientaes. Data d'então a origem da bengala. Ainda hoje ha por ahi veneraveis reliquias das cannas da India a que se abordoavam nossos avós.

A bengala, podemos agora chamar-lhe assim, tinha-se aperfeiçoado um pouco, mas esperava ainda alguma coisa mais. Os rapazes d'esse tempo quizeram bengala, a exemplo dos paes e dos tios, mas quizeram levar vantagem na imitação aos tios e aos paes. Mandaram desgastar, polir, lixar a bengala, e sahiu a final a chibata.

Da chibata á *badine* foi um passo. A *badine* é a chibata flexivel, polida, aperfeiçoada.

'Tis done! exclamaremos com Byron. Completou-se a obra.

A bengala não era já o bordão dos eremitas, nem o cacête de canna da India. Transformou-se n'uma varinha de fadas, n'um chicotinho de amazona, n'uma *vergontea de marfim*, servindo-me d'um verso de João de Deus. Isto é o que provavelmente foi. E depois admittem-se todas estas metamorphoses possiveis da bengala, attendendo ás metamorphoses do phosphoro.

Eu lhes conto. Um cerieiro aparou o cirio e fez a vela; outro aparou a vela e descobriu o rolo; o ultimo adelgaçou o rolo e obteve o phosphoro de cera com grande admiração dos collegas e da humanidade tambem.

O castão foi-se modificando como a bengala. O castão de hontem era uma pesada maça que podia, descendo sobre uma cabeça, decidir do voto d'um cidadão nas luctas eleitoraes. O castão de hoje é maneiro, liso, torneado, de modo a não offender levemente a pellica de uma luva.

Por conseguinte, o castão de hoje é muito menos perigoso e incomparavelmente mais *chic*.

Muito bem. A espada da victoria sahira obra de encantamento das mãos do alfageme; faltava estudar o plano d'ataque e dar a batalha.

O plano d'ataque! Eis tudo! Só os predestinados a uma arte qualquer, por mais facil que seja, comprehendem a fundo os segredos d'essa arte e sabem obter, empenhando-os, admiraveis effeitos. A um gesto de Taborda, toda a plateia ri. Fizesse outro o mesmo movimento que ninguem riria. Que tem, pois, de estranho esse gesto?

O segredo da arte. Como todos os grandes artistas, os grandes generaes nascem, não se fazem. Do mesmo modo, nem todos sabem trazer a *badine*. É preciso arte para isso. Torna-se indispensavel uma certa galanteria, uma elegancia propria, um dom natural de *coquetterie*.

Ha homens que fazem com a *badine* o que as mulheres fazem com o leque: — conquistam. Saber movel-a, brandil-a, agital-a, eis tudo.

O homem não deve mostrar que leva a bengala; a bengala é que se deve ir a *coquettear* na mão do homem, parecendo leval-o suspenso. Depois, se um sujeito parou a fazer namoro, da posição da *badine* depende inquestionavelmente a felicidade da empresa.

A posição horizontal é ridicula. A posição vertical, fincando a ponteira no bico da bota de polimento, é pedante. Que ha de um homem fazer? Brandir,

agitar a *badine,* pondo em empenho todos os recursos possiveis de suprema elegancia. É indispensavel, porém, uma precaução. Manejar a *badine* de modo que se não incommode quem passa. Vê-se qualquer pessoa que vem caminhando para nós. Calcular a distancia que nos separa e, pela distancia, calcular o tempo em que ella deve estar proxima de nós, eis tudo. De sorte que um homem continúa agitando a *badine,* e quando o sujeito está quasi a distancia d'um passo, a *badine* descansa e o sujeito passa sem mudar de direcção e sem correr perigo de perder um olho.

Graças, porém, ao supremo aperfeiçoamento da bengala, ella já não faz tremer de susto ninguem. A de canna da India e o florete morreram no mesmo dia. A bengala magoava; o florête decidia d'uma vida; o castão podia quebrar uma vértebra: — eis aqui trez coisas perigosissimas resumidas n'uma unica — a bengala.

Havia quasi sempre nas casas uma victima forçada da bengala — era o criado.

Um dia o dono da casa chamava-o e dizia-lhe:

— Anda cá.

— Prompto, meu amo.

— Dá-me d'alli aquella bengala.

O criado cumpria a vontade do patrão avaliando n'um olhar o peso da bengala, e tornando-se amarello.

— Vira-me as costas.

O criado tremia e sentia no lombo a primeira bengalada.

A sova continuava até á duodecima descarga. N'este ponto dizia o patrão:

— É para ficares sabendo que te não deves metter n'aquillo em que não és chamado.

— Ah! meu senhor! exclamava o criado em convulsões. Isso tinha eu entendido á primeira pancada. Eram escusadas doze...»

Felizmente a bengala d'esta laia passou, para alegria dos criados, como a palmatoria ha de passar um dia para contentamento dos pequenos.

O Ganges murmura nos cannaviaes da India a necrologia da bengala, emquanto os *leões* do occidente glorificam a *badine* agitando-a, nas horas de ocio, á porta do *Martinho* ou da *Aguia d'ouro,* em Lisboa ou no Porto.

Abençoado o sol que illumina um dia o quarto do escriptor, enchendo a casa de luz e alegria, e mandando á alma adormecida na indolencia das cidades o desejo de mais largos horizontes e maior mundo.

N'esse dia o escriptor despede-se dos amigos intimos, mette os casacos na mala, mune-se de charutos e accende o primeiro ao entrar no wagon ou na carruagem de posta. Depois é deixar-se ir á mercê dos quatro ventos do universo, entretido a seguir com a vista as ondulações do fumo que sobe em espiraes ou então embellezado nas paizagens do caminho, que parece fugir ao nosso lado. Como tudo nos parece re e novo! Esquece-se o viajante de quanto dei-

xou para se lembrar apenas do que ha de encontrar. Como se muda de logar, chegamos a mudar repentinamente de opiniões e caprichos; acha-se um homem muito outro do que era, e consegue estranhar-se a si mesmo.

Conheço sujeitos graves e pesados como um conego, que jogam a bisca sueca com a familia e fazem borrão para escrever á mulher. Pois é vel-os em viagem e pasmar da metamorphose. Chegam a parecer rapazes, d'alegres e differentes que vão. Esquecem-se até da sua partida nocturna e não fazem rascunho quando dão parte da chegada á familia, porque todo o tempo consomem a tratar de negocios ou a passear, e a hora do correio aproxima-se insensivelmente.

Eu sou doido por viajar. Quando posso dispor de mim e o sol me convida, entroixo e parto.

Abençoadas pois, as viagens que nos remoçam e nos consolam, e que nos dão ás vezes livros deliciosos, como este que está aberto deante de mim e despretenciosamente se denomina — *Em Paris.*[1]

Um homem que, a pretexto de uma viagem, nos dá um tal livro, devia viajar todos os mezes para nos dar tambem a consolação de viajarmos com elle durante a leitura.

[1] Foi o primeiro livro publicado pelo meu illustre conterraneo e amigo Ramalho Ortigão (1868). Até ahi toda a graça e alegria do seu espirito tinham esfuziado nas columnas do jornal do Porto. — *Nota da presente edição.*

Quem ha ahi que não pense viajar ao capricho do escriptor, quando lê as *Viagens*, de Garrett, as *Recordações d'Italia*, de Lopes de Mendonça, e as *Recordações de Paris e Londres*, de Julio Cesar Machado?

Quando um livro de viagens nos entra em casa, é como se nos visitasse o auctor a solicitar a nossa companhia para a digressão. Quem póde resistir ao convite? Ninguem.

Sae a gente de casa por algumas horas, como me aconteceu durante a leitura d'este livro, esquece-se dos seus habitos de todos os dias, e não chega a lembrar-se até de que os visinhos estão fallando de nós.

São os livros mais alegres que nos podem chegar ás mãos, estas chronicas de viagem.

O livro do snr. Ramalho, sobre ser alegre, é excellentemente escripto. Como n'este folhetim exponho simplesmente o meu voto, digo que me pareceu o livro magnifico; os outros podem dizer o que lhes aprouver. Um livro d'estes é sempre bemvindo n'uma época em que a litteratura está gafada da lepra das traducções, e raro apparecem livros que nos façam tão bem ao espirito.

Eu, em litteratura, prefiro o *facil* a tudo quanto tenha resaibos de erudição; anteponho o *azul*, como dirá um *rêveur*, a tudo o que me não consola e não chega a fazer-me esquecer d'esta vida de mexericos em que andamos todos. Quando preciso estudar uma questão ponderosa, vejo-me na necessidade de consultar e de leccionar-me com os homens de trez se-

culos, que me fallam sobranceiros do seu throno de pergaminho.

Isto é quando preciso aprender e me sinto disposto a fallar com velhos. Mas quando eu quero lêr n'uma noite de lua, ou n'um dia de bonito sol, debruçado n'uma janella que deita para um jardim, sentindo o ar impregnado de aromas, então, como dizia, leio para me permittir ser alegre, para me sentir melhor do que estou, e dou preferencia ao romance e ao folhetim.

Dizem muitos por ahi que ainda não conhecem a utilidade do folhetim, lamentando, ao mesmo tempo, que muitas intelligencias de boa tempera não queiram levantar vôo para além das columnas d'um jornal.

Encarrego o snr. Ramalho de responder categoricamente aos praguentos que dizem isto:

«Para que serve o folhetim, escreve o snr. Ramalho, esse folhetim de critica leve e despresumida que passa por a gente de oito em oito dias, sem deixar vestigio como o perfume d'uma flor ou o fumo de um charuto? Isto perguntarão os utilitarios para quem o *quid bonum* é o latinorio mais vulgar e mais alvar com que elles temperam a sua inepcia. O folhetim serve, ó arganazes de sabedoria e de insipidez, para vos fazer apreciar o que vós não apreciarieis sem elle; para vos dar o consolo e o orgulho de admirar o que vos passava despercebido se não vol-o notassem, para vos fazer reler um livro e ouvir segunda vez uma comedia que não tinheis entendido, offerecendo-

vos a doce commoção do enthusiasmo que a presença do bello não reproduziria se uma terceira cabeça não o explicasse ao vosso juizo, se uma mão de fóra não o mettesse no vosso coração. O folhetim serve para vos raspar da pelle a morrinha da politica, que se vos pegou do artigo de fundo com o qual dormis todos os dias. Serve para vos fazer bocejar menos vezes quando enfrentaes com o olho magnetico da lettra redonda da vossa folha. Serve para vos ensinar a dar o nó da gravata branca que elle, sem vós mesmos o perceberdes, vos atou no espirito. Serve finalmente para vos tornar menos mazorros nos vossos usos, menos brutaes no tracto das vossas mulheres e menos casmurros na convivencia do universo».

Eis aqui para que serve o folhetim, magistralmente explicado, para que serve o livro ameno, para que serve finalmente o livro do snr. Ramalho.

Tenho quasi a certeza de que este livro hade ser lido por todos os rapazes entre um calis de cognac e um charuto hespanhol e relido pelas mulheres, depois do theatro, quando entram no seu quarto impressionadas com a lembrança do ultimo drama e atiram descuidosamente para cima d'um sophá a sua capa d'arminhos e o seu *bouquet* de camelias.

Sou pelos magros, [1] nem posso ser por outros; leva-me para elles um sentimento de sympathia, *gósto* d'elles, embora digam que tenho a vaidade de gostar de mim mesmo.

Grandes mercês me fez Deus em me não dar repolhudo e atoicinhado; sinto-me *commodo* e *portatil* como um sacco de viagem. Não incommódo ninguem. Este é o grande principio moral: *Não faças a outrem o que não quererías que te fizessem.*

Vae um homem n'uma *diligencia* e vê um sujeito gordo entalado na portinhola e munido de bilhete; sente-se uma impressão desagradabilissima, um pesadelo asphyxiante. É como se quizessem metter a bagagem no logar dos passageiros.

Os mais resignados calam-se; os menos soffridos começam a resmungar:

— Quem é assim toma dois logares!

— Eu paguei e não quero ir incommodado...

— Este homem devia ir nas bagagens; aqui dentro abafa e abafa-nos...

E entra emfim o sujeito a descontento dos outros e com maus agouros de viagem.

Está um homem no theatro em pleno verão, mas tem a infelicidade de haver um logar vasio a seu lado.

Sóbe o panno e ouve-se, pouco depois, um bater

[1] A proposito da pugna humoristica então travada em Lisboa entre as hostes de Manuel Roussado, que defendiam os gordos, e as de Eduardo Vidal, que preconisavam os magros. Como tudo isto já parece hoje ante-diluviano! — *Nota da presente edição.*

de portas que perturba o interesse dos espectadores pela representação. Convergem os olhos de todos para um ponto unico, a porta de entrada, e ouvem-se uns *pscius* que impõem silencio.

Já se sabe, ou já se deve saber o que é: entra um sujeito gordo.

Caminha, rebolando-se, para o logar que está vasio e vê-se na necessidade de nos fazer levantar para se poder anichar na cadeira. Pouco depois começa a sentir-se incommodado com o calor da sala.

O homem assopra, bole-se, torce-se, desaperta o collete á sorrelfa e acaba por se abanar com o chapeu, deitando para cima de nós... uma constipação.

O magro póde dançar um minuete ou uma valsa sem se tornar ridiculo; montar a cavallo d'um salto e sem que precise que o ajudem.

O magro despende relativamente muito menos no fato; poucos metros de panno lhe chegam.

E depois eu não sei que a elegancia esteja na gordura. O gordo é quasi sempre pesunho, cambaio, desgracioso. O magro é elegante e direito, tendendo para cima, como se quizesse estar mais perto das regiões ethereas. O gordo cambalea, arrasta-se e cáe muitas vezes, victima do seu proprio peso, *suis viribus ruit*, servindo-me da phrase de Horacio.

Ha uma só coisa peor do que um homem gordo: é uma mulher gorda.

Byron pensava isto mesmo quando dizia abertamente, no seu *D. Juan: I hate a dumpy woman*, detesto uma mulher gorda.

Byron, que tinha o sexto sentido dos poetas — o sentido do *bello* — pensava para si, indubitavelmente, que a belleza não tinha nada que vêr com a gordura. Elle havia de querer a mulher bella, e, como tal, exigia que fosse magra.

Diga embora o adagio: *Dá-me gordura, dar-te-hei formosura.* Eu não penso assim. A belleza da gordura é a belleza dos seraphins de peanha, a belleza das carrancas dos chafarizes, a belleza da abobora-menina.

A papeira côr de rosa e os bolbos luzidios da face não podem constituir belleza nem formosura, assim como as buchas roliças da perna e a cintura d'arco de pipa não podem contribuir para a elegancia.

D'uma pessoa de educação esmerada e de porte distincto costuma dizer-se:

— É uma pessoa *fina.*

De um homem de intelligencia e agudeza diz-se ainda:

— Fulano é muito *fino.*

De um ratão que não tem trato social e não sabe entrar n'uma sala, ouve-se dizer:

— Aquillo é muito *grosso.*

Do ouro, do crystal, das tintas d'um quadro, da seda, de todos os estofos preciosos costuma dizer-se que são bons, quando são *finos.*

A *vara fina* e flexivel era em Roma um symbolo de jurisdicção, o distinctivo dos lictores. E quem sabe se este symbolo foi deduzido da conformação franzina do homem revestido d'um certo caracter d'auctoridade,

symbolo respeitado na jurisdicção romana como emblema de um poder superior?

Ha ainda uma coisa pouco lisonjeira para os gordos. O *xero* é por si só uma negação absoluta, e o *xero* tem a fórma circular das barrigas obesas e hydropicas.

Trez causas determinam a obesidade: — a comezaina, a ociosidade e o dormir excessivo. Pois bem. Desfiemos isto.

A gula é um peccado; e de fonte chilra como esta não póde, segundo penso, correr agua clara.

Houve um homem chamado Eduardo Brigh, mercador de drogas no condado de Essex, extremamente obeso. Não nos importa aqui saber que esguichava um litro de sangue, quando o sangravam; o que importa declarar é que bebia um bule de ponche, quando matutava talvez no modo mais efficaz de diminuir o incommodo abdomen. Aqui tendes um homem com proporções de tonel. Eu por mim não gosto d'isso.

A ociosidade é a mãe dos vicios, a origem de todos os males. O ocioso é condemnado n'estas palavras da Biblia: *omnis autem piger semper in egestate est.* Não posso reputar bôa a gordura que partilha d'um vicio.

O excesso de dormir é nocivo ao homem, e bestifica suinamente; não sei que d'um dorminhoco possa sahir um homem de geito.

O magro é quasi sempre activo e está apto para exercer todos os graus intermedios da escala social — desde ministro de estado até galan de comedia ou arlequim de circo.

Não cheguei a conhecer Soares de Passos, e todavia posso affirmar-lhes que sempre que me lembra o auctor do — Firmamento — e do Noivado do Sepulcro — tenho visto passar deante de mim um homem magro e pallido, de testa escalvada e olhar languido, mas illuminado d'uma estranha expressão, que me parece ser o sympathico typo que eu não vi, por infelicidade minha, uma vez sequer. Depois aquelle volume de versos, que Soares de Passos nos deixou, é como a mão traiçoeira que levanta a furto o véo dos mysterios da sua alma, e nos deixa vêr o quadro intimo das maguas do poeta. É como se fosse tambem a urna onde Soares de Passos chorava as lagrimas do desconforto, ou espelho que reflectisse o estygma da desgraça que se gravára n'aquella fronte desde o berço.

Quando na minha alma se faz noite tenebrosa, leio os versos de Soares de Passos. Servem-me de incentivo e refrigerio ás lagrimas. Ha, sobretudo, n'aquelle seu volume uma composição tam suavemente triste, que é a que eu sempre leio nas minhas horas de desalento, e receito, como lenitivo, aos doentes da alma. É a poesia que se intitula. — A Partida.

Quem quizer conhecer e avaliar as luctas intimas d'aquelle martyr que pedia a morte para se não matar; quem quizer enlevar-se no fogo suavissimo das saudades d'um passado feliz que se perdeu; quem desejar saber o que são ancias do céo, quando nos aborrece a terra; quem quizer saber quantas lagrimas custam as angustias d'um coração torturado; quem quizer saber o que elle soffreu n'este exilio do

mundo á espera da sua hora de redempção, deve lêr aquelles sentidissimos versos, que são os ultimos lampejos do astro que se engolfava nas trevas do sepulcro. Permittam que os deixe aqui integralmente; são uma consolação para os que choram as lagrimas dos outros que soffreram tambem...

Ai, adeus! acabaram-se os dias,
Que ditoso vivi a teu lado;
Soa a hora, o momento fadado,
É forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outono lhes despe os encantos;
Cedo o inverno com gélidos mantos
Baixará das montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio e gelado,
Ficará sem verdura nem flores:
Tal meu seio privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levára meu perdido baixel?
Sobre as ondas sem norte e sem rumo,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas oh! longe esta ideia sombria!
Longe, longo o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outono
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

E assim foi. Voltou a primavera com a sua abada de flores para coroar a cabeça do desconfortado poeta, e teve de as esfolhar sobre a campa onde elle já dormia. É que a *vaga revolta* tinha, n'um accesso de furia, arrojado o *perdido baixel* ás voragens da eternidade. Soares de Passos não pôde resistir sobre a terra ás amarguras de uma tão longa ausencia, e quiz antes esperar no céo a chegada da sua noiva.

As primeiras trez oitavas são a linguagem de quem descrê da possibilidade d'um futuro de bonança, e espera com resignação, á beira do sepulcro, a sua ultima hora. De relance, e como a medo, brilha na oitava quarta um vislumbre de esperança, que depressa se extingue para não mais voltar.

É como um raio tenuissimo de sol, que de repente vai affogar-se n'uma nuvem, porque em toda a seguinte oitava se revela um presentimento de morte proxima.

As esperanças de Soares de Passos morreram-lhe com as alegrias do passado. Elle mesmo o confessa nas duas quadras que fecham com chave de ouro a poesia que tem o nome de — Tristeza:

Se tudo, ah se tudo findou co'o passado,
Se as trevas se estendem no céo do porvir,
Que esperas ó morte? o meu seio gelado
Te pede o repouso do eterno dormir.

Que importa que a vida tão cedo succumba?
Extincto o futuro, finou-se o viver:
No fim da carreira, que existe? uma tumba...
Perdida a esperança, que resta? morrer!

Martyr, sentou-se nos degraus do tumulo, e quando a ampulheta do Tempo coou o derradeiro bago de areia, inclinou para a valla o pesado fardo da vida, que lhe avergava a fronte, e descerrou os labios roxos de febre n'um sorriso de consolação... Era o ultimo!

Pinheiro Chagas, fallando da poesia que reproduzi, diz assim: « A — Partida — é o ultimo suspiro do poeta, é o adeus á vida, em que a esperança não apparece já, senão como consolação mentirosa para a pessoa de quem se despedia. »

É verdadeiramente para lamentar que a morte nos

levasse Soares de Passos aos trinta e quatro annos, e o viesse atalhar em meio da sua estrada de gloria.

Se os seus versos são a verdadeira revelação de um genio sublime, eu ouso ainda affirmar que não fôram mais que maviosos preludios dos muitos poemas em que elle andava scismando na sua peregrinação sobre a terra.

---

[1] Meninos — Farieis tão mal desfolhando uma flor, como rasgando o cathecismo da vossa lição. A flor tambem é um livro: aprendei n'elle a conhecer Deus.

Vêde que delicado colorido, que perfeição de formas, que grandeza em tão pequenina maravilha! Pois tudo isso é o producto de muitas combinações, o resultado de muitas actividades, a obra prima de muitos elementos harmonicos que só Deus podia crear.

As raizes trabalháram a occultas debaixo do jardim, mergulháram, distenderam-se, ageitáram-se, beberam a humidade da terra. Logo que tiveram força, empregáram-n'a, que a ociosidade até nos vegetaes é um crime.

Romperam uma camada, depois outra, depois muitas, e appareceram finalmente ao sol os primeiros ramos e as primeiras folhas que respiram o ar de que

[1] Artiguinho escripto para um livro de leitura infantil, cujo titulo se me varreu da memoria.—*Nota da presente edição.*

precisam para viver. Ahi começa uma admiravel harmonia entre as funcções das raizes e as funcções das folhas — e d'esta harmonia, como no corpo humano, resulta a prolongação da vida. Quando veio a primavera desabrochou a primeira flor. Eis aqui a recompensa de tanto trabalho obscuro, de tão prolongado movimento.

Pelo que vêdes — pela flor — avaliae o que não pudestes vêr — o que se passou no interior da terra — e dizei-me se tudo isto não vos está fallando eloquentemente de Deus?...

O que ha mais de Deus do que a nossa alma?

Pois bem, meninos, quando vejo uma flor lembro-me sempre dos mysterios da nossa alma. A virtude que praticamos é como a flor que desabrocha — deslumbra. Todavia ninguem sabe o que intimamente trabalhamos na obra do bem para chegar a ter o premio, como as raizes chegaram a ter a flor!... Mas a flor é a recompensa do trabalho vegetal, como a satisfação da consciencia é o galardão da obra da nossa alma...

EXCERPTOS D'UMA BIOGRAPHIA

Ha contingencias de nenhuma importancia, á primeira vista, que todavia influem gravemente sobre o destino dos homens, se não do mundo.

Archimedes descobre a theoria dos corpos fluctuantes estando no banho; Newton concebe a lei da queda dos graves ao ver cahir da arvore uma maçã. Eu sou da opinião dos que dizem — que nos vem o melhor d'onde elle se não espera e que de pequenas coisas sáiem inesperadamente assombrosas maravilhas.

Um dia trabalhava o pintor portuense Manoel Marques Pinto no seu *atelier;* o artista Marques Pinto era d'um caracter travêssamente jovial, d'uma vivacissima indole de creança.

Entra-lhe um amigo pela porta dentro e trava-se conversa; ficam os pinceis sobre a mesa, as tintas ao pé dos pinceis e a tela a descansar, por um pouco, retesada no cavallete.

— Ó Marques, quer você ficar-me com um bilhete d'uma rifa?

— Com um!

— Com dois ou trez...

— Com mil, se é o meu amigo que se rifa...

— Serio!

— Serio!

— Trata-se da rifa d'uma rabeca.

— Está dito. Um bilhete.

Passados dias entregava Marques Pinto o bilhete e recebia a rabeca.

— Bom! — dizia elle. O Augusto fez outro dia treze annos; tem suas luzes de — solfejo: deve-lhe servir a rabeca.

A esse tempo Augusto Marques Pinto cursava a Academia de Bellas-Artes a contento do pai, que jubilava por vêr o filho estudante de desenho, geometria pratica, perspectiva, esculptura e pintura.

Manoel Marques Pinto entristecia-se, porém, algumas vezes, até ao desconforto, e dizia aos amigos:

— O rapaz satisfaz nas aulas, mas percebo que não pende para a arte. Pesa-me isto. Queria-o pintor; um pintor de vocação e de nome. Estou quasi arrependido de o metter á musica; o solfejo rouba-lhe o tempo.

E o artista trabalhando no — *atelier* — fazia signal de silencio aos amigos, suspendia o pincel, quatro dias depois de ter entrado em casa a rabeca, para escutar o filho que, na sala proxima, executava, sem auxilio de mestre, todo o livro de solfejos. Que elle

gostava de musica sabia-o o pai; o que, porém, ignorava era que faltava á aula de geometria e ia para casa d'um condiscipulo cantar com elle *duettos* de sua composição.

Quando o pintor Manoel Marques Pinto via assim contrariada a sua vontade e mallogrados os seus desejos, diziam-lhe os professores de bellas-artes:

— O rapaz é um diabrête insupportavel!

— O rapaz é bulhento!

— O rapaz não se atura!

— O rapaz é incorrigivel!

O pai desanimava, e os professores, com o intuito d'um aviso, diziam uma grosseria. Ha metamorphoses completas e pasmosas na vida do homem. Augusto Marques confessa ainda hoje que n'aquelle tempo era tudo o que os mestres diziam e até o que elles não diziam. Hoje, porém, a idade, o estudo, a falta de saude fizeram d'elle um homem, que sae do gabinete para ir para o theatro ou para a *Aguia d'ouro* tomar café e ler um folhetim.

O rapaz executava o livro de solfejos sem discrepar n'uma nota: Manoel Marques Pinto conheceu a necessidade de um mestre de rabeca.

— Venha um mestre.

E veio um professor que encheu o discipulo de defeitos e tomou lições do discipulo. O mestre não servia. Passou Augusto Marques Pinto a estudar com Ezequiel Fernandes de Miranda, homem de porte e saber admiraveis. O discipulo honrava-se do mestre e o mestre do discipulo. Ezequiel morreu em

1856, com 36 annos de idade, tendo-lhe dito poucos dias antes:

— Está completa a obra. Não tenho mais que ensinar-lhe.

O discipulo de Ezequiel encerrou-se no seu gabinete e ouvia um mestre em cada livro que lia: bem sabia elle a sentença latina que diz: *Liber est magister mutus;* o livro é um mestre sem voz.

Então a sua vocação musical manifestou-se plenamente; as quatro paredes do seu quarto escondiam aos olhos do mundo os arroubos de um artista que começava cheio de esperança e de genio.

A flôr precisa de luz; nas trevas estiola.

Manoel Marques Pinto chamou um dia o filho ao *atelier,* para dizer-lhe:

— É preciso entroixar e partir.

— Partir?

— Sim, partir. Metter os casacos nas malas e tirar passaporte.

Augusto Marques Pinto olhava o pai admirado.

— Tirar passaporte e dizer adeus ao Porto; tenho ideias de te mandar á Belgica.

Exultou o rapaz com esta noticia; passados tempos, porém, adoece o velho pintor. A 6 de janeiro de 1858 morre Manoel Marques Pinto e Augusto sentiu com a morte do pai a falta de um esplendido futuro.

Tinha, portanto, de ficar á frente da familia; acceitou um logar de concertino na orchestra do theatro lyrico.

A estrella dos artistas é fatal. Terrivel verdade!

Augusto Marques encetou a carreira em que o trabalho não dá tempo para o estudo.

Apesar de tudo isto, porém, dispunha-se a partir para Lisboa em abril de 1865, quando os pródromos de uma grave enfermidade vieram cortar os seus desejos de artista.

Cahiu doente.

*

* *

A medicina aconselhára-lhe ares do campo; o artista partiu um dia em direcção a Santo Thyrso. Reclamavam-n'o os seus amigos das margens do Ave com redobradas instancias. A *diligencia* seguiu caminho e elle viu o dédalo immenso da casaria do Porto esconder-se de tráz das arvores e das montanhas, que recortavam o céo. Quem póde dizer que de impressões dolorosas de saudade, que de lembranças que magoam, que de recordações que dilaceram, opprimem, no momento da partida, a alma d'um homem doente, quando vê fugir-lhe a terra em que nasceu, as montanhas que desde pequeno conhece, os sitios da sua infancia, sem que leve a certeza de tornar a vêr tudo isso! O muito cuidado no tratamento, a repentina mudança de ares e o aconchego dulcissimo da familia e dos amigos — quem me diz que isto não influiu? — puderam felizmente salval-o.

Seis mezes demorou em Santo Thyrso.

Augusto Marques, durante o periodo da convales-

cença, pedia ás paizagens esplendidas da beira do Ave a inspiração sublime de futuras composições.

Que alegres alvoradas de namorados rouxinoes não escutára elle embevecido na cêrca do mosteiro!

Que suavissimas tardes e que saudosos occasos não viu elle debruçado na varanda da ponte!

Que dulcissimas séstas, embalado no cantico dos seus irmãos alados, não teve elle no recanto mais sombrio da quinta da *Palmeira!*

D'esta quinta, a mais suave, a mais amena, a mais esplendida estancia do Ave, disse-me elle uma vez:

— É uma coisa de Fadas!

Isto tudo dava saude; o artista melhorou consideravelmente.

Voltou ao Porto e quiz, ainda assim, prolongar a convalescença por mais trez mezes; estanceou durante este tempo, na quinta do commendador Isidoro Marques Rodrigues, em Avintes.

Foi no periodo da convalescença que emprehendeu alguns trabalhos de gabinete, que tenciona publicar.

Tudo, pois, nos leva a crêr que o talento se robustece nas difficuldades da vida e nas luctas da materia.

Augusto Marques Pinto é mais um entre muitos exemplos.

*

* *

Não será fóra de proposito alliar á historia do violionista a historia do violino.

Permittam-me um parenthesis, e perdoem-me os que não gostam de divagações.

O violino nasceu destinado a ser um instrumento privativo do povo; era o instrumento dos menestreis. Os menestreis! Quem não conhece a historia lendaria dos musicos poetas, esses filhos do Acaso, especie d'antigos bardos, que iam de terra em terra, sorrindo ao azul do céo e ao glauco do mar, levando sobraçada a rabeca, sua unica esperança? Ainda hoje nos resta uma pequena familia de menestreis, esses musicos ambulantes, que vão de polo a polo, bohemios engeitados da Fortuna, dormindo debaixo d'uma arvore e fumando um cigarro a uma réstea de sol.

Quem não conhece os pequenos saboyanos, de jaqueta verde e *bonnet* de gomos, que tocam harpa ou violino, especie d'andorinhas migrantes, que levam a musica aonde os leva o Destino?

O *rapazinho Gervasio*, que Victor Hugo nos desenha nos *Miseraveis*, é um typo caracteristico da raça. Elle lá vai sem lar e sem familia, cantando e brincando no caminho, a jogar o malabar com as moeditas que lhe deram, alegre, descuidoso, jovial.

O violino era, pois, um instrumento de menestreis. Por muito tempo viveu destinado ás feiras e ás praças, esperando o momento da sua glorificação solemne.

Esse momento chegou. O violino começára a tornar-se indispensavel, n'uma orchestra, postoque o seu horizonte fosse ainda tão estreito, que o maestro Lulli

lamentava-se de não poder compor as passagens mais faceis, com receio de que lh'as não soubessem executar correctamente.

O violino do tempo de Lulli era a rosa. Estava ainda a fragrancia fechada no calis. Nem havia ainda o nectario fornecido o suco dulçoroso que devia ser transformado em mel pelas abelhas do futuro — Corelli, Vidaldi, Tartini, Pugnani, Nardini e Viotti.

Mais tarde começáram a vibrar os violinos de Vieuxtemps, um dos primeiros rabequistas da escola belga, e o violino de Beriot, o mestre favorito d'Augusto Marques Pinto. Então sim. Isso era tudo. O violino chegára finalmente, a ser o mel — depois de haver sido a rosa.

O compositor valido d'Augusto Marques é Giacomo Meyeerber, admiravel creador do *Propheta,* da *Africana* e dos *Huguenotes.*

Os seus auctores familiares são Beethoven, Mozart e Haydn; as suas operas predilectas os *Huguenotes* e o *Roberto.*

Creio que não será desproposito assignalar estas particularidades, que teem estreita relação com o artista e com a arte. Quando se falla d'um homem de letras costuma-se nomear os auctores e livros de sua predilecção. Com um artista deve, penso eu, proceder-se do mesmo modo.

Fallei antecedentemente d'alguns notaveis trabalhos de gabinete, que Augusto Marques Pinto emprehendêra durante o periodo da sua convalescença. Direi quaes são.

O mais importante, já hoje concluido, é inquestionavelmente um methodo de rabeca, o primeiro que apparece em Portugal, visto que os amadores de violino se serviam de methodos traduzidos do francez e d'um methodo brazileiro, de pouquissima importancia.

O segundo trabalho, em epoca e merecimento, é uma *missa.*

Seguem-se outras composições, a saber:

Uma *Phantasia de concerto* sobre motivos do *Baile de mascaras.*

Recordações de Coimbra, sobre canções populares escutadas em noites de luar no *Penedo da Saudade* e na *Lapa dos Poetas,* quando sai d'entre os olivedos e sinceiraes do Mondego uma dulcissima voz de mulher namorada, que suavemente gorgeia:

Por aquella serra acima
Vinte e cinco cegos vão:
Cada cego com seu moço,
Cada moço com seu cão.

Grande phantasia popular, sobre as canções nacionaes, que tanto namoraram Garrett e tanto o namoram a elle, incluindo a Saloia — a Vivandeira — o Fado — e o — Lagarto.

Scena maritima, phantasia original.

Isto, pois, já é muito e muito de admirar em moço de tão verdes annos, tão falto de saude e de descanso, e tão obrigado ao trabalho.

*
* *

Augusto Marques Pinto, nos primeiros annos da sua carreira artistica, arroubado nos clarões esplendidos da aurora interior, abandonava-se a uma abstracção frequente, de que os seus amigos ainda se lembram e que o alheava de tudo o que não era ideal e interno. Esta concentração meditativa das grandes almas e das grandes intelligencias não passa, talvez, de uma longa communicação extatica com seres e regiões desconhecidos do vulgo.

É a absorpção dos sentidos, a suspensão etherea da alma, que se equilibra, fluctuando, n'uma rede de fios d'ouro e que ascende, que sobe até se perder na nevoa azulada dos páramos celestes.

O extasi é o vôo da aguia.

A alma namora-se do sol, solta-se, libra-se, espanejase, mergulha-se no oceano dos astros e vai arroubarse nas harmonias dulcissimas que atravessam no azul, e são as estrophes perdidas d'esses poemas ethereos que revoam sobre nós. É lá que a alma aprende as vibrações sonoras das lyras mysteriosas do espaço. É lá que o coração descansa n'um leito voluptuoso de musica e luz. É lá, pois, que se presente Deus que se escuta um bater d'azas proximo e sonoro, e que se ouve o frémito das estringes invisiveis dos sylphos do ar.

Augusto Marques chegava a extremos de se desmemoriar completamente. Contam-se algumas anecdotas a este respeito, que são interessantes, e véem de molde.

Estava-se no carnaval.

Era no tempo em que o Circo[1] se dava ares d'um baile elegante e não se havia gafado da lepra carnavalesca dos *moiros* e dos *principes*, que transudam um cheiro insupportavel de genébra e tabaco pôdre. Augusto Marques descia as escadas do Circo acompanhado por um amigo intimo. Já ahi os incommodava, porém, a onda tumultuosa dos *negociantes de bilhetes*, que vendem e cambiam senhas.

— Quem troca p'r'o Baquet?

— Quem compra p'r'o Circo?

— Quem troca p'r'o S. João?

— Quem vende p'r'o Circo?

E isto entremeado dos — *atchis* — dos moleques, dos cascaveis dos arlequins, dos guinchos estridulos dos *pierrots*.

Augusto Marques, no meio d'este fluxo e refluxo de gente que entrava e sahia, disse a custo ao ouvido do amigo:

— Compra-me tu um bilhete, que eu não estou para maçadas.

E pararam ambos. O amigo d'Augusto Marques ajustava as senhas; o violinista descahira em abstracção.

— Quanto queres tu pelas senhas? — Dizia a um rapaz de blusa o amigo do artista.

[1] Hoje theatro do Principe Real. Eu não posso entrar lá sem me lembrar do tempo dos *cavallinhos* e dos bailes de mascaras de outr'ora — em que a alegria juvenil galopava ali, honrando as tradições hyppicas da casa. — *Nota da presente edição.*

— Quatro vintens, senhor. Quatro vintens.

— É muito!

— Não é muito, não, senhor. Quatro vintens, meu amo.

— Faze algum abatimento.

— Não posso. Quatro vintens.

Augusto Marques, que se tinha conservado no grupo alheio a tudo, e que acabava de despertar d'um momento extatico, grita ao rapaz, desesperado:

— Então! Acabemos com isso. Dá cá as duas senhas por dois tostões e vai-te d'aqui.

— Prompto — atalhou o rapaz.

— Tolo! — regougou o amigo d'Augusto Marques escondendo com a mão um froixo de riso.

D'outra vez dava elle um concerto. A sala estava cheia d'espectadores e o panno ia subir.

— Venha, snr. Marques. É a hora.

— Ah! — exclama o artista afflicto.

— Que é?

— Esqueceu-me a rabeca! disse ingenuamente Augusto Marques.

*

* *

Aos achaques do corpo, que nos obrigam a um dia de cama, em uso de tisanas e sinapismos, nem toda a gente é sujeita; aos achaques do espirito não ha ninguem que resista, e gente que nunca esteve um dia de cama tem, muitas vezes, um dia de mau *humor*. Todavia, se frequentemente ha molestias chronicas

para o corpo, rarissimas vezes as ha para o espirito. O espirito é como a atmosphera: um dia de sol, outro de chuva.

O nosso *virtuose* estava interiormente illuminado do melhor sol de espirito, e em plena Braga. Tinha-o acompanhado n'essa excursão Guilherme Braga [1], e achavam-se hospedados em casa do dr. Moreira de Sá, pai das duas esperançosas creanças, que nós conhecemos das noites de concerto e são discipulos d'Augusto Marques. Era o quarto dos hospedes ao rés do chão e abria sobre o jardim; rescendiam fóra as flôres dos alegretes e deixavam penetrar os seus aromas até ao interior do aposento.

Boudoir mais perfumado não havia encontral-o; ralaria de inveja uma *coquette*. O intuito da jornada era um concerto ou, para melhor dizer, um sarau. O sarau, porém, não vingou, mas os dois artistas — creio que não ha impropriedade na expressão — ficaram em Braga alguns dias. Muitas vezes, quando Augusto Marques accordava, encontrava o Guilherme a escrever á beira da janella, como a namorar-se das flôres do jardim.

Um dia succedeu o contrario. Quando Guilherme accordou, Augusto Marques escrevia.

[1] Foi o maior poeta do Porto depois de Soares de Passos. As suas mais bellas poesias são posteriores á organização do volume *Heras e violetas*, e andam dispersas. Que pena ver perdidas, e quasi esquecidas, tantas estrophes que Victor Hugo — acreditem — não se dedignaria subscrever! — *Nota da presente edição.*

— Ó Marques! — disse entre dois bocejos o Guilherme. — Que fazes tu ahi?

— Escrevo.

— Escreves!

— Sim, escrevo.

— Que escreves tu?

— Um poema...

— Um poema! — exclamou Guilherme Braga estupefacto.

— Um poema em oitava rima, uma epopea — continuou o rabequista.

— Santo Deus! Começas por onde muitos outros não acabam! Felicito-te.

— Agradeço, respondeu Augusto Marques desatando ás gargalhadas e pondo as mãos nas ilhargas. — Toma lá.

Guilherme Braga, mal deu com os olhos no papel, confessou-se admirado do bom *humor* do nosso violinista, que se entretinha a brincar comsigo mesmo inspirando-se dos aspectos do Bom Jesus do Monte. A inspiração de Augusto Marques deu para dois cantos; como disponho de pouco espaço, transcreverei apenas uma estancia:

No cimo das escadas portentosas,
De soberbas capellas adornadas,
Cercado d'altas arvores frondosas
Que antes do mundo haver foram plantadas,
Chegando co'as orelhas altanosas
Ás nuvens *nunca d'antes navegadas*,
Montado, e não a pé como os visinhos
Judeus como elle, avulta o bom Longuinhos.

— Que tal? — perguntou Augusto Marques.

— Bravo! Magnifico! — responde o Guilherme deixando-se cahir sobre a cama, para não morrer de cócegas.

Quando sahiram, Augusto Marques deu o braço ao poeta, murmurando:

— Guilherme! vamos ao Capitolio.

E foram ao botequim do *Vianna* tomar café.

*

* *

Eu creio que me hão de increpar de gravissimos descuidos n'este escripto; tenho, porém, a dizer-lhes que não nasci com bossa de biographo.

Em materia de biographia é do rito principial-a pelo nascimento da pessoa biographada, penso eu.

Estou sentindo já a zargunchada dos criticos, mas declaro-lhes que me não supponho com paciencia de copiar integralmente um *assento de baptismo*. A primeira falta é de certo a omissão da data do nascimento; desculpar-me-hei, todavia, com as palavras d'outrem:

«A idade dos homens de lettras cuido eu que a devemos deduzir do periodo em que se acha o desenvolvimento do seu talento.» Perfilho as palavras de Ramalho Ortigão, como doutrina de mestre. Não é certo que Augusto Marques nasceu a 16 d'outubro de 1839; Augusto Marques começou a viver desde que a primavera esplendida do seu talento se cobriu

de flores e d'esperanças. Foi então que elle nasceu para o culto da arte, para a deificação da gloria.

Ralhe a critica á vontade, que é dever seu ralhar quando não gosta. Nós é que não queremos demorar-nos a cortejal-a. Emquanto ella diz e maldiz, vamos pondo os ultimos traços n'este incorrectissimo esboço biographico.

Augusto Marques é um caracter são e honrado, como todos sabem. Ditoso o artista de quem se póde dizer isto; infelizmente em litteratura e bellas-artes os que se dizem honrados da nossa parceria são as rans que vão coaxar insultos á nossa pessoa no charco immundo de um botequim de soalheiro.

No meio, porém, d'este constante diluvio de insultos e odios envenenados, ha homens de conciencia e rectidão; são as pombas salvas na Arca.

Eu não digo que Augusto Marques não tenha detractores; affirmo que tem admiradores enthusiastas. É occasião de repetir algumas linhas d'um folhetim publicado n'um jornal portuense a proposito do seu ultimo concerto. Ha um anno escrevia eu o que hoje repito: — «Augusto Marques reune aos seus eminentes dotes artisticos, uma affabilidade que nos encanta e uma simplicidade despretenciosa que nos seduz. Depois lembra-se a gente de que elle ainda não sahiu de Portugal para estudar nos conservatorios extrangeiros, e sentimo-nos verdadeiramente deslumbrados com a irradiação d'aquelle esplendido talento, que floresce, com distincção, entre todas as vocações notaveis da nossa terra.»

Acabo de colleccionar alguns apontamentos da vida do artista e de lançar os alicerces para que outrem levante fabrica proporcional á grandeza do biographado.

Resta-me, porém, a consolação de terminar este escripto com palavras d'esperança, ao contrario de quasi todos os d'esta indole, que se fecham com lagrimas de saudade. Augusto Marques vive; e é pois esta a razão por que eu alguma vez deixaria de ser verdadeiro — para não parecer adulador.

Por ultimo declararei que Augusto Marques não tem *carta de conselho* nem barriga de conego: duas faltas que deixam ver que elle vale alguma coisa [1].

[1] Marques Pinto morreu no Porto a 19 de março de 1888. Foi o primeiro artista com quem, na minha carreira litteraria, mantive relações de amizade. — *Nota da presente edição.*

DAS CARTAS DOS NAMORADOS

CARTA AO REDACTOR DO JORNAL LITTERARIO «MOCIDADE»

Pedes-me duas linhas, meu caro Viterbo, para o teu jornal; ahi vai pois uma coisa alegre, cheia d'aquella *poesia loira* de Alfredo de Vigny e muito para a *mocidade* lêr. N'um jornal que sae de rapazes e é para rapazes, prefere-se a *rêverie* á dissertação, o azul, o facil, o ligeiro da poesia — ao grave, ao pesado, ao monótono da sciencia. *Das cartas dos namorados* — eis um excellente assumpto para um jornal d'esta indole.

Ahi vai pois uma coisa que póde ser util sem deixar de ser agradavel — *Das cartas dos namorados.*

E depois não será este um thema profundamente portuguez, verdadeiramente nacional? É. Nós, os portuguezes, fomos sempre guerreiros e namorados, e de tal modo nos houvemos que d'uma e outra coisa deixamos fama por esse mundo fóra. Lope de Vega allude n'uma das suas comedias ao genio amoroso dos portuguezes. Sismondi escreve no primeiro volume da

Littérature du midi de l'Europe: — «A prodigiosa actividade que os portuguezes desenvolviam n'esta epoca (D. João I) andava de par com as mais ternas paixões, com os delirios mais incendidos; sempre occupados da guerra e do amor, dividiam o tempo entre o culto da poesia e o culto da gloria.» Fomos o povo das cavallarias e dos cavalleiros, da *Ala dos namorados* e da *Madresilva;* tambem tivemos um rei Arthur em D. João I. Este pendor amoroso, de que fallam chronicas e rimances, está ainda no coração portuguez, porque o genio d'um povo só com esse povo succumbe, mas a verdade é que perdeu muito da poesia lendaria com que andava celebrado. Nem armas nem amores dão mostras de assignalar uma proxima epoca de gloria na historia portugueza.

O fim que a sociedade moderna se propõe não é simplesmente — amar e combater. Não. A sociedade portugueza labuta, negoceia, faz politica, e porque tem ainda coração portuguez, ama tambem, mas tem arrastado o amor por uns paradeiros ridiculos onde elle nunca devêra chegar em terras de Portugal.

É preciso encaminhar a mocidade portugueza a uma regeneração de costumes, porque no dia em que perdermos a nossa individualidade amorosa, não estaremos longe de perder a nossa individualidade politica. Quando o coração arrefece, extingue-se a vida. Mais adeante mostraremos esta decadencia da alma portugueza; por emquanto vamos seguindo derrota.

Uma carta d'amor é sempre uma folha de papel côr de rosa ou verde, branco que seja, porém d'uma

só côr, porque se conheceu finalmente que o papel lavrado de rendilhagens era apenas cabido nas bocêtas de murcellas e amendoas. As freiras d'Odivellas, estonteadas pela influencia ridicula da côrte de D. João v, deviam escrever em papel de recortes e matizes. Nós, que temos acompanhado a evolução das sociedades intermediarias, devemos rir-nos das pieguices freiraticas de convento.

Escreve-se ao namoro, como se escreve a um amigo: n'uma folha de papel de côr — ou branco simplesmente. É preciso ter, porém, em vista que seja fino, o mais fino possivel, de modo a fazer lembrar as macias azas da pomba; creio até que seja a pomba o passarinho a que se allude na trova:

Meu amor, se te prenderem,
Escreve-me do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.

É indispensavel tambem que o papel rescenda a algum vago *sachet*, para que depois da carta lida fique ainda uma sensação agradavel — o aroma.

O logar conveniente para guardar a mysteriosa correspondencia é o cofresinho de tampa d'espelho forrado a marroquim, onde se guardam os frascos de cheiro e as pomadas, as violetas seccas e os rebuçados de baile.

Entremos agora no contheudo das cartas.

Nas primeiras que se trocam o artificio consiste em não se dirigir a gente directamente á pessoa a

quem escreve, e em não usar d'um tratamento claro. Se porém n'um relanço da epistola é indispensavel um vocativo, cumpre fugir do perigoso cachôpo em que naufragam ridiculamente uns namorados anachronicos que por ahi ha, vesados ao rançoso *vós*, coevo dos alambicados sonetos que a escola italiana desterrou para as profundezas do tártaro.

Esses taes teimam ainda em remodelar a sua correspondencia amorosa por esta bitola epistolographica:

« Senhora! Se vós soubesseis o muito que por vós tenho soffrido desde que dos vossos labios recebi o saudoso adeus!!! »

A medicina prohibe expressamente a leitura d'essas cartas, cuja consequencia inevitavel é uma desafinação irritante do systema nervoso. Isto não faz rir; incommóda. Por que não ha de deixar-se espanejar desafogadamente a penna?

Poucos dias depois (o Amor tem azas; não corre, vôa) toma-se pé e ganha-se confiança: chega o momento do — tu — insensivelmente.

O — tu — é a verdadeira linguagem do coração que, nos seus extasis amorosos, tende a desmarcar-se dos limites da cortezia impertinente das salas. Na hora em que dois corações se identificam definitivamente, começa-se uma vida intima, que não tem nada que vêr com as pragmaticas enfadonhas da etiqueta palaciana.

Posto isto, a norma das cartas é invariavel.

Depois de se fallar do amor, da esperança e do futuro, falla-se do futuro, da esperança e do amor,

reservando-se a ideia predilecta para o ultimo periodo, como dizia o Garrett, quando não seja para o *post-scriptum*. A ideia predilecta é por via de regra — a hora da entrevista, a promessa que é preciso tornar a lembrar-se, o compromisso que se não deve deixar esquecer.

Um peccado de lesa-rethorica, bem sei eu, é deixar de arredondar os periodos ; um peccado, porém, de lesa-coração é arredondal-os n'estas cartas, das quaes se pode dizer o que Alfredo de Musset dizia d'um livro seu :

> Ce livre est toute ma jeunesse ;
> Je l'ai fait sans presque y songer ;
> Il y parait, je le confesse,
> Et j'aurais pu le corriger.

Nas cartas d'amor a desordem é o essencial. Que importa que se interrompa o pensamento capital com outro pensamento não menos querido ? Disse-se o que se tinha a dizer, eis tudo.

O *bilhete* é com certeza uma das formulas mais sympathicas da epistolographia amorosa. O *bilhete* resume uma confidencia intima, uma lembrança subita, uma recommendação imprevista, um devaneio, um suspiro talvez. É tão intimo, tão das pessoas que o trocam, que se escreve n'um pedacinho de papel, como se escreve um pensamento na folha d'uma carteira.

Ah ! mas talvez que d'aqui a pouco tempo nem

já se escrevam, n'esta lingua melodiosa que nós fallamos, os perfumados *bilhetinhos* em que resumimos os mais suaves mysterios da nossa alma! A decadencia é sensivel, e a queda affigura-se-me inevitavel, a não ser que um novo Eremita saia a recrutar n'este reino soldados gentis para a futura cruzada dos amores. Digo isto em descargo de consciencia; — faço o que deve todo o homem á sua patria. Relaxado o coração nacional, o paiz, este paiz onde primeiro amamos e sorrimos, deixar-se-ha corroer da gangrena fatal, e na historia dos povos escreverá o derradeiro portuguez este verdadeiro epitaphio:

AQUI JAZ PORTUGAL,
A PATRIA DOS NAMORADOS E DOS GUERREIROS,
QUE DEIXARAM EMBOTAR AS ARMAS
E DERRANCAR-SE O CORAÇÃO.
VIVERAM LARGA VIDA DE VICTORIAS
E AMORES, MAS NO DIA EM QUE PERDERAM
AS CRENÇAS DEIXARAM DE TER VALOR.
SUCCUMBIRAM. QUE O SEU EXEMPLO
APROVEITE Á HUMANIDADE.

A origem da nossa epistolographia amorosa remonta-se á fundação da monarchia. É um guerreiro que escreve á sua dama esses versos rudes que preludiavam auspiciosamente os raptos lyricos dos poetas namorados.

Nas cartas d'Egas Moniz presente-se essa vigorosa efflorescencia que mais tarde desabrochou no co-

ração nacional. Isto é primitivo, mas profundamente sentido, e revela a melancolia caracteristica do amor portuguez, quando duas almas, consubstanciadas n'uma só, são violentadas a dividir-se:

Fincaredes bos embora
Taom coitada
Que ei boime per hi fora
De longada.

O espirito lusitano naturalmente tendia a levantar a epistolographia amorosa a um periodo de notabilissimo esplendor. As *cartas amorosas* da Religiosa Portugueza reclusa n'um convento de Beja, dirigidas ao conde de Saint-Leger, levaram ao extrangeiro noticia do muito que nós sabiamos distinguir-nos n'este formoso genero de litteratura epistolar.

A corrupção dos costumes arrastou comsigo a corrupção dos sentimentos, e a epistolographia amorosa foi decahindo até ao extremo de assoalhar-se diariamente nos jornaes d'annuncios. Esta publicidade mata o mysterio que não obstante se pretende conservar — o mysterio proprio do amor.

Ha sempre um curioso que seguindo as indicações confusas do jornal chega a desvelar o segredo.

D'antes era na solidão que o amor irrompia do peito em lavas candentes.

Abélard escrevia a Heloisa: «A solidão, que de industria busquei, como remedio para me curar d'esta fatal paixão, torna-se em veneno, e faz que d'al não

cure, senão de ti; tu só me enches o coração e me captivas a vontade...»[1] Agora, n'esta epoca de decadencia, o amor desembuça-se á vista do publico e, como é fementido, refoge da solidão, que é onde o verdadeiro amor se compraz no deleite de si mesmo, e nos seus proprios gosos espirituaes.

Peguemos ao acaso n'um jornal. Sahiu-nos o *Diario de Noticias* de 22 d'agosto. Bem. Por elle poderemos aferir o estado lamentoso da epistolographia amorosa portugueza n'este anno da graça de 1871:

«ESTRELLA, DOMINGO 20

Ó fatalidade!!! não me foi possivel tornar a vêl-a, desde o momento que v. ex.ª me animou com um sorriso de seus labios! Espero me diga como posso escrever ao ente que tanto amo.

Duas perpetuas no frack.»

Basta. É doloroso insistir n'este assumpto que mais nos move a piedade que a interesse.

Concluamos, fallando ao de leve da entrega das cartas, que é o unico ponto que nos falta tratar.

A melhor maneira de as enviar ao seu destino é introduzil-as n'um ramo de flores, já que se não pódem metter sob a aza d'uma ave que servisse de correio como a pomba d'Anacreonte. Isto contenta duplicadamente a mulher. Recebe a carta e recebe flores. É

[1] Traducção de Caetano Lopes de Moura.

mulher e está namorada. Tanto basta para estar poeta. Ambas as coisas lhe agradam.

Oh! mas não esqueçam — por Deus! — que deve a carta ir perfumada.

Uma carta d'amores, vaporando aroma, faz lembrar uma flor.

Não esqueçam...

ANTES D'ALMOÇO

Eia! Já anda o sol fóra! A pé, que estamos n'aldeia.

Procuro o meu chapéo desabado, accendo o meu cachimbo, preparo-me para sahir. Se a minha educação tivesse sido remodelada pelos exercicios do campo, quero dizer, se me tivessem creado um poucochinho á grega robustecendo-me simultaneamente o corpo e o espirito, tiraria da panóplia uma espingarda, deitaria a tiracollo o polvorinho, e os que me encontrassem na serra haviam de reconhecer em mim um caçador ás direitas. Em pequeno, nunca me permittiram manejar armas senão de pau, e essas mesmas eu despresava, porque não me ageitava com ellas. Para que servem as armas? Para matar, pensava comigo mesmo.

Nada. Nem as leis divinas nem as humanas facultam ao homem o direito de matar. Está dito; não quero exercitar armas. E não as quiz nunca.

Vai meado setembro, e só depois do ultimo dia do

mez é que as posturas municipaes permittem a caça. Ora aqui está. Se eu fosse caçador, não resistia á tentação. Pegava na espingarda, e ia bater os montados, infringindo as leis da illustre camara de Sinfães. Era delinquente duas vezes. Eis-aqui mais outra vantagem da minha insciencia venatoria.

Estou capaz de pegar n'um livro para me sentar n'algum cómoro, a lel-o. Tambem não. Não quero que n'aldeia me comecem a chamar philosopho, coisa que eu não sou e espero em Deus que nunca serei.

Irei pois sem arma e sem livro. Lerei no grande poema genésico que enche a terra e o céo. Está resolvido.

A caminho.

*

* *

Vou scismando por ahi fóra. Atravesso uns campos, desço uma pequena encosta ladeada de sebes. D'aqui a pouco estou na planicie que vai mergulhar-se no Douro, e avistarei a Residencia e a Igreja no alto da serra que fica sobranceira á planicie.

As amoras parece ouvirem-me os passos, e espreitam d'entre o tapume verde das sebes. Já sei que são curiosas as amoras, por isso não faço reparo. Lá tinham suas razões os philólogos quando lhes deram logar no sexo feminino... Cuido ouvir passos atrás de mim. Volto-me. Dou de rosto com uma pastorinha que vem caminhando afadigada com um taleigo á cabeça. E o caso é que o taleigo parece maior que ella! Edu-

cação dos campos, bem hajas tu, que és rude e proveitosa. A mais lépida e gentil menina, das que frequentam collegios no Porto, sentir-se-hia morrer se lhe puzessem aos hombros tão volumoso fardo. Lá se fosse um chapéo, grande, pesado, enorme, á-la-moda, não se affrontava, isso não.

— Salve-o, Deus! sauda a pastorinha.

— Bons dias, respondo eu.

E como ella me passasse adeante para seguir seu caminho, apostropho-a:

— És d'aqui?

— Não, senhor; sou de Paiva.

— Vais ao moinho?

— Sim, senhor, vou.

— Como te chamas?

— Innocencia.

E andou sempre.

Eu fiquei a pensar. Bem sabia que a innocencia não póde ser maior; isso não me surprehendeu. Fiquei a pensar n'outra coisa — que a pastorinha devia mudar de nome... logo que crescesse...

*

* *

D'esta vez já cá não encontrei as andorinhas. Sahi do Porto dias depois d'ellas partirem, e mais uma vez averiguei que sempre com ellas emigra para mais lucidas espheras a alma d'um poeta que succumbe á melancolia do outono. Este anno, as andorinhas e a

alma de *Julio Diniz* partiram ao mesmo tempo. Estava a natureza de luto, e a litteratura tambem.

Era um dia triste, grosso, chuvoso. As andorinhas poisáram em bando nas cornijas musgosas da igreja de Cedofeita. Estavam a discutir provavelmente a necessidade de emigrar, a combinar talvez a hora da partida. Michelet, no seu formoso livro denominado *L'Oiseau*, cita um exemplo eloquente d'estas discussões animadas das andorinhas momentos antes da partida. As pobresinhas sacudiam, tremendo, os pingos d'agua que lhes emperlavam as pennas. Estavam amedrontadas da nebrina. Deviam partir. De repente reboam os eccos do campanario com uma toada lugubre. Era a voz do sino que annunciava o passamento de Gomes Coelho. Não pensáram mais um momento, não reflectiram sequer.

Partiram em direcção ao mar, atravessando os campos.

As que vieram hospedar-se nas regiões alpestres do Douro emigráram talvez no mesmo dia. Se passo por algum velho casebre, descubro um ninho vasio.

Tenho sincera pena de as não encontrar ainda. Diz a historia que Cecina, quando jornadeava, levava comsigo andorinhas, que soltava no caminho, para mandar noticias aos seus. Serviam-lhe de correio as andorinhas. Agora, se voejasse uma perto de mim, confiar-lhe-hia um beijo para minha filha, que ficou dormindo no berço quando eu sahi.

*

* *

Lobrígo uma figura d'homem a distancia. Talvez um trabalhador que vai para os campos. Pobres homens, os camponezes, que só descansam na sepultura!

Conheço o caminheiro; já sei quem é. Aproxima-se. É o Jacinto, um pobre diabo que joga o que tem e o que não tem. Era capaz de jogar a alma, se encontrasse na taberna Satanaz. Vem macillento, curvado, triste. Está velho, e ainda outro dia era um moço. São as ruinas do vicio.

— Olá, Jacinto! Pareces doente!

— Doente e pobre, senhor.

— Tambem. Mas o trabalho é riqueza. Vais para a faina?

— Não tenho quem me dê pão a ganhar. Comecei a fraquejar com queixa de peito. O feitor despediu-me, e metteu outro homem.

— E os teus filhos? E a tua mulher?

— Soffrem o que eu soffro, senhor.

— Não. Soffrem mais. Vêem-te perdido e não te pódem salvar. A fome é o menos, por que decerto os pobresinhos desejam morrer. Diz-me o coração que vens da taberna, e que perdeste as ultimas migalhas da tua familia. Falla verdade, Jacinto.

O pobre homem crava os olhos no chão, e não responde.

— Vai, desgraçado, que voltas da taberna á hora

em que todos se levantam para o trabalho. Se fosses só, eras apenas responsavel da tua vida. Mas os teus filhos que não teem pão? Vai, vai com a tua dôr e com a tua desgraça. Lembra-te ao menos das minhas palavras, durante o dia d'hoje. Uma hora d'alegria hei de dal-a á tua choupana. Quero ter tambem uma hora de contentamento. Vê tu a differença que ha entre a pobreza que trabalha, e a pobreza que joga! Uma enxuga as lagrimas. A outra... chora e definha-se.

*
* *

Que ha de mais horroroso que o jogo?

Deixem-me contar-lhes o sonho d'uma noite. Desde então, eu, que nunca joguei, detesto o jogo.

Tinha batido meia-noite. Estava o céo escuro, e havia um frio glacial. Passava na rua um homem embuçado n'um amplo capote. Era talvez um ladrão. Viu-me, e convidou-me a seguil-o. Quasi sem consciencia do que fazia, acompanhei-o. Andamos, andamos, e entramos finalmente n'uma casa cuja escada era escura como aquella noite. Ouvia-se tinir dinheiro, e um tenue rumor de vozes cautelosas. Subimos. Era uma casa de jogo.

Havia homens em redor d'uma vasta mesa. Acotovelavam-se, espreitavam uns por cima dos hombros dos outros. Poucos semblantes estavam radiantes d'alegria. Eram quasi tudo faces escaveiradas e sombrias. O homem que me acompanhava atirou a sua bolsa

para cima d'uma carta. Ganhou. Pareceu impassivel. Dobrou a parada. Ganhou. Treplicou-a. Ganhou. Vi-o fazer um movimento ligeiro. Pensei que ia levantar-se para sahir. Pegou no dinheiro com ambas as mãos. Alguns jogadores seguiam com ávido olhar o oiro que lhe scintillava entre os dedos. Elle, tranquillo e altivo, poisou todo aquelle dinheiro sobre outra carta.

O banqueiro descórou. Houve um murmurio geral. O jogador perdeu. Ficou ainda impassivel. Tirou do dedo o annel, e jogou-o. Era o desespero, a ancia da desforra.

Sahi horrorisado. Tenteei a escuridão das escadas. Quiz-me parecer que tinha ouvido gemidos, e que o meu pé encontrára um corpo. Quem é? perguntei offegante.

— Sou eu, a *Coruja das escadas.*

— Quem?

— A *Coruja das escadas.* O senhor não me conhece decerto. Sou a viuva d'um homem que se perdeu n'esta casa. Estou á espera que saiam os jogadores felizes, para lhes pedir esmola. Venho aqui todas as noites. Por isso me chamam a *Coruja das escadas.*

Recolhi-me. Não pude dormir n'essa noite. Tinha deante dos olhos o quadro horrivel. Esperei ancioso a claridade do dia. Abri a janella. Um raio de sol doirou a cabecinha loira de minha filha.

Sentei-me á banca, e trabalhei com extrema coragem, abençoando o Trabalho.

*

* *

Cá estou no valle.

A Igreja e a Residencia campeiam no alto.

Atravesso nas poldras um ribeiro. Sinto perto uma colmeia no quinteiro d'uma herdade, que se debruça sobre o caminho. Passo respeitoso por aquelle pequenino Estado d'um povo alado e trabalhador. Se a colmeia não fôra uma verdadeira monarchia, lembrar-me-hia da Suissa que é o paiz mais pequeno e mais activo que eu conheço.

Onde quer está a philosophia! penso eu.

Aqui me podia deixar ficar a fazer considerações opportunas e importunas. Não quero ou não sei. Lembro-me, porque não posso obstar a isso, do philosopho Aristomachus que viveu largos annos a estudar uma colmeia; de Virgilio que doutrinou sobre as abelhas; d'Alphonse Karr que deu palmatoadas em Virgilio por enganar a gente; de Méry que na *Comedia dos animaes* mostrou até onde chega o espirito autonomico das abelhas, introduzindo no cortiço um caracol que ellas expulsaram com mais patriotismo do que nós expulsamos Berésford; e lembro-me finalmente de Thomaz Wildman, o celebre domesticador d'abelhas.

Vou seguindo caminho. Subo a encosta do outeiro imminente, e acho-me a dois passos da abbadia.

Eil-o o jardimsinho de roseiras, plantado n'uma quebrada pelo abbade, que é um homem de gosto. Já aqui estive d'uma vez e encontrei as roseiras floridas. N'esse dia, lembro-me bem, baloiçava-se n'uma rosa uma aranha enorme, negra, hedionda. E eu pas-

sei adeante abençoando o creador da flor e do arthrópodo. Agora, despido o roseiral, não me detenho, mas, por me lembrar o incidente, vou pensando que se não foram as aranhas, não seria tanto para admirar a belleza das rosas. E passo tambem adeante, abençoando o Senhor das alturas!

*

* *

A Igreja...

Saudo-te, templo rustico da serra, que, voltado ao occidente, dominas a solidão. O teu campanario alvejante, ainda quando silencioso, denuncía ao peregrino que elle não está desacompanhado n'estas paragens agrestes e ermas.

O christianismo encheu o deserto d'amor e de vida, levantando a cruz e o altar no vértice de alcantiladas montanhas. O mais trabalhoso passo dos fragoedos, que se nos affigura intransitavel, vence-o a chusma piedosa dos camponezes quando do topo da colina desce ás povoações convisinhas a voz melodiosa do sino que chama á oração ou ao santo sacrificio.

Não foi conquistado á custa de sangue o terreno onde n'esta aldeia braços rudes e vigorosos cravaram, e para sempre, a haste da cruz. Não houve lucta, não se pelejaram combates de vida ou morte, não cahiram soldados mal-feridos no campo de batalha. Não ha nem houve mais pacifica victoria, mais amo-

*

roso triumpho. Os aldeões espontaneamente jungiram suas manadas e á porfia carreáram materiaes com que levantassem no meio da solidão um throno inabalavel para a sacratissima realeza da cruz.

E despedaçam-se os povos, e rolam no lodo das praças os sceptros e as coroas, e a plebe desenfreada retalha e apupa a purpura dos réis, e o sangue dos combates engrossa e enrubece a corrente dos rios, e as nações comprimem-se ou dilatam-se ao capricho dos homens, mas permanece de pé, altivo em sua humildade, grande em sua singeleza, o imperio do christianismo, dando conforto aos vencidos, abrandando o orgulho dos vencedores, esmolando o pobre, enxugando as lagrimas da viuva, acalentando o orphão, e expondo aos temporaes da serra e da humanidade a cruz tosca e humilde que nem uns nem outros ousam apear do pedestal secular.

Saudo-te, ó cruz do Redemptor, que distendes os braços no descampado para que se saiba que não ha solidão que tu não abarques.

Saudo-te, bronze saudoso da montanha, que espalhas a tua voz ora alegre, ora plangente, sobre as aldeias que tranquillamente trabalham e repousam á sombra do teu campanario.

Saudo-te, ó altar singelo e formoso, onde rescendem flores do campo colhidas por mãos que jámais se erguerão para desfolhal-as irreverentemente.

Religião que és balsamo e companhia, que és esperança e amor, porque tambem és caridade, bemdita sejas!

*
* *

Fóra da igreja, quasi á porta, avulta um cómoro que denuncía uma sepultura.

Jaz alli o cadaver d'um suicida. Os outros camponezes, que o respeitaram em vida, e que morreram depois d'elle, dormem o somno eterno sob o pavimento da nave. Sobrepostas aos quadrados que, no interior do templo, demarcam as valas, apparecem ao domingo recordações saudosas — crepes e flores.

A campa do suicida é desprezada, esquecida, ninguem se detém a contemplal-a, ninguem lhe dá um Padre Nosso, um olhar sequer. Os camponezes passam por ella açodados como se presentissem os miasmas da putrefacção.

A historia d'este homem, cuja memoria é maldita, não leva muito tempo a contar-se. Era casado e tinha um filhinho que lhe era suprema felicidade nas vicissitudes da vida. Vivia honradamente, e era estimado. Um dia, homem e mulher fôram para a sacha. Perto, á sombra d'uma arvore, estava a creança deitada dentro de uma canastra. Como a ouvissem chorar dolorosamente, apostrophou o lavrador á mulher:

— Vai vêr o que o pequeno tem.

— Não tem nada. Vou já.

E demorou-se entretida a trabalhar. O pobre homem, mais extremoso ou menos soffrido, vai direito ao sitio onde o filho estava, e vibra um grito dilacerante.

Uma cobra, que se introduzira na bocca da creança, matara-a despercebida. O lavrador, n'um impeto de desespero, sacudiu a enxada; o ferro bateu na cabeça da mulher, que se aproximava, e prostrou-a. Então, relanceando um olhar áquellas duas victimas d'uma fatalidade sem nome, levantou ás mãos ambas a enxada e dexou-a cahir sobre o craneo.

Os cadaveres da mulher e da creança tiveram sepultura na igreja; o d'elle enterraram-n'o alli, e baixou á terra sem responsos.

Christo, que era filho de Deus, expirou na cruz entre dois ladrões, mas o povo d'aldeia levantou-se em massa, com receio de ter a seu lado, no leito eterno, o cadaver d'um grande infeliz, cuja desgraça mais inspira compaixão que desprezo. O parocho esteve coacto durante um dia, e o fanatismo selvagem, que se empenha em desvirtuar uma religião toda perdão e amor, consummou a obra da sua ferocidade.

Eu fui educado na religião de meus pais, eu professo-a, eu amo-a, eu admiro-a, mas não posso passar adeante sem lançar uma bonina sobre esta sepultura que todos desprezam. Onde quer que estás, grande infeliz, ouve-me, que se as orações chegam ás regiões da eternidade, tambem lá escutarás estas palavras de compaixão que te envio: «Aqui tens a primeira e unica recordação dos homens que te honraram, e que por elles será amaldiçoada amanhã.»

E arremesso ao cómoro um punhado de flores amarellas cujo nome ignoro.

*

* *

Ouço um tinir estridulo de campainhas, a distancia. Veio opportuno o incidente que me desviou o espirito de tristes meditações. Desço rapidamente a colina para ir esperar ao caminho o correio, um arremedo de postilhão, que vem encavalgado n'um burrinho lazarento — uma caricatura viva.

Sinto-me alegre, ancioso de ter noticias da minha terra. Tenho ainda tempo de carregar o cachimbo. Accendo-o. Tiro duas fumaças, e chega o postilhão.

— Olá! as minhas cartas, os meus jornaes?

Recebo uma e outra coisa. O postilhão abála. Primeiro abrem-se as cartas, que foram escriptas para nós; depois lêem-se os jornaes, que foram escriptos para todos.

Relanceio ainda um olhar ao correio e vejo o pobre animal em que vai montado trepando pacientemente por fragoedos. Sinto-me contente de ter feito justiça algum dia, elogiando o burrinho [1] e ao mesmo tempo me contristo por ter desgostado com similhante escripto o snr. Adriano Anthero, auctor dos *Réprobos*, e de muitas criticas.

*

* *

[1] 1.º vol., pag. 301 — *Episodio do burrinho*.

Abro um jornal e depara-se-me a noticia do passamento de Rebello da Silva.

Sinto-me subitamente tomado da tristeza e do respeito que nos inspira a morte d'um homem notavel. Encurto o meu passeio matutino, e sigo caminho de casa. Uma lagrima á tua memoria, orador ardente e audaz, cujo verbo animado pela centelha mysteriosa da eloquencia denunciava as palpitações vigorosas d'uma existencia robusta e varonil. E apagou-se a chamma, e arrefeceu o braço infatigavel, e estancou-se a torrente scintillante e férvida da palavra de Rebello da Silva!

Ó morte! como são tristes o teu silencio e o teu repoiso...

E n'isto reboa pela quebrada a voz alegre e san d'uma pastorinha que eu não vejo sequer. É um convite á vida, á esperança, um raio de sol que atravessa as nuvens ligeiras da minha mocidade.

Impressionou-me a ideia de se ter aberto um tumulo; chego a casa, ólho em roda, e vejo um berço. Sinto-me rejuvenescido.

Bemdito sejas, Senhor, que déste as rosas da infancia para embeberem as lagrimas da saudade...

Quinta de Villa-Verde,
30 de setembro de 1871.

FIM

NOTAS

NOTA A

Pag. 233

O padre Francisco de Paula Mendes falleceu a 20 de novembro de 1870.

A imprensa do paiz rendeu espontanea e sentida homenagem á sua nobilissima memoria. Consagráram-lhe artigos o *Primeiro de Janeiro, Commercio do Porto, Progresso do Porto, Diario Mercantil, Jornal do Commercio, Revolução de Setembro, Commercio de Vianna,* etc.

Foi para nós motivo de dolorido jubilo vêr que se não deixava nua de corôas e *bouquets* a lousa d'aquelle homem, que tinha sempre palavras de benevolencia para os vivos e lagrimas de saudade para os mortos. Foi elle quem no *Jornal do Porto* escreveu a necrologia do infeliz Arnaldo Gama pouco depois de haverem discutido ao tempo em que este escriptor redigia o *Jornal do Norte.*

A necrologia, em que Francisco de Paula Mendes honrava a memoria do seu contendor, dizia assim:

«*Arnaldo Gama!...* Em muitas e mui apreciaveis producções litterarias estava já inscripto esse nome tão breve e tão euphonicamente sympathico.— Chegou a hora de se inscrever n'uma lapida funeraria!

Arnaldo Gama terminou a sua peregrinação na ter-

ra; que peregrino era elle no meio do prosaismo d'este mundo.

Alma de poeta, infantilmente candida e ao mesmo tempo incendida no fogo do enthusiasmo que se não accommoda no apertado recinto dos moldes convencionaes; espirito arrojadamente imaginoso e cheio de solida erudição, Arnaldo Gama traduzia na sua entidade moral os dotes do seu talento litterario.

Naturalmente inclinado a olhar pelo prisma da poesia as cousas do mundo, a sua passagem por entre os homens foi uma lucta quasi constante com as positivas exigencias da vida social. Mas jámais lhe esmoreceu o animo ou lhe desfalleceram as crenças.»

.....

(Vêr o *Jornal do Porto* de 31 d'agosto de 1869).

NOTA B

Pag. 257

Como desenvolvimento ao que deixamos dito sobre a devoção que a alma de Almeida Braga inspira ao povo bracarense, transcrevemos do *Jornal do Porto*, de 8 de setembro d'este anno, um fragmento da correspondencia de Braga em que se aprecia com immerecido louvor o que do mesmo escriptor disseramos dias antes no citado jornal, e agora deixamos ampliado n'este livro.

(Braga 6 de setembro de 1871).

«Foi aqui lido com muito interesse um folhetim que o snr. Alberto Pimentel publicou ultimamente n'este jornal, debaixo do titulo — *Fragrancias d'um tumulo.*

Esta producção depõe muito em favor da intelligencia e reputação litteraria do snr. Pimentel. É uma recordação saudosa de Almeida Braga, do cantor das excelsas virtudes da Virgem e das glorias mais radiantes da patria.

E era effectivamente poeta inspirado. Almeida Braga, durante a sua curta vida, não fez mais do que exaltar a religião do seu Deus, as glorias do seu paiz, dizendo:

Portuguez nasci n'aquella
Terra do grande cantor;
Sei o que deve por ella
Quem nasce aqui trovador:
Deve cantar n'esta vida
A sua terra querida
E a sua religião.
Hei de cantal-as na lyra,
Cantal-as e sem mentira,
Cantal-as do coração.

Os cantos religiosos e patrioticos d'este desditoso poeta, que deixou o mundo quando as musas o cortejavam, eram melodias filhas dos nobres sentimentos do seu coração, que lhe deram a opinião de bemaventurado, um conceito de justo, e tanto assim que lá está no cemiterio sobre a terra que o cobre — o *tumulo do escriptor sancto recamado de boninas fragrantes, e dispostas pela mão da piedade christã.*

Não é só em derredor do jazigo que está no alinhamento publico, e em volta da humilissima lousa que modestamente contém um epitaphio escripto por um amigo do finado, que se vêem ramilhetes de lindas camelias, saudades e goivos que alli vegetam.

É tambem junto d'uma inscripção, pregada na pa-

rede do cemiterio, onde está escripto o nome do auctor da *Grinalda,* d'esse que na vida escreveu a *Desgraça e ventura* [1], que se vêem testimunhos authenticos de piedosa recordação do nome d'Almeida Braga.

Esses testimunhos lá estão claramente patentes nas offertas de cera e coroas de flores contrafeitas. Quer dizer isto, que o povo crê piamente e diz que a alma do *infeliz poeta tem a sanctidade precisa para por intervenção do seu Deus poder operar milagres* ».

Á presente edição quero juntar a seguinte apostilla: Almeida Braga publicou tambem: *Melodias,* cantos da adolescencia (1859); *O fructo da obediencia,* drama em 3 quadros (1860); *O primeiro acto,* drama, introducção ao *Ultimo acto* de Camillo (1861); *Carlos,* drama em 1 acto (1862); *Magdalena,* poema (1863); *O christianismo e o seculo,* resposta a Renan (1864), o *Anjo da mocidade* (1868) e muitos artigos e poesias que andam dispersos.

NOTA C

Pag. 319

Como compositor, Marques Pinto deixou duas operetas, para as quaes escreveu tambem a lettra. São « Um milagre á beira-mar » em 1 acto, e « North Bull o explorador », em 3 actos, ambas ellas cantadas nos theatros do Porto.

Alem d'estas composições, e das que já mencionamos, deixou mais umas variações sobre a opera *Aida,* um

[1] *Grinalda.* Cantos da juventude por Almeida Braga; e *Desgraça e ventura,* titulo d'um drama que escreveu.

Hymno a Camões, e um *Concerto*, que foi dedicado a el-rei D. Luiz, e existe em autographo na bibliotheca da Ajuda.

As phantasias sobre motivos populares foram trez.

Outras mais composições deixaria, mas d'ellas não temos conhecimento.

O sr. Ernesto Vieira, no seu aliás excellente *Dicc. biog. dos musicos portuguezes*, erra a data do fallecimento de Marques Pinto.

Elle morreu a 19 de *março* de 1888, e não de *abril*.

INDICE

		PAG.
I	Historia d'uma loira	11
II	A roseira de Clarice	21
III	O segredo dos dominós	27
IV	Por causa da guerra	129
V	As estrellas	149
VI	Os funeraes da Lé-lé	189
VII	Viagem ao Bussaco	197
VIII	Corôa de perpetuas	233
IX	Paloma	245
X	Um escriptor portuguez .. Santo	253
XI	Um episodio da vida de Castilho	265
XII	O piano d'Elvira	269
XIII	Para os infelizes	279
XIV	Retalhos do folhetim	295
XV	Excerptos d'uma biographia	319
XVI	Das cartas dos namorados	337
XVII	Antes d'almoço	347
NOTAS		361

U.C. BERKELEY LIBRARIES

C003302923